

SERGE HUTIN

# HISTÓRIA DA ASTROLOGIA



COLECCÃO



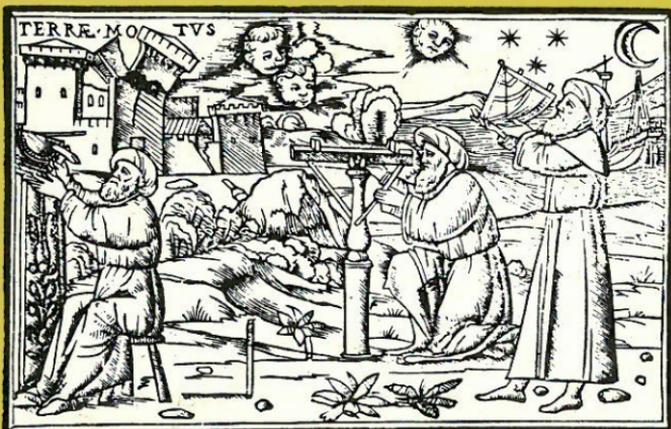
ESFINGE

edições  
70

Confundindo-se até muito tarde com a astronomia — astrologia e astronomia permanecem estreitamente ligadas até fins da Idade Média —, integrada, até ao século XVII, ao lado da aritmética e da geometria, no ensino das universidades europeias, a astrologia conhece hoje um recrudescimento espectacular de popularidade em todo o Ocidente, depois do seu declínio nos dois séculos passados.

Que é a astrologia? Quais são as suas raízes? Que crédito merecem as suas alegadas pretensões científicas? É admissível, para o espírito racionalista de hoje, que o destino dos homens esteja inscrito nas estrelas e planetas?

Serge Hutin examina neste livro os dados do problema que põe a existência desta actividade milenária, desde os astrólogos da remota Antiguidade até hoje, analisa as relações entre a astrologia, a religião e a ciência, esboçando ainda as principais bases de argumentação contra e a favor da astrologia.



*Os domínios do mistério  
prometem  
as mais belas experiências*

Einstein

COLEÇÃO  ESFINGE

- 1 — HISTÓRIA DA ASTROLOGIA, por Serge Hutin
- 2 — OS EXTRATERRESTRES NA HISTÓRIA, por Jacques Bergier
- 3 — O OURO DOS ALQUIMISTAS, por Jacques Sadoul
- 4 — O MISTÉRIO DAS CATEDRAIS, por Fulcanelli
- 5/6 — HISTÓRIA DA MAGIA, por Kurt Seligman
- 7 — O LIVRO DOS MUNDOS ESQUECIDOS, por Robert Charroux
- 8 — OS ENIGMAS DA SOBREVIVÊNCIA, por Jacques Alexander
- 9 — O OCULTISMO, por Papus
- 10 — OS DOMÍNIOS DA PARAPSIKOLOGIA, por H. Larcher e P. Ravignani
- 11 — STONEHENGE, por Fernand Niel
- 12 — ESTAMOS SÓS NO COSMOS?, por A. Pontmann, J. Illies e outros
- 13 — ARQUIVOS SECRETOS DA FEITIÇARIA E DA MAGIA NEGRA, por François Ribadeau Dumas
- 14 — TRATADO DA PEDRA FILOSOFAL, seguido de O PILOTO DA ONDA VIVA, por Lamsprink e M. Eyquem du Martineau
- 15 — AS MANSÕES FILOSOFAIS, por Fulcanelli
- 16 — O GRANDE E O PEQUENO ALBERTO
- 17 — OS 13 PANTÁCULOS DA FELICIDADE, por Kersaint
- 18 — MANUA PRÁTICO DE ASTROLOGIA, Joëlle de Gravelaine
- 19 — CARTAS E DESTINO, por Hadès
- 20 — A ARQUEOLOGIA MISTERIOSA, por Michael-Claude Touchard
- 21 — OS GRANDES LIVROS MISTERIOSOS, por Guy Betchel
- 22 — SETE, O NÚMERO DA CRIAÇÃO, por Desmond Varley
- 23 — AS MEDICINAS TRADICIONAIS SAGRADAS, por Claudine Brellet-Tueff
- 24 — A CIÊNCIA PERANTE O DESCONHECIDO, por F. L. Boschke
- 25 — A CHAVE DA TEOSOFIA, por H. P. Blavatsky
- 26 — A TRADIÇÃO HERMÉTICA, por Julius Evola
- 27 — TRATADO DA REINTEGRAÇÃO DOS SERES, por Martinets de Pasquallys
- 28 — A CABALA E A TRADIÇÃO JUDAICA, por R. de Tryon-Montalembert e K. Hruby
- 29 — OS ROSA-CRUZ, por J.-P. Bayard e P. Montloin
- 30 — A MAGIA DOS NÚMEROS, por Jorg Sabellicus
- 31 — A HISTÓRIA DA PARAPSIKOLOGIA, por Massimo Inardi
- 32 — A TELEPATIA, por Vincenzo Nestler
- 33 — A SINARQUIA, por Jean Saunier
- 34 — A LEVITAÇÃO, por Anna Maria Turi
- 35 — OS CÁTAROS, por René Nelli
- 36 — O ESPIRITISMO, por Jacques Lantier
- 37 — ALQUIMIA E OCULTISMO, por Hermes, Prancelso e outros
- 38 — INICIAÇÃO À ASTROLOGIA, por Leonardo Oliveira
- 39 — O SUFISMO, por William Stoddart
- 40 — CIVILIZAÇÕES SUPERIORES DA ANTIGUIDADE
- 41 — OS GRANDES ENIGMAS DA ARQUEOLOGIA, vários
- 42 — AS PEDRAS E A ESCRITA, vários
- 43 — O SIMBOLISMO DO TEMPLO CRISTÃO, por Jean Hani
- 44 — A CIÊNCIA DOS SÍMBOLOS, por René Alleau
- 45 — AS CIVILIZAÇÕES DO MISTÉRIO, por Sabatino Moscati
- 46 — O REI DO MUNDO, por René Guenon
- 47 — NOS CONFINS DO MUNDO, C. Finzi
- 48 — HISTÓRIA DA FILOSOFIA OCULTA, por Alexandrian
- 49 — O SEXO, OS ASTROS E NÓS, por Huguette Hirsig
- 50 — DEUSES DO PASSADO, ASTRONAUTAS DO FUTURO, por Erich von Däniken
- 51 — GUIA ASTROLÓGICO DA VIDA QUOTIDIANA, por Ariette Dugas e Sylvie Bar-Bennett

**HISTÓRIA  
DA  
ASTROLOGIA**

Título original: *Histoire de l'Astrologie*  
© Éditions Gérard & Co. Verviers (Bélgica) 1970  
Tradução de J. J. Soares da Costa  
Capa de Edições 70

Depósito legal n.º 26703/89

Todos os direitos reservados para a língua portuguesa  
por Edições 70, L.<sup>da</sup>, Lisboa — PORTUGAL

EDIÇÕES 70, L.<sup>DA</sup> — Av. de Elias Garcia, 81 — 1000 LISBOA  
Telefs. 76 27 20 / 76 27 92 / 76 28 54  
Telegramas: SETENTA  
Telex: 64489 TEXTOS P

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,  
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,  
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.  
Qualquer transgressão à Lei dos Direitos de Autor será passível  
de procedimento judicial

SERGE HUTIN

# HISTÓRIA DA ASTROLOGIA



edições 70

*Ao nosso amigo  
Rolland Villeneuve  
homenagem reconhecida*

**INTRODUÇÃO**

***Pró ou contra?***

Aparentemente, toda a gente «sabe» — ou imagina «saber» — o que é a astrologia, esse apanágio misterioso de homens de chapéu bicudo constelado de estrelas.

Interrogado, o homem da rua daria, sem qualquer dúvida, a resposta seguinte: a astrologia pretende fornecer o conhecimento dos meios que, permitindo ao adivinho estabelecer uma relação directa entre os astros e o destino humano (tanto individual como colectivo), lhe dá a possibilidade de conhecer o futuro com uma certeza rigorosa.

Na verdade, duas atitudes se manifestam no público acerca da astrologia. A primeira pode ser ilustrada pelo *slogan* familiar, reivindicado por todos os hábeis negociantes de horóscopos: «*O vosso destino está inscrito nas estrelas e nos planetas.*» Inúmeros seres viverão, assim, num fatalismo quase total, susceptível de formas mais ou menos elaboradas: no final da escala, os humildes que se precipitam, ingenuamente, para os horóscopos do jornal, na esperança de neles encontrarem, finalmente, o anúncio de acontecimentos agradáveis (grandes ou pequenos); a nível mais elaborado o homem de negócios que vai consultar o seu astrólogo sempre que quer tentar uma operação de grande envergadura. Em vésperas de um acontecimento capital da vida afectiva (um casamento, por exemplo), são numerosos (e é compreensível) os homens e as mulheres que gostariam de saber, sem graves riscos de erro, se essa decisão importante estará ou não sob o signo da «sorte». Como qualquer atitude humana este fatalismo ingénuo é susceptível de revestir duas faces opostas (que poderão até, por vezes, coexis-

tir). Quando homens ou mulheres infelizes imaginam todos os acontecimentos desagradáveis ou terríficos susceptíveis (crêem) de os atingir sem que nada possa contra isso, o fatalismo engendra neles uma amargura resignada; em compensação, porque não haveria de ser possível antecipar os acontecimentos agradáveis que o homem da arte «lê nos astros» para os seus clientes? Note-se que a cega confiança popular nas predições astrológicas não é um fenómeno peculiar do mundo ocidental contemporâneo, se bem que se tenha desenvolvido vertiginosamente nas massas mercê da difusão da grande imprensa. Um professor universitário francês que há anos fez uma longa digressão pela Índia ficara, ao princípio, muito espantado por ver, nas grandes cidades, os postos de correios, as grandes empresas, etc., quase vazios em certas horas do dia e repletos noutras sem que os horários de trabalho ou de folga tivessem nisso qualquer influência. A razão? Uma grande parte dos indianos médios seguia com método o quadro detalhado — publicado, todas as manhãs, no jornal — das horas favoráveis e desfavoráveis para todos os períodos do dia.

Mas, contrária à atitude cem por cento favorável (e sem o menor discernimento) à astrologia, há a reacção inversa, tão convicta como aquela. No mundo contemporâneo, os progressos da instrução popular provocaram no público uma difusão bastante larga, apesar de tudo (mas nem sempre profunda), do ideal racionalista. Qualquer doutrina, qualquer ideologia, qualquer sistema tem os seus mestres, os seus adeptos qualificados ... e também a grande massa de seguidores, nem sempre bem informados, mas que invocarão, no entanto, as nobres ideias de que receberam o eco mais ou menos directo. No século passado, Gustave Flaubert, no seu divertido *Dictionnaire des Idées Reçues*, em que maliciosamente se divertira a pôr em fichas os *clichés* de que se alimentava a conversa nos salões da pequena e média burguesia francesa da província por volta de 1840, inscrevia: «ASTRONOMIA — Bela Ciência. Só é útil para a marinha. A este respeito, rir da Astrologia.»

Mas todo o problema se põe: sim ou não, é normal, é sempre justo, rir dos astrólogos? A negação escarninha e sistemática terá sempre razão? É muito fácil rir dos ingénuos que (1), em plena «era atómica», continuam a escrever aos grandes observatórios mundiais para lhes pedir horóscopos. No entanto, será forçosamente um pateta crédulo em superstições medievais aquele que acredita no fundamento da astrologia, nas suas formas nobres?

Por isso é que sábios autênticos evitam confessar aos colegas a sua crença na astrologia, com receio de passarem por escroques, ingénuos ou iluminados (no sentido mais familiar e pejorativo do termo): não convirá escrutar as coisas com mais profundidade?

### Plano da obra

Que é exactamente isto da astrologia, de que toda a gente fala com tanto à-vontade, seja para a exaltar ou para a denegrir sistematicamente? Não seria conveniente fazer um esforço para responder a isso com toda a precisão objectiva desejável? Não é só no domínio das ideologias políticas que as pessoas se batem sem saberem sempre exactamente o que significam as etiquetas altissonantes («fascismo», «comunismo», «democracia», etc.) que ostentam ou odeiam ... Daí a necessidade imperativa, numa primeira parte, de precisar o que podem ser os verdadeiros objectivos e métodos da *astrologia*; em seguida, deveremos interrogar-nos acerca das fontes profundas prováveis desta crença milenária no determinismo astrológico. Com efeito, é sempre proveitoso estudar em profundidade as fontes mais verosímeis (sociológicas e psicológicas) das grandes crenças humanas de base, e as doutrinas, sistemas, disciplinas e artes em que se fundamentam. Só assim poderemos esperar compreender melhor a verdadeira face da previsão astrológica.

---

(1) O facto é rigorosamente exacto.

A segunda parte dará, ao longo dos diversos capítulos, uma exposição histórica, tão atenta quanto possível, que nos levará dos astrólogos antigos e orientais aos seus sucessores europeus da actualidade.

A última parte será consagrada aos problemas, tão espinhosos, das relações (fraternas ou de oposição) entre a astrologia, a religião e a ciência. Depois, confrontando as posições favoráveis aos ataques dos adversários (de diversas tendências), poderemos então esboçar finalmente uma síntese e tentar dar a nossa própria resposta a esta grande interrogação: no fim de contas, que *vale* a astrologia? É uma «sobrevivência» de velhas atitudes supersticiosas ou, pelo contrário, conservará (na condição, evidentemente, de a distinguirmos das falsificações, tão grotescas por vezes) o seu valor para homens do fim do século xx?

Deixaremos, no entanto, ao leitor inteira liberdade de tirar uma conclusão, depois de lhe proporcionarmos o *dosier* histórico dos problemas.

**PRIMEIRA PARTE**

***Apresentação da Astrologia***

## Capítulo I

### OBJECTIVOS DA ASTROLOGIA

#### Que é a astrologia?

*Astra inclinant, non necessitant*, «Os astros orientam, não determinam»: eis um adágio que se tornou clássico aos olhos dos grandes astrólogos do passado. Adágio com o qual o psicólogo e filósofo contemporâneo C.-G. Jung se mostraria plenamente de acordo. No seu livro *L'Homme à la Recherche de son Âme* (Éditions du Mont-Blanc, Genebra), salienta:

«Nascemos num dado momento, num dado lugar e temos, como os vinhos célebres, as qualidades do ano e da estação que nos viram nascer. A astrologia não pretende ir mais longe.»

E, contudo, a tendência do grande público é para acreditar nesta superstição terrível: um determinismo astrológico total, inflexível. Crença partilhada, é facto, por mais de um pensador célebre, como, na Antiguidade grega, Heródoto. Na sua *História* (II, 82), podem ler-se estas palavras: «Observando o dia de nascimento de alguém, prediz-se-lhe a sorte que o espera.» (1)

---

(1) Quanto à extensão que, legitimamente, deveria ser concedida ao determinismo das leis astrológicas, ver a parte III desta obra.

Mas como definir a astrologia? Eis a fórmula curta mas precisa de Marianne Verneuil no seu *Dictionnaire Pratique des Sciences Ocultes* (Mónaco, Les Documents d'Art, 1950, p. 79):

«A astrologia é, de modo geral, a disciplina de descoberta, de estudo e de utilização das relações constantes que existem <sup>(1)</sup> entre o estado e os movimentos celestes e dos acontecimentos, ou processos terrestres.»

Seria, portanto, característico desta arte divinatória o seu fundamento numa correspondência que ligaria o desenrolar dos fenómenos terrestres aos movimentos dos astros visíveis na abóbada celeste. A observação, mesmo rudimentar, do firmamento revela a existência de leis precisas que regem o movimento dos corpos que nele se deslocam; segundo a astrologia, estas leis da abóbada celeste teriam, assim, uma repercussão precisa, certa, reveladora da natureza e do curso dos diversos acontecimentos terrestres: tal é a base geral da astrologia, que se encontrará sempre através das formas e adaptações sucessivas desta ciência oculta ao longo da sua história. Não seria, pois, inútil, antes de qualquer estudo dela, fazer uma exposição rápida e o mais clara possível da forma como se encontraria posto o «fundamento» que a astrologia teria na mecânica celeste. Tratá-lo-emos na sua linguagem especializada mais conhecida (a da astrologia europeia sob o seu aspecto codificado na época contemporânea). Mas tendo em conta as variantes, base verdadeiramente geral do fundamento «astronómico» da astrologia.

---

(1) Nós rectificariámos, prudentemente: «que existiriam».

## Zodíaco e casas

Na sua obra *Le Temps des Kabbalistes* (Neuchâtel, Éditions de la Baconnière, 1966, p. 20), Adolphe-D. Grad, observa:

«A astrologia é a ciência do tempo. Os homens avaliam o tempo em função da marcha aparente do Sol. O ciclo efectua-se num ano, como se o Sol percorresse o círculo da eclíptica. Considerado numa largura de vários graus, este círculo representa, na realidade, uma zona. A zona da eclíptica é o foco de fenómenos energéticos e constitui um verdadeiro circuito.»

Mas há precisões que se impõem. Antes de mais, que é, exactamente, o *Zodíaco*? É, na esfera celeste, o nome dado à zona circular ao longo da qual se movem os planetas do nosso sistema solar, sendo a esfera celeste apenas o volume circular, de raio indefinidamente extenso, elaborado a partir do centro que definiremos do seguinte modo: um dado lugar de onde se contempla o Céu. E o astrólogo estabelecerá a sua *carta do céu*, tomando como centro o lugar de nascimento do indivíduo. Os pólos Norte e Sul da esfera celeste prolongam os da Terra; o equador terrestre e o equador celeste encontram-se, também, situados no mesmo plano.

Consideremos agora a rota anual que, em cada ano, o Sol parece percorrer sobre a esfera celeste; esta rota circula, em vez de se confundir com o equador celeste, encontra-se inclinada um pouco mais que  $23^\circ$  (simplifiquemos o número) relativamente a este. O percurso descrito pelo Sol durante o ano tem o nome de *eclíptica*. É esta que constitui a linha mediana do Zodíaco, separando-o em duas partes de altura igual. E o Zodíaco divide-se, por sua vez, em doze partes, os *signos*, cada um dos quais ocupa na eclíptica  $30^\circ$  de longitude. Cada signo do Zodíaco é frequentemente dividido pelos astrólogos em três subdivisões, chamados *decanos* (porque cada um ocupa  $10^\circ$ ). O Zodíaco forma um círculo completo de  $360^\circ$ . Embora existam esferas celestes em relevo utilizadas pelos astrólogos, muitos destes preferem, por

comodidade, representar o Zodíaco sobre uma superfície plana. A maioria dos astrólogos contemporâneos utiliza a projecção num círculo de 360°; mas existem outras formas (em uso nos países orientais ou na Europa, antigamente) de representação gráfica de um tema astrológico: a disposição em quadrado, por exemplo.

O Sol leva cerca de um mês para atravessar um signo zodiacal. Eis o quadro completo de ciclo anual:

Signo	Graus do Zodíaco	Períodos
Carneiro .....	0° — 30°	21 de Março — 20 de Abril.
Touro .....	30° — 60°	21 de Abril — 20 de Maio.
Gêmeos .....	60° — 90°	21 de Maio — 21 de Junho.
Caranguejo ...	90° — 120°	22 de Junho — 22 de Julho.
Leão .....	120° — 150°	23 de Julho — 22 de Agosto.
Virgem .....	150° — 180°	23 de Agosto — 22 de Setembro.
Balança .....	180° — 210°	23 de Setembro — 22 de Outubro.
Escorpião .....	210° — 240°	23 de Outubro — 21 de Novembro.
Sagitário .....	240° — 270°	22 de Novembro — 20 de Dezembro.
Capricórnio ..	270° — 300°	21 de Dezembro — 19 de Janeiro.
Aquário .....	300° — 330°	20 de Janeiro — 18 de Fevereiro.
Peixes .....	330° — 360°	19 de Fevereiro — 20 de Março.

Representemos também os signos (sem dúvida de origem egípcia e grega) utilizados hoje, comumente, pelos astrólogos ocidentais:

Carneiro		Balança	
Touro		Escorpião	
Gêmeos		Sagitário	
Caranguejo		Capricórnio	
Leão		Aquário	
Virgem		Peixes	

É preciso não confundir os signos do Zodíaco com as estrelas ou as constelações (o Leão, o Sagitário, etc.) que ostentam o mesmo nome. Houve uma época (é inegável) em que os signos do Zodíaco e as constelações com o mesmo nome se encontravam sobrepostos, e não é menos verdade que esta coincidência voltará um dia a manifestar-se no fim do grande ciclo. Para compreender isto, é necessário ter em conta o facto de que, no decorrer dos séculos, o Zodíaco, em virtude de fenómeno solar de lenta periodicidade chamado *precessão dos equinócios*, se desloca lentamente nas zonas celestes das doze constelações. É assim que a Terra se encontra agora na *Era do Aquário* — assim chamada porque o signo do Carneiro se encontra situado na constelação do Aquário (antes, estava na Era dos Peixes). Seria curioso invocar aqui a engenhosa comparação feita pelo astrólogo francês moderno «Dom Néroman»: imaginemos um gigantesco relógio cujo mostrador correspondesse ao Zodíaco e o ponteiro ao eixo dos equinócios (de Primavera e de Outono), situado na intersecção de dois planos (o da eclíptica — órbita da Terra em torno do Sol — e o do equador celeste). O ponteiro daria a volta completa ao mostrador em cerca de 26 000 anos (duração tradicional do famoso «Grande Ano» dos Gregos). Néroman escreveu na *Grande Encyclopédie des Sciences Occultes*, Editorial Argentor, 1947, pp. 130 e 131):

«As constelações zodiacais encontram-se no infinito do céu longínquo, são as *horas pintadas no mostrador* e, de acordo com o uso dos astrónomos, convém designá-las em latim para evitar qualquer risco de confusão. Pelo contrário, os *signos zodiacais* ou hieróglifos encontram-se no nosso habitat humano, que é o sistema Sol-Terra, estão na eclíptica, trajectória da Terra à volta do Sol, estão *pintados no ponteiro*, e convém designá-los em francês [...]. Encontrando-se as constelações no mostrador *fixo*, e os hieróglifos ou ‘signos zodiacais’ no ponteiro *móvel*, tudo o que os con-

funde é erro ou heresia; não coincidem, ou, mais exactamente, só coincidem uma vez em cada volta ao mostrador, ou seja, em cada 26 000 anos.»

Mas o ciclo solar anual não é o único em causa para os astrólogos: um outro ciclo intervém, o do dia terrestre, determinado pela rotação do nosso Globo em vinte e quatro horas. Assim se determina, se constrói, o que se chama a *esfera local*. Imaginemos a marcha aparente do Sol num ciclo de vinte e quatro horas: o horizonte dividiria a esfera celeste numa metade visível e noutra invisível, enquanto o plano meridiano (isto é, vertical) a dividiria numa parte oriental e noutra ocidental, ambas de igual extensão. O Sol levantar-se-á no horizonte oriental (*Ascendente*), culminará ao meio-dia (*Meio do Céu*) e desaparecerá no horizonte ocidental (*Descendente*), e meia-noite corresponderia ao lugar do Sol no meridiano inferior (lugar chamado *Fundo do Céu*). Assim se encontram determinados quatro pontos privilegiados. Mas não é tudo: os astrólogos dividiram a esfera local, assim determinada pela marcha quotidiana do Sol, em doze sectores, as *Casas*, que são de extensão igual no Equador, mas desigual nas outras latitudes. A Casa I começa no Ponto Ascendente, a Casa IV no Fundo do Céu, a Casa VII no Descendente e a Casa X no Meio do Céu.

Certos astrólogos consideram as doze Casas como uma espécie de «Zodiaco terrestre», que se poderia colocar em paralelo analógico com os doze signos zodiacais.

Os planetas visíveis do céu atravessam, simultaneamente, os signos zodiacais e as Casas.

De notar a diferença entre o *signo solar* (o signo zodiacal «sob cuja influência» nasce um indivíduo) e o *signo Ascendente* (chamado mais vulgarmente: o *ascendente*, apenas), nome dado ao signo que se encontra no ponto zodiacal que se ergue no horizonte oriental do tema de nascimento. Com efeito, a rotação do nosso planeta (ou considerando as aparências astronómicas, o movimento diurno do Sol na abóbada celeste) abrange sucessivamente os doze signos solares no decorrer do mesmo dia: é o momento exacto do nas-

cimento do indivíduo num dado lugar que será determinante, desencadeando estas ou aquelas influências. Se o nascimento se dá ao erguer do Sol, então o signo solar e o Ascendente coincidem.

A *Carta do Céu* que o astrólogo elabora pretende ser uma representação exacta da abóbada celeste (lugares respectivos do Sol, da Lua, dos planetas) no próprio momento do nascimento do indivíduo de quem se elabora o tema. A própria palavra *horóscopo* significa literalmente, de acordo com a etimologia grega: observação da hora.

A título de curiosidade, assinalemos a seguinte observação sarcástica de um feroz adversário actual da astrologia, o astrónomo francês Paul Couderc (*L'Astrologie*, colecção «Que sais-je?», n.º 508, p. 66):

«O Pólo Norte da eclíptica situa-se a 23° 5' do Pólo Norte celeste. Os pontos da Terra situados no círculo polar têm o seu zénite a 23° 5' do pólo celeste. Portanto, no decurso do movimento diurno, o pólo da eclíptica passa todos os dias do zénite de todos estes lugares terrestres. Então, a eclíptica coincide com o horizonte e já não atravessa qualquer casa. Não há horóscopo para os infelizes que nasçam nesse momento.»

Façamo-nos eco deste problema-limite a título de simples curiosidade. É de perguntar, na verdade, se o homem que nasce nos pontos extremos das zonas árticas ou antárticas está liberto de qualquer condicionamento pelos astros, ou se, nestes casos, o determinismo se manifestaria de maneira especial, embora muito diferente do determinismo astrológico corrente.

De notar que, antes de século XIX, o elemento capital, no horóscopo, era a determinação do *ascendente* ou ponto levante. A astrologia moderna deslocou esta prioridade para a do signo solar, enquanto, antigamente, «nascer sob o signo do Carneiro» (por exemplo) significava ter não o Sol, mas o Ascendente colocado neste signo. Gerou-se, portanto, pro-

gressivamente, uma notável confusão entre o ciclo anual e o ciclo diurno, entre a influência própria da época que determina todo o hemisfério terrestre num dado momento e a influência do momento mais especialmente determinante para o indivíduo.

Os astrólogos (tanto antigos como modernos) procuraram estabelecer uma tipologia: determinação dos tipos humanos que corresponderiam a uma espécie de «assinatura» celeste especial do indivíduo por esta ou aquela influência (planetária ou de signo solar). São conhecidos os quadros, eruditos ou populares, tão complexos que pretendem estabelecer uma correspondência rigorosa entre os traços humanos de temperamento, de carácter de personalidade e os signos do Zodíaco.

Convém citar também as seguintes observações de Jean Richer (*Géographie Sacrée du Monde Grec*; Hachette, 1966, p. 670):

«O estudo da astrologia antiga e especialmente de certos aspectos desprezados da astrologia grega levou-nos à conclusão de que os antigos jamais consideravam um signo isoladamente e nunca acreditaram que um signo reinasse sozinho [...] em cada grande época vemos associados o signo onde se encontra o ponto vernal, o signo oposto (o do equinócio de Outono) e também os signos dos solstícios de Verão e de Inverno. De tal modo que, para cada caso, se deve considerar não um signo isolado, mas dois eixos zodiacais perpendiculares. Tratar-se-ia, em suma, de campos magnéticos, compensando-se e equilibrando-se, dois a dois (ou quatro a quatro). Lembremos, por outro lado, que os calendários de tipo solar, em particular o calendário egípcio, o de Atenas, etc., começavam no solstício de Verão.»

Vê-se, assim, toda a rede de complexidades que pode intervir na exacta determinação dos ciclos astrológicos.

Além do Sol e da Lua, são facilmente visíveis, à vista desarmada, cinco planetas do sistema solar: são estes os

cinco astros que entram na elaboração dos horóscopos da astrologia clássica. Os símbolos clássicos dos planetas são:

---

Sol		Marte	
Lua		Júpiter	
Mercúrio		Saturno	
Vénus			

---

É verdade que diversos astrólogos contemporâneos fazem intervir nos seus cálculos os planetas descobertos a partir do século XVIII, para além da órbita de Saturno:

---

Úrano		Neptuno		Plutão	<b>PL</b>
-------	---	---------	---	--------	-----------

---

E há alguns que chegam, até, a encarar a influência de planetas mais longínquos, para além de Plutão.

Os planetas longínquos chamados lentos ou «pesados» (a partir de Júpiter) marcariam sobretudo a colectividade, toda a civilização em que o indivíduo se insere, encontrando-se a vida pessoal deste mais especialmente influenciada pelos planetas rápidos.

Teriam os antigos, na realidade, podido conhecer os planetas para além de Saturno? Alguns autores admitiram-no, imaginando, quer uma vista muito mais penetrante dos humanos na Antiguidade do que em épocas ulteriores, quer a hipótese audaciosa de civilizações já extremamente desenvolvidas no plano técnico, que teriam existido na Terra na época pré-histórica. Mas isto é muito hipotético, apesar da existência de factos que poderiam parecer perturbantes entre os Chineses e os Astecas.

Foi sustentada a existência de um segundo satélite da Terra: A «Lua negra» ou *Lilith*, tendo sido, mesmo, elaboradas efemérides e tábuas acerca deste astro conjectural (1).

Mais aventurosa ainda é a ideia de um planeta-irmão do nosso, o «anti-Terra», assim chamado porque ocuparia um lugar exactamente simétrico (e daí a impossibilidade de o conhecer, porque se encontra sempre colocado atrás do Sol (2) em relação ao nosso mundo.

Voltemos ao problema da fixação precisa da *Carta do Céu*, isto é, de uma representação tão exacta quanto possível do céu na altura do nascimento do indivíduo para quem se elabora o horóscopo.

É esta, pelo menos, a prática mais geral. Saliente-se, no entanto, que certos astrólogos haviam tentado (nomeadamente na China) fazer o horóscopo da concepção.

Para traçar a Carta do Céu utiliza-se, vulgarmente — falamos do uso que prevalece nos nossos dias —, um gráfico circular que representa os doze signos (30° cada um) que cobrem os 360° do Zodíaco, uma tábua das Casas, a latitude do lugar de nascimento e, finalmente, uma tábua das posições planetárias dia após dia.

Na Carta do Céu as Casas determinam diferentes sectores em que — segundo o seu número e ordenação — poderiam jogar as diversas influências planetárias, «assinando» a influência dos influxos astrais sobre a vida de um homem. Verifica-se que os planetas se encontram diversamente colocados através do Zodíaco e formam entre si relações de ângulos, que se chamam *aspectos* quando a relação entre dois planetas forma um traçado geométrico pre-

---

(1) Ver, Robert Ambelain e Jean Desmoulins: *Lilith, second satellite de la Terre*, Paris, Niclaus, 1938.

(2) Um esoterista, adepto do Trantrismo tibetano, chegou a afirmar-nos a existência de comunicações ocasionais (por engenhos voadores não identificados) entre este planeta-irmão e cadeias montanhosas da Ásia Central (Montes Kouen-Lun). A informação é dada sob inteira reserva, como diz a fórmula!

ciso. Assim, teríamos: a *conjunção* (dois planetas, ou mais, encontram-se em torno do mesmo ponto zodiacal, repartidos pelo mesmo grau ou a cerca de alguns graus). Se é um ângulo de 60° que existe entre as posições planetárias, é o *sextil*; o aspecto de 120° chama-se *trígono* (na circunferência poderiam formar-se três triângulos, havendo possibilidade — e daí o nome de seis sextis); ao aspecto de 90° chama-se *quadratura* ou *quadrado*. Última espécie de aspecto: a *oposição* (dois astros que se encontram frente a frente, num ângulo de 180° que corta o Zodíaco em dois).

Conjunção, sextil e trígono são considerados *benéficos* ou *harmônicos*: as tendências representadas pelos planetas associar-se-iam, reforçar-se-iam ou cooperariam; o quadrado e a oposição seriam, pelo contrário, *maléficos* ou *dissonantes*: corresponderiam a relações de antagonismo, de incompatibilidade, de conflito, de cisão.

---

Conjunção		Semi-sextit	
Oposição		Semiquadrado	
Quadrado		Sesquiquadrado	
Trígono		Quincôncio	
Sextil			

---

O conjunto de dados analisáveis numa Carta do Céu forma a *configuração* ou *constelação* dela.

Começa a entrever-se pelo que precede (e quer a astrologia tenha ou não fundamento científico) toda a complexidade da interpretação horoscópica: ter em conta a repartição dos planetas neste ou naquele signo, o lugar dos planetas em tal ou tal Casa, os aspectos do planeta em relação a este ou àquele, a posição do planeta que reina sobre o signo.

Aludimos à representação mais comum entre os astrólogos modernos; Mas as coisas revelar-se-iam muito semelhantes, tendo em conta diferenças exteriores, por vezes enormes, ou, pelo menos, importantes para disposições antigas (em quadrado, por exemplo) utilizadas no Ocidente ou para representações orientais.

## Métodos e divisões da Astrologia

Dois métodos caracterizam as duas principais correntes em astrologia, que, de facto, só coexistem desde o fim do século passado. À astrologia tradicional, fundada sobre o princípio de analogia, justapôs-se, efectivamente, uma astrologia de pretensões científicas, visando transformar esta arte divinatória da «ciência oculta» numa técnica rigorosa: utilização de métodos experimentais e (por exemplo) da investigação estatística sobre os efeitos da influência dos astros, quanto à sua repartição segundo as influências planetárias.

E quanto aos domínios de aplicação da astrologia, que delimitam igual número de divisões?

A forma mais comum — chamada *astrologia individual*, *astrologia judiciária*, ou, ainda, *astrologia genétiaca* — trata das relações entre os factos celestes e o destino de um determinado indivíduo. De um homem, na quase totalidade dos casos, embora, actualmente, já se façam horóscopos de animais — para, nomeadamente, tentar conhecer as possibilidades de grande futuro hípico de um puro-sangue.

O método deste tipo de astrologia procede pela elaboração do horóscopo individual.

Mas diversos astrólogos (antigos e modernos) tentaram debruçar-se também sobre o destino das colectividades humanas, sobre as relações que existiriam entre os factos humanos colectivos por um lado e as configurações celestes pelo outro. Puderam, assim, elaborar os temas não já de indivíduos, mas de colectividades, ou, ainda, os de acontecimen-

tos históricos (guerra, revolução, reinado, etc.), e, até, de instituições colectivas.

Do ponto de vista dos domínios particulares de aplicação da astrologia, assinale-se a *astrologia médica*, a *astrologia vegetal* (que encara a influência das configurações celestes sobre a germinação, o crescimento e a frutificação das plantas), a *astrologia meteorológica* (trabalhos do Dr. Maag, na Alemanha, por exemplo), que afirma basear-se no estudo das relações que existiriam entre as configurações celestes e o tempo ou os imperativos climáticos.

Existe também um tipo especial de astrologia muito diferente (na verdade) da verdadeira adivinhação pelos astros: é a *astrologia onomântica* ou *onomancia*.

Eis a definição apresentada por Dom Néroman (*Grande Encyclopédie des Sciences Occultes*, tomo II, p. 355):

«[...] enquanto (a astrologia propriamente dita) estuda corpos reais, as suas posições exactas, as suas relações minuciosamente calculadas e as suas relações com o homem consoante o minuto preciso e o lugar de nascimento, a onomancia interroga génios planetários cuja natureza se identifica com o do planeta de que usam o nome. Se despreza o lugar, introduz nos seus dados de base o nome e o pronome usual, e certos renovadores utilizam, até, todos os prenomes.»

Para estabelecer um tema em astrologia onomântica deverá utilizar-se o nome, o prenome (método mais geral), a data do nascimento também (dia, mês e ano — mas com a simples indicação: antes ou depois do meio-dia). Começa-se por traduzir, numericamente, cada um dos dados natais, por meio de uma tábua de correspondências alfabéticas (variável segundo os autores).

Multiplicar-se-á cada um dos números obtidos (para o nome e pronome) pelo valor atribuído a cada letra (a numeração será obtida assim: coloca-se o nome verticalmente, e conta-se de baixo para cima; a última letra terá o n.º 1, e assim sucessivamente).

Para encontrar a data, o astrólogo onomântico procederá, servindo-se de um calendário «tebaico» (de origem egípcia). A soma dos valores numéricos obtidos permitirá a obtenção do *número fatídico*.

Em seguida, haverá que estabelecer o «topo» do horóscopo, número obtido acrescentando o número fatídico ao ano de nascimento do indivíduo, fazendo a onomancia intervir, depois, a determinação dos *círculos fatídicos*, atribuídos aos sete génios planetários da tradição mágica.

A onomancia obrigaria o historiador a debruçar-se sobre um problema muito complexo: o da aliança contraída ao longo dos tempos entre a astrologia e outras técnicas divinatórias. Poderia supor-se legitimamente a existência de um tronco comum a todas as ciências, a todas as artes ocultas tradicionais.

## ESTRUTURAS ASTROLÓGICAS

### Características da atitude astrológica

Que caracteriza a atitude astrológica-tipo e quem lhe determinaria as constantes que se encontram ao longo dos tempos? — eis uma pergunta que muitos leitores não deixarão, por certo, de fazer.

Na própria palavra *astrologia* há ... «astros», mas tratar-se-á de um conhecimento preciso dos próprios corpos celestes? É certo (e é aqui que se pode dizer que a astrologia teve uma contribuição positiva para a história das ciências, pelo menos no passado) que os homens, desde a Antiguidade, quiseram escutar atentamente o céu, a abóbada estrelada, souberam distinguir as estrelas fixas (mas que seguem o movimento aparente da abóbada) e os astros móveis (planetas). Conhecimento muito preciso, pois, pelos astrólogos antigos, da astronomia das aparências. Mas seria vão procurar nela qualquer papel desempenhado neste saber por um conhecimento directo da estrutura física dos astros observados. Durante milénios, a fazer fé nos documentos usualmente aceites, os homens que escrutavam o céu não teriam tido — parece — nenhuma noção precisa da natureza dos astros (fixos ou móveis), das suas distâncias reais relativamente à Terra e, até, das distâncias relativas dos planetas entre si. A menos que se acredite, como certos autores «paracientíficos», na existência de civilizações humanas já muito desenvolvidas num passado longínquo.

Que define, portanto, e de imediato, a *astrologia*? É a afirmação — ingênua ou sábia, segundo os casos — de uma ligação de causa a efeito entre os corpos celestes e tudo o que se passa na Terra.

Eis os termos líricos com que se exprime o astrólogo moderno Dom Néroman (1):

«[...] tudo o que se passa na Terra está submetido às influências do meio no seio do qual o nosso Globo percorre a sua rota, meio que é justamente o Céu. O nosso Globo é uma parte do espaço estelar, cujas vagas são as ondas luminosas, magnéticas, ou outras, propagadas pelos movimentos e as ignições dos corpos celestes; tudo o que vive sobre a Terra está banhado neste oceano de ondas; a ciência que estuda este oceano, a ciência que chegará, talvez, um dia, a tudo explicar pelo estado do céu do momento, é bem a ciência-fonte.

A varinha deveria ser cortada no dia e na hora favoráveis segundo os astros; o *tarot* tem nas suas cartas maiores o Sol, a Lua, as Estrelas, e cada uma delas se interpreta astrologicamente; a fisiognomia reconhece nos rostos as máscaras solares, lunares, mercurianas, venusianas, marcianas, jupiterianas, saturninas; e a quirologia reconhece nas nossas mãos os montes dos mesmos planetas e linhas da mesma denominação, como a saturnina; a geomancia, a onomancia são transposições directas do processo astrológico; e a própria magia, quando associa as astros às suas cerimónias e aos seus sortilégios, não pratica outra coisa que não seja astrologia aplicada; submete o céu, como nós submetemos o vento nas asas dos nossos moinhos ou as velas dos nossos barcos, o raio nos pára-raios ou nos dínamos.»

A astrologia surgiria, até, no universo tão complexo dos conhecimentos «ocultos» tradicionais, como a ciência-

---

(1) *Grande Encyclopedie Illustrée des Sciences Occultes*, Editorial Argenton, 1952, tomo II (7.ª parte: a astrologia), p. 127.

-mãe. Citemos uma passagem do *Zohar*, a grande obra dos cabalistas judeus:

«[...] na extensão do céu que rodeia o Mundo, há figuras, signos, por meio dos quais podemos conhecer os segredos e os mais profundos mistérios. Estes signos são formados pelas constelações, que são para o sábio um tema de contemplação e de delícias.»

Há «signos no céu»; saibamos, portanto, vê-los, «lê-los», interpretá-los, e poderemos conhecer à vontade o passado e o futuro: tal é o substrato metafísico da astrologia.

Cedamos a palavra ao *Manuel Complet d'Astrologie Scientifique et Traditionnelle* (Éditions Bussiere, Paris, 1967) do astrólogo bretão «Hadès» (Alain Youanc). Escreve ele (pp. 13 e 14):

«Os signos do Cosmos são, simultaneamente, eternos e simbólicos. A noção de tempo, que intervém, para nós, humanos, de forma ao mesmo tempos precisa e limitativa, modifica-se, no fim de contas, numa relatividade que não é a menor das interrogações que se põem ao observador. Por estes signos podemos conhecer o passado, o presente e o futuro. Residem aqui as primeiras noções, os primeiros passos da astrologia, e vê-se já que potência e que eternidade ela possui na sua própria substância para poder colocar assim uma grade no nosso destino e no-lo significar em termos absolutos. Há mais. Sem a astrologia, torna-se impossível compreender o mundo. É caos, é dor, começa na noite e no grito — os dois estigmas do nascimento — e para todos acaba na mesma queixa obscura, no mesmo vale mudo e desértico, na morte, lá onde é cavada a tumba, lá onde é tragada a nossa personalidade física [...] A astrologia restitui toda a sua significação última à Divindade e ao mundo. Por ela, podemos escalar a montanha do conhecimento, simbolizado justamente no Zodíaco pelo signo mais elevado, o signo zenital do Capricórnio. Por ela, podemos conhecer: não se trata de um conhecimento místico, fazendo apelo às

raízes obscuras da psique (embora esta esteja também presente), mas sim, de uma razão maior, tão clara e tão pura como os dois conceitos que nos legam diariamente — sim, dia após dia — os astros, que existem lá para significar em actos uma vontade eterna, para dar testemunho do Cosmos, isto é, de Deus: o céu e a luz.»

Quer se trate de astrólogos tradicionais ou, pelo contrário, de adivinhos modernos desejosos de serem rigorosamente «científicos», encontrar-se-ia sempre esta característica fundamental da astrologia: estabelecer uma correlação de causas a efeitos entre os fenómenos observados na abóbada celeste e o comportamento dos homens. Na Carta do Céu encontrar-se-iam, portanto, inscritas, de algum modo, todas as grandes linhas da sorte de um determinado indivíduo — assim como de toda a cadeia de gerações de que ele constitui a herança biológica. O determinismo astrológico não seria, de resto, somente individual mas colectivo: existiria, assim, todo o problema dos destinos humanos complementares. No fatalismo antigo encontrariam eco estas palavras de um astrólogo «científico» contemporâneo, Henri Candiani (1), que não hesita em escrever:

«[...] as possibilidades preditivas surgem quase ilimitadas; as mais inverosímeis pretensões dos astrólogos confirmam-se: certos indivíduos apresentam, astrologicamente, não só traços de carácter, predisposições mórbidas, tendências de comportamento, mas também, predisposições para *sofrer* acidentes, morrer de morte violenta, ficar viúvos, encontrar protectores, etc. [...] A astrologia não invoca qualquer faculdade supranormal; pretende manter acumulados todos os seus dados de observação; emite 'julgamentos' ou prognósticos baseados em leis de correlação que

---

(1) *Aphorismes sur l'Astrologie et la Divination*, Paris, Le Livre Documentaire, 1935.

existiriam entre os factos astronómicos e os acidentes da vida humana (1).»

Devemos perguntar-nos o que se deve pensar desta opinião (2), que pretende fazer da astrologia uma ciência perfeitamente rigorosa:

«O comportamento humano e o destino — prossegue o mesmo autor astrólogo contemporâneo — estão submetidos a esse rigoroso determinismo que cada ciência reconhece no seu domínio e que não deixa qualquer margem nem à ‘contingência’ nem à ‘liberdade’.

A adivinhação, estudando as leis de causalidade ou de concomitância às quais supõe submetido o comportamento e o destino do homem, esforça-se por lhes prever os fenómenos. Funda-se, assim, sobre um postulado determinista que ela partilha como seu objectivo predictivo com todas as ciências (3).»

Compreendem-se perigos a que exporia a crença tão cega numa fatalidade radical, num determinismo astrológico total. É bem conhecido dos psicólogos — e é um facto de observação corrente — que certos seres podem deixar-se suggestionar totalmente por uma predição negativa, com a consequente desadaptação ao real.

Assim se verificaria a realização efectiva de certas predições: deixando-se obcecar pela perspectiva de azares, de insucessos, de provações que «têm» de lhe acontecer, o indivíduo condicionar-se-a a si próprio, abdicando de qualquer resistência interior à realização das perspectivas tão pouco prometedoras anunciadas pelo adivinho. O nosso avô materno contava-nos que, quando era jovem, uma vidente lhe anunciara que morreria aos 30 anos com febre tifóide.

---

(1) *Ob. cit.*, pp. 3 e 4.

(2) Ver a terceira parte desta obra.

(3) *Ob. cit.*, p. 6.

Felizmente que não era um espírito fraco e havia rido da predição; mas imaginem as devastações que podem causar, em seres não preparados para resistir às sugestões, predições desta natureza! Compreendem-se, assim, as razões, estritamente práticas, pelas quais diversas ligas científicas, em todos os países, protestaram diversas vezes contra as difusões maciças (na imprensa de grande tiragem, na rádio e na televisão) susceptíveis de reforçar nas massas as atitudes fatalistas, resignadas, que levam à aceitação cega dos «veredictos» do adivinho.

Naturalmente, o magnífico espectáculo do céu não inspirou aos homens — muito pelo contrário — somente reacções amedrontadas ou resignadas do fatalismo rigoroso. Ver o firmamento, escutar-lhe o complexo e tão fascinante espectáculo: que visão maravilhosa! Compreende-se que se tenham criado, em diversas civilizações antigas, observatórios que eram, ao mesmo tempo, santuários. Citemos os versos tão belos das *Metamorfoses*, do poeta latino Ovídio:

«Enquanto, de cabeça baixa, todos os outros animais têm os olhos presos à Terra, o Criador deu ao homem um rosto que se ergue acima dela, permitindo-lhe contemplar o céu, erguer o olhar e elevá-lo até aos astros.»

Facilmente se compreende que os homens hajam representado, tradicionalmente, a abódada celeste nos tectos dos templos. Alexandre Volguine observa de maneira muito justa <sup>(1)</sup>:

«Em toda a Antiguidade e no Oriente dos nossos dias, os templos são a imagem restrita do Cosmos: o simbolismo do tempo maçónico é disso um exemplo e não uma excepção, e é em virtude dessa relação entre o universo e o templo que todas as religiões o orientam ainda para os quatro pontos cardeais.»

---

(1) *L'Astrologie chez les Mays et les Aztèques*, Nice, Éditions des Cahiers Astrologiques, 1946, p. 27.

Em princípio, uma igreja cristã (e esta regra encontra-se na orientação do templo maçónico, cuja forma especial teria as suas raízes nos usos dos construtores de catedrais da Idade Média, deveria ser sempre orientada para o Oriente (lugar onde, no nosso hemisfério, se ergue o Sol); só tardiamente, por meras razões utilitárias de simplificação, esta regra deixou de ser observada de maneira tão literal pelos arquitectos religiosos.

Os ciclos solares e lunares permitiram a elaboração dos diversos *calendários*, dividindo, no decorrer do ano, as acções, propícias ou nefastas, dos homens. Os antigos mexicanos davam ao calendário o nome de *Livro dos bons e maus dias* — designação assaz expressiva e, de resto, muito significativa, só por si, de um enraizamento ancestral da astrologia no psiquismo humano,

Seria, portanto, possível ao homem descobrir o futuro, o «destino», com todas as suas eventualidades, tanto propícias como nefastas? Há, também, que observar as raízes tão profundas, que se verificam neste domínio privilegiado que é a astrologia, do simbolismo dos números. Há *doze* signos do Zodíaco, que formam o ciclo completo, a ronda anual do movimento solar que suscita as estações terrestres. *Doze* membros da totalidade. Quanto ao famoso número *treze* — venerado ou temido alternadamente pela superstição popular, parece ter sido considerado universalmente como o símbolo do «curso cíclico da actividade humana, utilizado ora para o bem, ora para o mal» (1), e mais genericamente das transformações perpétuas que se realizam no nosso mundo da manifestação física. Entre os Maias e os Astecas, por exemplo, o calendário parece ter sido considerado como a manifestação diária, à escala humana, dos ciclos cósmicos. Mas esta atitude por toda a parte se nos depara. O homem vive ao ritmo quotidiano do ciclo solar diurno, criando durante o dia — enquanto vive, de noite (a outra

---

(1) René Allendy, *Le Symbolisme des Nombres*, 2.<sup>a</sup> ed., Paris, Éditions Traditionnelles, 1947, p. 360.

fase, *lunar* portanto, do mesmo ciclo quotidiano), uma existência em que predomina a vida instintiva, subconsciente. A extensão do simbolismo astrológico iria, assim, muito longe: a astrologia permitiria até — segundo os astrólogos da Índia — conhecer a vida futura dos mortais, na altura da sua «reencarnação».

Mencionemos também a existência, em diversos países asiáticos (o Tibete, por exemplo), de horóscopos elaborados para conhecer as vidas terrestres anteriores do indivíduo.

### **Símbolos astrológicos e tipologia**

Contrariamente ao que poderia parecer mais compreensível ao homem (pouco ou muito «racionalista») de hoje, o simbolismo astrológico não é, de modo algum, o resultado de uma aliança convencional, que teria associado arbitrariamente, em diversas épocas, certas características da vida humana a nomes de divindades. O simbolismo astrológico poria, efectivamente, todos os problemas que suscita o estudo aprofundado da mitologia: com efeito, são nomes de divindades os que foram dados aos astros da abóbada celeste. E, como em todos os mitos, observar-se-ia este traço sempre presente: a polivalência de certos símbolos, a extrema riqueza, portanto, dos pontos de vista susceptíveis de serem desenvolvidos a partir de um deles como suporte concreto. Muitas lendas mitológicas demonstrariam incorporar, de facto, todo um ensino de ordem astronómica tradicional (e, portanto, astrológico). Tomemos, por exemplo, a mitologia egípcia: as caminhadas errantes de Ísis, que partira em busca dos fragmentos do corpo desmembrado do esposo (seu irmão, o deus solar Osíris), não simbolizavam o percurso da Lua?

Certos astrólogos modernos, animados pelos resultados da psicologia das profundidades, quiseram pôr em relação a estrutura do simbolismo astrológico com a do inconsciente humano, não só individual mas colectivo (trabalhos de Jung e seus discípulos). Os símbolos astrológicos (tanto

dos signos como dos planetas) deveriam ser considerados, nesta perspectiva, como os sedimentos depostos, por séculos e séculos, não só de verificações objectivas observadas pelos homens na abóbada celeste, mas de experiências psicológicas profundas vividas por toda a Humanidade.

Ainda hoje, sob formas, ora ingénuas (predições dos semanários de grande tiragem ou dos jornais diários), ora com pretensão científica, vê radicar-se — no mundo dos astrólogos e seus adeptos — a ideia segundo a qual os doze signos do Zodíaco (para só falar destes) constituiriam outros tantos grandes tipos humanos estruturados, com traços bem determinados de temperamento, de personalidade e de carácter.

Seriam, assim, reveláveis toda uma estrutura geral, toda uma constelação de tendências humanas dependentes, portanto, da posição ocupada pelo Sol (o astro central do nosso sistema, que proporciona a luz, o calor e a vida), na altura do nascimento do indivíduo, entre o primeiro e o último grau deste ou daquele signo do Zodíaco. Por exemplo, vir ao mundo entre 21 de Março e 20 de Abril do nosso calendário significa que se nasceu «sob o signo do Carneiro».

Mas esta tipologia solar não seria a única a considerar; segundo as posições possíveis dos planetas (Marte, Vénus, Mercúrio, etc.) no horóscopo, ter-se-iam igualmente todas as espécies de variações possíveis de um mesmo tipo humano com todas as suas atitudes e reacções nos vários domínios humanos de actividade.

O elemento que complica os problemas com que se defrontam os astrólogos é, sobretudo, introduzido por factores diversos (que poderão muito bem ser determinantes) do signo zodiacal de nascimento. Por exemplo, um homem que tem o seu ascendente e alguns planetas situados no signo do Carneiro, mas do qual o Sol se encontre ausente, poderia ter o tipo astrológico «Carneiro». Do mesmo modo, se o signo zodiacal de nascimento só se encontra ocupado pelo Sol, um nativo daquele signo poderia não corresponder absolutamente ao tipo «solar» habitual.

## Ciclos cósmicos

Os ciclos solares de observação banal (o ciclo quotidiano de vinte e quatro horas, o ciclo anual das estações) estão na própria raiz da astrologia. Mas os astrólogos, nas diversas tradições esotéricas, não deixaram de encarar ciclos que se mediam a prazos muito mais longínquos. Assim deveria ser encarada a ideia dos grandes *ciclos* — ligado cada um ao domínio por um signo do Zodíaco — que marcariam toda a história da Humanidade, ideia tradicional que estaria, naturalmente, em oposição com a ideia moderna, positivista, de um progresso que teria sido contínuo desde a origem da espécie humana. Eis com que força esta grandiosa concepção dos ciclos se encontra condensada pelo astrólogo contemporâneo Dom Néroman (1), que escreve, como se verifica, com uma audácia intrépida:

«A ideia simplista de que a humanidade actual partiu simultaneamente do zero em todos os planos, é uma ideia falsa. Rolamos um rochedo de Sísifo. Escalamos, pacientemente, uma ladeira, ao longo dos séculos e dos milénios, e, de repente, atingindo o cume, o chão falta-nos debaixo dos pés [...].»

A visão cíclica da História que se poderia comparar, em geologia, à velha doutrina das «revoluções periódicas do Globo», é costume achar-se astrologicamente associada a perspectivas apocalípticas: a passagem de um ciclo a outro não se faria sem choques e, até, catástrofes. Citemos ainda Dom Néroman (2):

«A Terra, um belo dia, treme, vacila, levanta-se monstruosamente nas regiões civilizadas e desmorona-se com fragor; as margens deslocam-se, fundos marinhos emergem res-

---

(1) *Grande Encyclopédie Illustrée des Sciences Occultes*, t. II, p. 129.

(2) *Ob. cit.*, p. 133.

plandescentes de virgindade humana, continentes inteiros são engolidos com todo o seu peso de experiência e sabedoria; é o grande cataclismo, de que toda a Humanidade conservou a lembrança aterrorizada sob o nome de *Dilúvio*.»

Na Antiguidade encontramos a astrologia estreitamente ligada a tais doutrinas cíclicas acerca do devir do mundo. Representante muito significativo desta tradição: o padre caldaico Bérose, cuja influência, na época romana, será imensa. Ensinava como o mundo se encontraria regido, ao longo dos milénios, por uma série de «Grandes Anos». O desenrolar do conjunto da história da nossa Terra teria, portanto, as suas «estações»: a sua Primavera, o seu Verão, o seu Outono, o seu Inverno — após o qual teria início um novo ciclo terrestre. Quando todos os planetas se encontrassem reunidos em conjugação no mesmo ponto no signo do Câncer haveria conflagração geral; ao contrário, quando todos os planetas se encontrassem reunidos no signo de Capricórnio, haveria uma submersão geral, um Dilúvio. Cada um destes ciclos cósmicos reproduz exactamente a estrutura (crescimento, apogeu, declínio) do precedente, seria — calculava Bérose — de 432 000 anos. A astrologia inscrever-se-ia em confirmação da lei cíclica: cada vez que os astros retomassem a mesma posição na abóbada celeste, consumir-se-iam as mesmas fases do ciclo. Seria impossível ignorar esta doutrina tradicional dos ciclos, do «Ano Grande» chamado «platónico» (embora esta concepção seja muito anterior ao filósofo grego Platão). É uma doutrina que se encontra em toda a Antiguidade: nos Egípcios, nos Caldeus, nos Gregos, e em muitos outros povos (1). A duração do «Ano Grande» estava fixada, tradicionalmente, em 25 920 anos; mas, consoante os povos e as épocas da Antiguidade, observar-se-iam inúmeras variantes, nas quais não vale a pena

---

(1) Cf. J. Bidez, *Bérose et la Grande Année*, Mélanges Paul Frédéricq, Bruxelas, 1904; W. Bousset, *Die Himmelreise der Seele*, Archiv für Religionswissenschaft, vol. IV.

determo-nos muito. Os adeptos antigos e modernos da ciclo-  
logia atingiram uma extrema complexidade na determina-  
ção precisa do «Ano Grande» e das suas subdivisões mais  
ou menos numerosas.

Alguns autores contemporâneos têm-se dedicado, espe-  
cialmente, à ciclologia, tentando mostrar o seu valor prá-  
tico. É o caso de homens como Gaston Geogel (*Les Ruthmes  
dans l'Histoire*, 2.<sup>a</sup> ed., Besançon, 1947), Jean-Charles  
Pichon (*Les Cycles du Retour Éternel*, Robert Laffont Édi-  
teur, 1963), e J. C. Salémi (nas suas diversas obras nas Édi-  
tions «Ondes Vives»).

Citemos também os trabalhos tradicionais, tão pacien-  
tes, de Jean Phaure (antigos na revista *Atlantis*).

O céu estrelado constituiria, portanto, aos seus olhos,  
um quadro correcto onde se inscreve, inexoravelmente, a  
história (demarcada pelas configurações astrológicas suce-  
sivas) do passado e do futuro — quer da Humanidade quer  
da Terra no seu conjunto.

Toda a história, nos seus diversos domínios, se encon-  
traria colocada em paralelismo com este fenómeno solar  
cíclico: a precessão dos equinócios. A Terra, ao sabor dos  
milénios, passaria e voltaria a passar por uma sequência de  
influências determinantes marcadas por outras tantas con-  
figurações astrológicas. Haveria, assim, muito especialmente,  
um eterno retorno das mesmas fases religiosas, pelas quais  
deve passar a evolução de conjunto da humanidade <sup>(1)</sup>.

A própria ideia dos ciclos cósmicos suporia, é verdade,  
não um movimento «circular» da humanidade, mas uma  
espécie de desenvolvimento em espiral: passagens sucessi-  
vas pelos mesmos pontos, mas a níveis diferentes do eixo  
da espiral.

Além disso, o período chamado «pressentimento» de  
cada grande forma religiosa assim distinguida cobriria um

---

(1) Cf. Jean Richer, *Cycles Cosmiques et Symboles du Zodiaque*  
(artigo no número de Abril de 1964 do *Mercur de France*); Mircea Eliade,  
*Lé Mythe de l'Éternel Retour, Archétypes et Répétitions*, Paris, Galli-  
mard, 1949.

milénio, ou seja, cerca de metade do tempo total que leva o ponto vernal da esfera celeste a percorrer todo um signo do Zodíaco. Haveria, também, na charneira dos diversos períodos encavalitamento de um signo zodiacal sobre o outro, e, portanto, de uma forma religiosa predominantemente sobre a seguinte.

De qualquer modo, seria efectivamente possível — segundo os adeptos da ciclologia tradicional — traçar um quadro, simultaneamente geral e preciso, da evolução cíclica das formas religiosas, com o seu impacte sobre os calendários sucessivamente usados pelos diferentes povos. A evolução das grandes formas religiosas e dos mitos característicos delas estaria, assim, ligada, segundo os ciclologistas, à deslocação periódica do ponto vernal no Zodíaco, regendo, portanto, a precessão dos equinócios a passagem do Sol de um signo para o outro. É assim que a entrada do Sol no signo do Touro teria comandado o desenvolvimento dos cultos em que predominou a adoração ritual da Terra-mãe, nutritiva e fecunda — culto que se encontraria tanto entre os Semitas como no Metiterrâneo helénico e no Yucatan. Mas esta predominância, longe de desaparecer, ter-se-ia, depois, integrado nas formas religiosas que se seguiram, incluindo o cristianismo, com o seu culto da Virgem Maria, «Rainha do Céu e da Terra». Com a passagem do Sol ao signo do Carneiro, ter-se-ia produzido, pelo contrário, a predominância histórica do patriarcado, da veneração do princípio masculino. Será por isso que Moisés aparece, frequentemente, representado com cornos luminosos de carneiro, para simbolizar a sua iluminação?

Depois de nos termos espreado pelas próprias bases da astrologia, depois de termos reconhecido e determinado as estruturas mentais (velhas como o mundo) que, na verdade, a sustentam, conviria — antes de abordar a evolução desta ciência oculta e as suas tão curiosas metamorfoses e dissabores históricos — interrogarmo-nos acerca da sua origem humana provável, e da época em que se poderia legitimamente situar a sua aparição, anteriormente até à existência dos primeiros documentos astrológicos figurados.

## Capítulo III

# HIPÓTESES ACERCA DA APARIÇÃO DA ASTROLOGIA

### **Fonte primária do Zodíaco**

Parece que os zodíacos iniciais elaborados por diversas culturas antigas permitem supor o conhecimento de uma época longínqua que se situaria (segundo os cálculos mais prováveis) 26 000 anos antes da era cristã: com efeito, é nesta época proto-histórica que os nomes dos signos teriam tido os mesmos nomes que as constelações. A astrologia teria, portanto, fixado tradições orais, transmitidas de boca em boca ao longo de gerações: tal é a hipótese mais provável.

### **Origem proto-histórica da astrologia**

Pareceria, portanto, absolutamente normal (como vimos) fixar a aparição da astrologia antes da escrita, mas muito depois da pré-história propriamente dita: portanto, na «proto-história». Se os homens da mais longínqua pré-história já olhavam com certeza a abóbada celeste e se interrogavam sobre o contraste entre a imobilidade aparente de certos astros e a mobilidade de outros, é somente, sem dúvida, na proto-história que vemos surgir conhecimentos astronómicos (da astronomia das aparências, é evidente) precisos, já bem definidos.

Inegavelmente, os homens da proto-história souberam determinar com precisão a direcção do levantar do Sol e as suas variações do curso anual das estações. Os sábios pude-

ram estabelecer, sem contestação, por exemplo, a orientação *solar* de grandes estações megalíticas como Stonehenge, na Inglaterra, e Carnac, na Bretanha. Vê-se, portanto, que se desenha a partir desta origem o carácter sacerdotal das primeiras investigações astronómicas (e, portanto, da astrologia).

Alguns autores quiseram ir mais longe, considerando os alinhamentos de Carnac como aspirando a representar, com uma exactidão total, certas partes precisas do céu astronómico, com todas as suas constelações. É de notar, de qualquer modo, a importância capital dos dois solstícios e dos dois equinócios, em toda esta astrologia proto-histórica.

### Hipóteses fantásticas

Só mencionaremos por alto, porque ultrapassam qualquer possibilidade concebível de verificação científica, as hipóteses que pretendem colocar numa origem fabulosamente recuada — em plena pré-história (nos autores mais audaciosos), e mesmo varios milhões de anos antes da nossa era, a existência de civilizações extremamente evoluídas do ponto de vista técnico. Evocou-se, até [Robert Charroux, por exemplo, no seu *Livre des Secrets Trahis* (1)], fala disso com intrepidez], não só a existência de (muito hipotéticas) raças gigantes da época antediluviana, como se admitiram contactos entre estas lendárias civilizações terrestres, tão longínquas no tempo, e misteriosos civilizadores extraterrestres que teriam vindo (nomeadamente) do planeta Vénus.

Para isso, basearam-se no famoso calentário venusiano descoberto nas ruínas pré-colombianas de Tiahuanaco perto do lago Titicaca, para desenvolverem hipóteses bem românticas (muito mais próximas da ficção científica do que de conhecimentos verdadeiramente científicos). Nada prova, para já, que Tiahuanaco tenha, verdadeiramente, sido, como

---

(1) Robert Laffont, Paris.

se pretende, «a mais antiga cidade do Mundo»: para vários arqueólogos especializados estas famosas ruínas remontariam, de facto, a um período situado (se nos exprimirmos segundo a cronologia ocidental) no início da Idade Média (1).

### A astrologia e as outras «ciências ocultas»

Franz Cumot escrevia, a propósito do incrível florescimento paralelo das práticas mágicas e astrológicas nas religiões do Império Romano:

«Irmãs gémeas engendradas pelo Oriente supersticioso e erudito, a magia e a astrologia permaneceram sempre as filhas híbridas da sua cultura sacerdotal.»

Debruçar-nos-emos sobre este problema das origens orientais da astrologia no Império Romano (2).

Na realidade, a astrologia — salvo no seu último período (com a aparição de sistemas que se pretendem «científicos» no estabelecimento do determinismo divinatório — foi sempre praticada pelos seus adeptos ao mesmo tempo que outras ciências ocultas.

Quais são as relações entre a astrologia e a magia? A diferença pareceria de início radical, antinómica até: enquanto a astrologia postula um determinismo «mecânico», por assim dizer, dos fenómenos que acontecem ao homem quando os astros ocupam esta ou aquela posição (de outro modo não seria possível qualquer previsão), a magia parece, ao contrário, assentar no princípio de uma possibilidade humana de alterar o curso dos acontecimentos segundo a própria vontade do operador. E, contudo, seria bastante fácil

---

(1) Ver o nosso parágrafo (capítulo 1) acerca da astrologia na época pré-colombiana.

(2) Ver *infra*.

verificar-se que estas duas «ciências ocultas» assentam em pontos de partida idênticos: a ideia da «simpatia», das correspondências universais, das leis analógicas que regeriam tanto os objectos materiais como os seres vivos. Ao estudar a história dos ritos mágicos, poderemos apercebermo-nos, ainda, de que nunca são apresentados como gratuitos: o mágico aplica, à sua maneira, é certo, o princípio segundo o qual as mesmas causas devem produzir sempre os mesmos efeitos (1). A magia apresenta-se, pois, como uma disciplina de pretensões experimentais, porque baseadas na observação, no conhecimento exacto das «técnicas» que permitiriam a movimentação de leis secretas, de afinidades ocultas que regem o mecanismo do universo. O mágico seria, portanto, capaz, pelo menos em princípio, de agir sobre as forças ocultas do universo a fim de obter resultados «extraordinários». Poderia, portanto, dizer-se que, partindo das mesmas verificações, a astrologia e a magia divergem, opondo-se na sua estrutura: em princípio, a magia permitiria «contrariar» o rigoroso determinismo astral. Dupla, eterna curiosidade humana: pretender conhecer o futuro; mas, paralelamente, esperar (a menos de um abandono ao fatalismo) poder fazer oposição aos acontecimentos desagradáveis que estariam inscritos no seu «destino» (2), no «destino» astrológico — e esperar poder suscitar as ocasiões, as oportunidades favoráveis. Toda a história das ciências ocultas se inscreveria, em resumo, como a série das tentativas humanas, sempre renascentes (inclusive sob as formas modernas que se pretenderiam «científicas») destas duas aspirações ancestrais — simultaneamente opostas e convergentes.

A propósito de alguns astrólogos célebres, teremos ocasião de verificar a diferença entre a *astrologia* propriamente dita e outras técnicas divinatórias muito diferentes dela, se bem que praticadas pelos mesmos «magos». Não esqueça-

---

(1) É isto que fazia com que Frazer considerasse a magia como uma «irmã bastarda da ciência».

(2) Trata-se do «destino» que uma pessoa traz em si (como resultado das suas tendências, aspirações, etc.).

mos, com efeito, que — à excepção da época contemporânea, que verá a constituição de diversos sistemas que afirmam (com razão ou sem ela) transformar a astrologia numa disciplina «científica» — a astrologia é cultivada paralelamente a outras ciências ocultas.

Apesar de todas as tentativas de astrologia «científica», a adivinhação pelos astros mergulha as suas raízes em doutrinas, em crenças ancestrais fundamentalmente diferentes da astronomia e efectivamente vinculadas a todo o fundo *sagrado* ligado antigamente (durante milénios) à antiga veneração dos astros.

Seria um erro total nas perspectivas históricas comparar, mesmo negativamente, a astrologia e a *astronomia*. A astrologia nem sequer é uma espécie de pré-história fantasmagórica da astronomia positiva; qualquer tentativa de comparação não levaria a nada, porque as perspectivas são absolutamente, radicalmente distintas, de um lado e do outro. Os objectivos da astrologia não têm *nenhuma* relação com os da astronomia: os astrólogos nunca se preocuparam em conhecer a natureza dos corpos celestes; só lhes interessava (o que é muito diferente) a sua *influência* (real ou suposta) sobre as formas terrestres de vida.

Não é menos certo, é verdade, que a astronomia e a astrologia estiveram muito tempo imbricadas. Para conceber, para encarar a hipotética influência dos astros sobre o curso da vida humana, era preciso, apesar de tudo, conhecer previamente os seus movimentos, com toda a precisão desejada. Foi assim que tanto os Caldeus como os Maias edificaram observatórios, e que a astronomia lhes é, portanto — retrospectivamente —, devedora por ter contribuído, muito longinquamente, para o advento da mecânica celeste.

SEGUNDA PARTE

*Astrologia e astrólogos  
através dos tempos*

## Capítulo I

# A ASTROLOGIA ANTIGA E ORIENTAL

### Os Mesopotâmios

No Império Romano, o nome dos *Caldeus* tornar-se-á, pouco a pouco, sinónimo de astrólogos; o que traria uma confirmação acessória à ideia tão corrente segundo a qual a adivinhação pelos astros, sob a sua forma verdadeiramente codificada, teria começado por surgir na Babilónia e nas províncias vizinhas.

A arqueologia parece confirmar completamente esta opinião histórica corrente: não só documentos seguros atestam a existência muito desenvolvida da astrologia entre os Caldeus dois ou três milénios antes da era cristã, mas as descobertas mais recentes recuam a sua prática a uma época nitidamente mais anterior ainda, a dos Sumérios, que a teriam trazido da Ásia Central por volta do V milénio antes de Cristo.

Fala-se dos «Caldeus» com grande extensão do emprego deste nome, mas o termo *mesopotâmios* seria, sem dúvida, muito mais exacto, porque os Caldeus não foram, de modo nenhum, os únicos povos antigos que conquistaram no Médio-Oriente esta região-chave do «crescente das terras férteis» que é a Mesopotâmia (o país «entre os rios» — que são o Tigre e o Eufrates) e os territórios vizinhos.

Paul Masson-Oursel observa, muito justamente:

«[...] os focos de cultura que se acenderam sucessivamente em Elam, na Suméria, entre os Semitas, Acádios, na

Babilónia, na Assíria, enfim em toda a Mesopotâmia tanto iranizada como helenizada atestaram relações profundas e permanentes com o resto do Velho Mundo; como numa linha de cumeada, podem ver espalhar-se dali, quer para o Ocidente, quer para a Ásia meridional e extremo-oriental, influências decisivas. Ali foram concebidos os primeiros sistemas relativos à estrutura do universo e à organização da humanidade (1).»

É toda uma série de povos de que haveria que seguir a contribuição para a edificação progressiva da adivinhação astrológica: os proto-Sumérios, os Caldeus propriamente ditos, os Babilónios, os Assírios.

Manifestar-se-ia, portanto, ao historiador, durante uma muito longa história, uma constância dos princípios sobre os quais assentava toda a astrologia mesopotâmica, desde as suas origens até muito para além do estabelecimento definitivo do cristianismo, depois, ainda mais tarde, após a implantação da religião islâmica no mundo mediterrânico. Foram achadas na Mesopotâmia muitas tabelas planetárias gravadas em tijolos (como todos os documentos escritos que remontam aos Sumérios, aos Babilónios, aos Caldeus, aos Assírios).

Em todas as velhas civilizações mesopotâmicas, encontraríamos a existência, no clero, de uma categoria especial de padres: a dos adivinhos, que, se praticavam outros métodos «ocultos» (interpretação dos presságios, dos sonhos, etc.), cultivaram muito especialmente aquilo que viria a ser a astrologia: a arte divinatória baseada num conhecimento preciso dos movimentos dos astros na abóbada celeste, em suposta relação com os episódios felizes ou nefastos da vida humana. Só privilégio dos soberanos e, depois, da aristocracia, durante muito tempo, estas técnicas serão, pouco a pouco, postas ao serviço (verificar-se-á o mesmo fenómeno

---

(1) *La Philosophie en Orient* (fascículo suplementar da *Histoire de la Philosophie*, de Émile Brehier), Presses Universitaires de France, p. 44.

no Egipto antigo) de um número cada vez mais crescente de particulares. A influência da astrologia tornar-se-á cada vez mais forte, mesmo sobre os acontecimentos da vida quotidiana. Os grandes templos da Mesopotâmia antiga comportavam uma torre, chamada *Ziggourat* pelos Babilónios; formada por sete andares diversamente coloridos, simbolizava as regiões sucessivas, hierarquizadas, que unem a abóbada celeste à Terra. A *Ziggourat* era (outra expressão babilónica) o *El-Temen-An-ti*, literalmente: «a casa da pedra fundamental do Céu e da Terra».

Do cimo destas torres, os adivinhos observavam com precisão o movimento dos astros no céu; e não se pode negar terem atingido uma mestria já notável dos resultados matemáticos (1).

Deve-se-lhes a elaboração das divisões comuns do calendário no Ocidente, usadas ainda nos nossos dias: meses, semanas, dias, horas. Papel central, portanto, do Sol, personalizado num deus; mas os diversos planetas eram também divinizados. Não é de estranhar que, da regularidade do curso do Sol e dos outros astros, os astrólogos mesopotâmios tenham extraído a sua crença num determinismo universal, que regeria tanto as colectividades como os indivíduos.

Não seria correcto supor, entre estes primeiros astrólogos, tão hábeis a escrutar as aparências, um conhecimento das verdades da astronomia física. Como em muitas outras civilizações da Antiguidade, a abóbada celeste achava-se concebida com um limite preciso, rígido: supunha-se que fechava o mundo sublunar. Pelos astros, espécie de bóias translúcidas, descia até nós a luz eterna, vinda de além desta abóbada dos céus.

Na altura da descoberta, nas ruínas de Ninive, da biblioteca do rei assírio Assourbanipal, os arqueólogos acharam — é um dos mais significativos documentos antigos — tábuas que reproduziam a cópia (realizada cerca do ano 700 antes de Cristo) de uma colecção astrológica elaborada numa

---

(1) Já sabiam calcular as datas dos eclipses solares e lunares.

data mais antiga, do rei Sargon o Antigo, e que mostram a ligação estreita entre a astrologia no sentido estrito do termo e a interpretação dos presságios. Vamos dar dois excertos delas, particularmente significativos.

As velhas tábuas descobertas em Ninive revelam-nos uma astrologia totalmente consagrada à predição dos acontecimentos colectivos; estas previsões celestes ligam o movimento dos astros a factos de observação, que se devem, portanto, assimilar a presságios. Eis os excertos significativos:

«Mercúrio é visível. Quando Mercúrio é visível no mês de Kislou, há ladrões no país. Se uma auréola rodeia a Lua, e Júpiter se encontra no interior, o rei de Acádia será cercado — e os animais perecerão nos campos [...] Escrevi ao rei meu Senhor: vai haver um eclipse. E houve: é um sinal de paz.»

O astrólogo de que esta colecção de tábuas nos revela a maneira geral de operar consagrava, portanto, com prioridade, as suas predições aos soberanos.

Eis uma outra passagem, entre as mais significativas, das tábuas da colecção do monarca assírio Assourbanipal:

«O mês Addaru terá trinta dias. Na noite de 13 para 14 observei (o Céu) com atenção, levantei-me sete vezes, mas não houve eclipse. Enviarei um relatório ao Rei.»

Os acontecimentos celestes imprevistos eram considerados pelos astrólogos como desfavoráveis; os acontecimentos celestes regulares eram considerados, ao contrário, como nitidamente favoráveis. Reacção humana muito compreensível esta, da obsessão dos factos imprevistos, que rompem o curso regular dos acontecimentos.

Parece que o facto do alargamento das predições planetárias ao homem da rua (diríamos nós), ao indivíduo, foi na Mesopotâmia um processo tardio, que só surgiu por volta do ano 250 antes de Cristo.

## O Egípto

Se a Babilónia é vista, classicamente, como a pátria de origem por excelência da adivinhação astrológica, este privilégio de anterioridade deveria ser partilhado, em boa justiça, como um outro país de muito velha civilização mediterrânica; o Egípto, de que vamos agora tratar.

Na época tardia da influência crescente da religião cristã sobre o Egípto helenizado, os astrólogos deste país gozavam ainda de uma lisonjeira reputação, que ultrapassava, até, os limites da pátria romanizada. Nos *Stromates* (VI, 4), um Doutor da Igreja, Clemente de Alexandria, deixou-nos um retrato muito vivo do astrólogo egípcio do seu tempo, descrito como «tendo na mão o relógio e a palma, emblemas da sua arte. Segundo o costume, deve estar pronto para recitar longamente os quatro livros astrológicos de Hermes, um dos quais trata da ordem das estrelas que parecem fixas, o outro das conjunções e da luz do Sol e da Lua, e os restantes do levantar dos astros». Clemente escrevia, é certo, num período tardio em que — do mesmo modo que para as outras ciências ocultas — se operara uma simbiose muito complexa entre as contribuições de origem verdadeiramente egípcia e as de filiação estrangeira (orientais e depois gregas). Contudo, não seria impossível ao historiador localizar as contribuições «indígenas», isto é, as já desenvolvidas em data antiga no vale do Nilo. Ainda na época romana, persistirão representações egípcias muito antigas.

Eis o testemunho de um outro escritor cristão, Eusébio (*Preparação evangélica*, 1, 10), acerca desta sobrevivência, persistente na época, da antiga cosmologia egípcia:

«[...] quando os Egípcios representam o mundo, descrevem um círculo aéreo, ardente, e colocam no meio dele a imagem de uma serpente com aspectos de gavião, o que forma o nosso  $\Theta$  (1). Designam, pelo círculo, o mundo: e, pela serpente que se alonga, um génio benfeitor.»

---

(1) É a oitava letra do alfabeto grego (teta).

Eis agora um excerto de um autor astrológico egípcio, mas de época romana:

«Uma serpente que morde a cauda (1) e cujo corpo é semeado de escamas, designa o mundo. As escamas figuram os astros, ornamento do universo (2).»

Invoquemos também o testemunho do filósofo neoplatónico grego Plutarco (*Isis et Osiris*, 32):

«Os Egípcios consideram as partes orientais da abóbada celeste como sendo o rosto do mundo, as partes setentrionais da sua direita, as meridionais a sua esquerda.»

Exactamente como na Babilónia, os astrólogos egípcios misturavam assim intimamente, ao seu conhecimento já preciso das leis que regem os movimentos celestes aparentes, toda uma série de crenças religiosas e mágicas acerca das atribuições das potências divinas respectivas que supostamente regem as diversas zonas do céu, acerca do modo como descem até nós as influências «ocultas» — favoráveis ou desfavoráveis, etc. Aliança indissolúvel do científico e do «fantástico» (para os nossos olhos positivos modernos).

Eis um fragmento hermético (dado por Estobeu, na sua *Física* 1, 21) tardio, é certo, mas que — parece — reproduz ainda com fidelidade o esquema de conjunto das mais velhas concepções egípcias em matéria de astrologia: é a acção dos planetas que provocaria na Terra «o fim dos reinos, as revoluções das cidades, a peste, a fome, o refluxo do mar e os tremores de terra». Quanto aos cometas, e ainda segundo o mesmo fragmento hermético, «são os mensageiros e os arautos manifestos de acontecimentos mundiais que devem produzir-se». De notar esta primazia dos acontecimentos colectivos. Ainda no século V da nossa era, Proclus

---

(1) É o *Ouroboros* dos alquimistas.

(2) Horapollon, 2.º Hieróglifo.

(o último dos grandes filósofos gregos neoplatônicos) atestará a persistência, entre os Egípcios, da crença — entre outras — segundo a qual, se os cinco planetas (de Mercúrio a Saturno) juntarem a sua acção desfavorável durante as sementeiras, a colheita estará comprometida. Contudo, foi muito naturalmente que os Egípcios parecem ter chegado progressivamente a uma prática da astrologia individual (elaboração de horóscopos), em virtude mesmo do carácter universal atribuído ao determinismo astral até nos menores detalhes. O historiador grego Diodoro de Sicília (*Biblioteca Histórica*, I, 81) relatava que os Egípcios «observam com zelo a influência de cada astro errante sobre o nascimento dos seres vivos, a fim de saber se é favorável ou desfavorável. E acontece muitas vezes que acertam, predizendo aos homens o que os espera na vida».

Reconciliando as duas filiações históricas tradicionais atribuídas à adivinhação astral, Eusébio escrevia (*Preparação Evangélica*, X, 6):

«Foram os Egípcios e os Caldeus os primeiros a inventar a astrologia.»

Talvez não seja útil dizer agora algumas palavras acerca das hipóteses fantásticas que foram formuladas a respeito das Pirâmides. Um dos incomparáveis testemunhos monumentais deixados pelos homens do Egípto antigo, e que não deixa de intrigar muitos autores modernos, é a tão famosa reunião das três impressionantes pirâmides de Gizèh (<sup>1</sup>), na margem esquerda do Nilo.

Embora nos afastemos um pouco da astrologia *stricto sensu*, não podemos deixar de nos referir a este — ou melhor — a estes problemas.

A intrepidez dos «piramidologistas», tão empenhados em querer desvendar-nos mistérios prodigiosos na Grande Pirâmide (a de Quéops é a única que, praticamente, foi

---

(<sup>1</sup>) Conviria também assinalar a existência de três pirâmides mais pequenas na proximidade das três grandes.

objecto de estudos simbólicos aprofundados), só iguala, em sentido contrário, o total cepticismo de muitos arqueólogos de espírito positivo.

Segundo o astrólogo Dom Néroman (1), a Grande Pirâmide seria — e retoma a afirmação tão audaciosa de muitos esoteristas — uma espécie de «resumo», de «apanhado» de todos os conhecimentos secretos tradicionais conhecidos pelos padres no início da época faraónica, no próprio começo do Antigo Império Egípcio:

«[...] os documentos desta época não nos revelam nomes de astrólogos, porque a ciência era anónima, secreta, hierática; mas revelam-nos o que se sabia nessa época, e o que se sabia era prodigioso, porque eram pelo menos 4800 anos de avanço representados por 4800 polegadas de galerias, comentadas por inscrições ao longo das paredes.»

Ideia fascinante, na verdade, esta de uma inscrição meticulosa de toda a história da Humanidade desde o ano zero da Grande Pirâmide (que corresponderia à data de construção da Esfinge) (2) até ao fim do presente ciclo terrestre (o «fim do Mundo» dos teólogos).

Tentou-se, até, colocar em correspondência rigorosa os corredores e as câmaras da Grande Pirâmide com a chave secreta das *Centúrias* de Nostradamus! Abster-nos-emos, como é evidente, de nos lançarmos em tal terreno, que escapa a qualquer verificação científica positiva.

É inegável, em contrapartida, que a Grande Pirâmide revela, pelos próprios pormenores da sua orientação, conhecimentos astronómicos muito precisos da parte dos construtores egípcios.

Na pirâmide de Quéops, o corredor principal não se encontra orientado para a estrela *Alfa* do Dragão? E não

---

(1) *Grande Encyclopédie Illustrée des Sciences Occultes*, t. II, p. 138.

(2) Mais antiga do que a mais antiga das pirâmides (a de Quéops).

é tudo: a entrada do corredor descendente mostra-se dirigida para o ponto da abóbada celeste em que se encontrava a Estrela Polar na época em que o monumento foi construído. Tais verificações não seriam, sem dúvida, redutíveis a imperativos de puro acaso: inegavelmente, os Construtores da Grande Pirâmide tinham conhecimentos muito precisos no domínio da astronomia estelar, e contribuíram abundantemente com eles para a construção do edifício.

Seria absolutamente impossível aos historiadores recusar aos antigos habitantes do vale do Nilo conhecimentos já muito precisos na valorização das leis astronómicas que regem na esfera celeste os movimentos da Terra, do Sol, da Lua, dos planetas:

«De facto, tudo prova — observa Serge Sauneron — que os Egípcios haviam alcançado, em certos domínios da astronomia, resultados notáveis: não utilizamos nós, hoje, ainda, com pouca diferença, o calendário que instituíram e não adoptámos a sua divisão do ano em doze meses, e do dia em vinte e quatro horas (!)?»

Os Egípcios dispunham de um calendário já muito aperfeiçoado, chamado calendário *Sotíaco*, que partia (tentando traduzir a datação em era moderna) do ano 4241 antes de Cristo. Observemos a divisão das doze constelações zodiacais em três partes, cada uma das quais é designada pela estrela mais brilhante: deste modo se achavam determinadas trinta e seis divisões ou *decanos*, correspondendo às divisões decenais do círculo zodiacal dos 360°.

O que complica a tarefa do historiador é a atribuição, pelos Egípcios, às constelações, de nomes diferentes daqueles que se tornaram tão nossos conhecidos, a nós, Europeus (e que, por intermédio dos Gregos e dos Romanos, remontam aos Babilónios): a nossa Ursa Maior chamava-se *a perna*

---

(1) Serge Sauneron, *Les Prêtres de l'Ancienne Egypte*, Éditions du Seuil, Col. «Le temps qui court», p. 150.

do boi, o Cisne *o homem de braços estendidos*, o Oríon *o homem a correr olhando por cima do ombro*, etc... Os Egípcios chamavam a Sírio *Sothis*, e esta estrela desempenhava um papel determinante no seu calendário: o seu erguer helíaco servia para determinar o ano real.

Parece também que os padres egípcios conheceram o fenómeno da precessão dos equinócios.

Os Egípcios conseguiram elaborar o catálogo já pormenorizado das estrelas visíveis à vista desarmada na sua região: sabiam distingui-las dos planetas, chamados (muito justamente) *astros que ignoram o repouso*.

Um dos testemunhos astrológicos egípcios que fizeram correr mais tinta é, sem qualquer dúvida, o Zodíaco circular esculpido no tecto do templo de Denderah, e descoberto pelo general Desaix durante a expedição de Bonaparte (1798); encontra-se no Museu do Louvre. Calculou-se a princípio que seria de data extremamente antiga; depois, as hipóteses dos egiptólogos mais prudentes trouxeram-no até ao século I da nossa era, à época do imperador romano Tibério, parece. Não é nada absurdo supor que este famoso Zodíaco de Denderah incorporava todos os conhecimentos sacerdotais egípcios, muito anteriores, relativos à abóbada celeste. Observa-se, nesta representação tão bela, a maneira como os diversos animais e personagens do Zodíaco olham o Ocidente, e parecem dirigir-se todos no sentido do movimento diurno; para os Egípcios, o Oriente (onde nasce o Sol) era, tradicionalmente, a fonte da luz, e o Ocidente era, pelo contrário concebido como o lado obscuro das trevas (do além). As estrelas têm sete pontas, número particularmente sagrado entre os Egípcios como em muitas outras tradições antigas. Entre as representações animais, citemos o gavião (símbolo do equador), a íbis (símbolo da eclíptica), o macaco cinocéfaló (símbolo dos dois equinócios).

Segundo numerosos egiptólogos, o aparecimento dos zodíacos circulares seria, contudo, de época tardia (ptolomaica), e, portanto, de origem grega.

No entanto, se a distinção usual dos signos do Zodíaco parece ter vindo da Grécia, é inegável a alta antiguidade,

no próprio Egipto, da divisão, não menos tradicional, da zona celeste próxima da eclíptica em trinta e seis decanos, cada um dos quais é considerado como o domínio privilegiado de um génio celeste. Isso não impedirá, de resto, os padres egípcios de atribuírem, muito mais tarde, a cada uma das doze constelações zodiacais o domínio de um grande deus egípcio ou egipcianizado: Ápis (o touro sagrado) associado ao touro, Hórus e Harpócrates associados aos Gémeos. Ísis à Virgem, Néftis aos Peixes, etc.

Nos tratados ditos herméticos (colocados, na época romana, sob o patrocínio de Hermes Trismegisto) (1), fala-se dos trinta e seis decanos situados no meio do círculo zodiacal. O médico Celso observará:

«Segundo os Egípcios, o corpo humano é ocupado por trinta e seis génios ou deuses etéreos que o dividiriam em outras tantas partes.»

É, já todo o fundamento da astrologia médica.

É inegável que os Gregos da época clássica tiveram tendência para atribuir aos padres egípcios conhecimentos secretos prodigiosamente antigos, remontando a uma misteriosa civilização que teria estado na própria origem do Egipto faraónico: ver a célebre narrativa feita — conta-nos Platão — ao legislador ateniense Sólon por um padre de Saïs, cidade do delta do Nilo. Na sua descrição do Egipto (XIII, I, 29), o geógrafo grego Strabon escreve:

«Estes padres (trata-se, desta vez, do clero egípcio de Heliópolis), tão profundamente versado no conhecimento dos fenómenos celestes, eram, ao mesmo tempo, pessoas misteriosas, muito pouco comunicativas e só à força de tempo e hábeis manejos Eudóxio e Platão conseguiram ser iniciados por eles em algumas das suas especulações teóricas.»

---

(1) Em grego, mas redigidos no Egipto.

E quanto à astrologia propriamente dita, sob a sua forma mais corrente — o estudo da influência da posição dos astros sobre o destino individual? A sua popularidade só se verificará no Egipto nas épocas muito baixas, ao que parece, e numerosos egiptólogos se inclinaram a tomar em conta a herança babilónica, depois as influências gregas (na época ptolomaica, e, a seguir, romana). Pessoalmente, acreditamos na existência de uma astrologia sacerdotal egípcia de antiga data, que se encontrava primeiro limitada ao soberano, ao país no seu conjunto, às mais altas personalidades: como na Babilónia, só progressivamente a adivinhação astrológica se alargará a camadas sociais cada vez mais elevadas, até acabar (última etapa) por atingir todos os meios.

## Os Hebreus

Seria necessário averiguar se a crença na astrologia se manifesta na Bíblia.

Sem qualquer dúvida, o conhecimento dos ciclos solares e lunares (fundamentos das previsões astrológicas) não foi desconhecido dos padres de Israel.

Não foi o Templo de Jerusalém construído de tal maneira que, nos dois equinócios, os raios do Sol nascente vinham atingir o próprio coração do Santuário? Moisés não marcou o Êxodo para a noite de Lua cheia da Primavera — o que supunha da parte do grande legislador hebraico um conhecimento do ciclo lunar?

Não se poderia fazer corresponder analogicamente as doze tribos de Israel, abençoadas por Jacob, e as doze constelações zodiacais? Na visão de Ezequiel da Nova Jerusalém, a eclíptica parece ser considerada por este grande profeta como determinando um circuito, no qual o resultado constituiria, de facto, um retorno ao começo do ciclo terrestre:

«E, a partir deste dia, o nome da cidade será: o Eterno está aqui.»

Encontram-se estas correspondências zodiacais na época neotestamentária, na descrição da Nova Jerusalém que surgirá no Apocalipse de São João: a Nova Jerusalém «tinha doze portas, e sobre as portas doze anjos, e nomes escritos, os das tribos dos filhos de Israel». Reflexo directo, pois, da numerologia astrológica.

Pôr-se-ia, contudo, o problema de saber, antes de mais, se a astrologia prática no sentido mais corrente do termo (isto é, a fixação de horóscopos individuais), se encontraria incluída desde a origem nos conhecimentos tradicionais que a Bíblia nos deixa entrever.

Conviria, por outro lado, avaliar a influência, por certo importante, dos contactos (voluntários ou sofridos: pensar no papel essencial do cativoiro dos Judeus na Babilónia) entre o Judaísmo e as outras culturas antigas do Médio-Oriente: a difusão, tardia de resto, da adivinhação astrológica na Palestina não teria sido oriunda dos Assírios e da Babilónia?

## A Índia

Se numerosos astrólogos indianos modernos fazem remontar as origens mais longínquas desta arte divinatória ao seu próprio país, o historiador objectivo veria de preferência nas influências babilónicas e em seguida gregas o ponto de partida temporal da astrologia indiana. «Na ordem das ciências, a Índia recebeu mais do que deu.» (1)

A astrologia indiana tradicional (que inclui a astrologia) encontra-se reunida em textos helenísticos e iranianos no *Sûrya Siddhânta*. A sua leitura atenta revela-nos logo o papel capital desempenhado pela introdução de sistemas estrangeiros: a astronomia grega no *Romaka Siddhânta*, a astrologia babilónica no *Pauliça Siddhânta* (obra composta cerca do ano 550 da nossa era por Varâha Mihira, célebre

---

(1) P. Masson-Oursel, *La Philosophie en Orient*, p. 107.

como sábio e astrólogo), os cultos solares helenísticos e iranianos na *Sûrya Siddhânta*. Mas é necessário mencionar também, antes mesmo da época da sua chegada maciça, aberta (séculos VI e VII da nossa era), certas influências chinesas, muito especialmente sobre o zodíaco lunar.

Além da Varâha Mihira, citemos, entre os primeiros grandes astrólogos indianos: Aryabhata, que foi também um matemático de valor; Brahamagupta (nascido em 598), autor do tratado *Khandakhyadyaka* (665); Kankah que, depois da conquista muçulmana, comunicará os seus conhecimentos astronômicos aos Árabes.

Nem nos Vedas nem nas Escrituras bramânicas se poderia encontrar uma astrologia solar no sentido preciso do termo (elaboração de horóscopos individuais). Em compensação, encontrar-se-iam vestígios, desde o *Mahabbarata* (redigido entre os anos 300 a. C. e 500 d. C.), de uma espécie de astrologia lunar, representando, portanto, a forma, mais antiga desta arte divinatória.

Não seria inútil tentarmos avaliar o lugar possível do determinismo astrológico corrente nas concepções indianas tradicionais acerca dos ciclos e do tempo.

Na Índia, deve ter-se em conta a maneira — que se liga ao problema geral do determinismo astrológico — como o «destino» do homem (para empregar o termo ocidental corrente) se encontra sempre vinculado a perspectivas cósmicas. Aliás, deveria ser o caso em toda a perspectiva esotérica tradicional. As tradições da Índia tinham desenvolvido (e esta noção encontra-se em diversos sistemas teosóficos ou «ocultos» contemporâneos inspirados no Oriente) a noção de *Karma*, segundo a qual os actos e pensamentos do indivíduo regeriam (a curto ou a longo prazo) os pensamentos e os actos que realizasse nesta vida terrestre e naquelas que se seguissem. Nesta vida terrestre e naquelas que se seguissem. Seríamos, portanto, arrebatados por um inexorável determinismo, mas cujas raízes se encontrariam incluídas nas consequências dos nossos actos e, até, dos nossos pensamentos.

00 Mesmo para além do determinismo karmico geral, as perspectivas cosmológicas indianas fazem intervir a muito vasta sequência das *idades do mundo*, dos ciclos terrestres no seu conjunto, dos grandes períodos de manifestação que se sucederiam no seio dos Cosmos.

11 Mas é conveniente voltarmos à própria prática da astrologia, segundo o seu tratado mais clássico: ainda hoje, os astrólogos indianos fazem dele um uso metuculoso. Este grande tratado clássico comporta os livros que compõem a obra de Varâha Mihira (parece terem sido compostos entre os anos 350 e 400 da nossa era). São eles: o *Brihad-Samhita*, manual de astrologia geral e natural; o *Brihad Dschataka* e o *Laghu Dschatakam*, que são, respectivamente, o «grande» e o «pequeno» tratado para a arte de elaborar horóscopos; os *Yoga-Dachatras*, que codificam as regras da astrologia horária para fins militares e políticos; e um quinto livro, o *Vivaha Patala*, que fornece as regras da astrologia horária nos domínios civis ou religiosos.

## A astrologia entre os Gregos e os Romanos

Acerca da história da astrologia na Grécia, a velha mas excelente obra de Bouché-Leclerq continua clássica (1). Notava este autor, muito certamente, quanto ao problema das próprias origens da principal arte divinatória que a Grécia devia praticar:

«A astrologia é uma religião oriental que, transplantada na Grécia, um país de 'físicos' e de filósofos, ali tomou aspectos de uma ciência. Inteligível como religião, retirou da astronomia princípios, medidas, especulações aritméticas e geométricas, também inteligíveis, mas procedendo da razão pura, e já não da mistura complexa de sentimentos que é a razão prática das religiões. Da associação destas duas

---

(1) Ver a reedição recente (Bruxelas, Éditions Culture et Civilisation, 1963).

formas de raciocinar saiu uma combinação bastarda, no fundo ilógica, mas provida de uma lógica especial, que consiste na arte de tirar de axiomas imaginários, fornecidos pela religião, demonstrações conformes aos métodos da ciência. Esta combinação, que poderia parecer instável, mostrou-se, pelo contrário, singularmente resistente, flexível e plástica a ponto de se adaptar a todas as doutrinas, lisonjear o sentimento religioso e interessar ainda mais os ateus.»

Inegavelmente, a astrologia grega é bem de origem caldeica quanto à primeira filiação dos seus aspectos religiosos e mágicos. Tradicionalmente, o introdutor da astrologia na Grécia antiga teria sido um venerado padre babilónico de Marduque (o deus do Sol), Bérose, que viera da Caldeia, instalara-se na ilha de Cós em 280 a. C. e aí fundara uma escola. Mas a voga da astrologia em terra helénica remontava mais longe; não espanta, portanto, que a conquista da Caldeia por Alexandre, o Grande (etapa na sua marcha para o Indos), haja marcado o início de uma difusão crescente, no Mediterrâneo Oriental, de todas as ciências ocultas milenarmente desenvolvidas nesta região. Para os Gregos, tudo o que chegava aureolado pelo renome fascinante do Oriente, do próprio país onde o Sol se ergue, era ornado de um prestígio sem igual.

Para além do país da Caldeia, os Helenos olhavam para muito mais longe: para a Pérsia e para a Índia, a fim de procurar as fontes veneradas dos prestigiosos segredos da sabedoria oriental. Importante também, não esqueçamos, a influência do Egipto nos antigos Gregos. Também, sem dúvida (mas aqui deparar-se-nos-iam tradições muito mais lendárias), deveríamos fazer entrar em linha de conta (desta vez no Norte) os tão misteriosos Hiperbóreos, cuja enigmática civilização remontaria à última grande glaciação, situada na era longínqua dominada pelo signo zodiacal da Virgem.

Muito antes das conquistas de Alexandre, os filósofos gregos devem ter efectuado (foi o caso não só do grande Pitágoras, mas de muitos outros) longas viagens ao Oriente, em busca da luz. Convém evitar considerar a Grécia antiga

como um pequeno mundo absolutamente fechado, sem influências de fontes exteriores, próximas ou longínquas.

Não seria possível encontrar na mitologia grega provas de conhecimentos astrológicos tradicionais anteriores, adquiridos pelos Gregos ao importarem a astrologia caldaica?

Tomemos a lenda famosa do grande herói heleno Hércules (o Hércules latino), semideus solar que simbolizava o ciclo anual do astro do dia. Entre as interpretações possíveis da lenda iniciadora dos seus doze *trabalhos*, não se poderia lobrigar uma simbolização concreta dos signos zodiacais que o Sol atravessa sucessivamente? Facilmente se encontraria no Touro cretense, é certo, o signo do mesmo nome; as duas colunas de Hércules far-nos-iam pensar nos Gémeos, a Hidra de Lerna, por certo, no Câncer, enquanto as Amazonas evocariam o signo astrológico da Virgem, os Centauros o do Sagitário, a Corça de pés de bronze o Capricórnio; tais são, pelo menos, assimilações que nos parecem certas.

Entre a maioria dos filósofos gregos, era firme a crença na influência directa dos astros e dos seus movimentos sobre o destino humano. Isto é particularmente nítido em Pitágoras (que teria nascido em Samos, cerca do ano 582 antes da nossa era), com a sua doutrina tão característica dos planetas que percorriam a abóbada celeste emitindo cada um a sua nota musical própria, engendrando a cominação destas tonalidades — acreditavam os Pitagóricos — aquilo a que se chamava a *harmonia das esferas*.

Tanto Platão como Aristóteles, depois de Pitágoras, acreditavam firmemente na influência directa dos astros sobre o determinismo das acções humanas.

A Grécia conhecia, no entanto, os seus pensadores cépticos. Carnéade, por exemplo (século II da nossa era), ao qual se deve a primeira formulação lógica de dois dos argumentos que viriam depois a ser tão frequentemente retomados contra a crença no determinismo astrológico: 1.º Como explicar que dois gémeos que vieram ao mundo exactamente na mesma hora possam ter destinos muito diferentes um do outro? 2.º Os homens que perecem ao mesmo

tempo (num naufrágio ou numa batalha, por exemplo) e tiveram, portanto, a mesma sorte trágica exactamente na mesma altura, nasceram, contudo (na maioria dos casos), sob signos muito diferentes. Como podem os astrólogos explicar esta dupla anomalia?

Os astrólogos gregos não desdenharam tentar previsões à escala geral, esforçando-se por estudar o papel motor dos ciclos solar e lunar quer sobre o conjunto dos fenómenos da natureza, quer sobre o destino dos grupos. Mas dedicaram-se muito especialmente a fazer horóscopos: era sobre todos os homens e não somente sobre os soberanos que se exercia, segundo eles, a influência causal dos astros.

Dos inúmeros temas astrológicos que elaboraram os adivinhos gregos, cento e oitenta chegaram até nós; existe uma tradução integral deles em inglês (1).

Se os Gregos haviam assimilado com muita facilidade as suas próprias divindades aos deuses planetários dos Caldeus, iriam desenvolver consideravelmente a precisão dos cálculos, todo o rigor do sistema astrológico, de que acabaram por fazer massa grandiosa e coerente. Poderia, até, dizer-se que, no conjunto, os princípios da astrologia grega (e depois romana, como veremos em seguida) revelavam-se já semelhantes aos da astrologia tal como a conhecemos; tal como se manteria na Europa até aos nossos dias, sob as suas formas mais tradicionais.

Qual é o dogma fundamental da astrologia grega, um princípio que se encontrará sempre presente até aos nossos dias nesta arte divinatória? O da completa solidariedade que existiria entre todas as partes do Universo, mesmo as mais afastadas umas das outras: haveria, com efeito, interacção constante do Céu e da Terra; e, sobretudo, o mundo no seu conjunto é concebido pelos astrólogos helénicos como um vasto organismo vivo, em que todas as partes se uniam para uma troca incessante das correntes e das influências.

---

(1) Neugebauer e Van Hoessen, *Greek Horoscopes*, Filadélfia, The American Philosophical Society, 1959.

Os astros enviam, ininterruptamente (pensava-se), energias para a Terra e para o ser humano: neste, portanto, cada uma das partes do corpo encontrava-se em correspondência directa com uma parte do céu estrelado; do mesmo modo, as disposições, temperamentos, a personalidade, as tendências psíquicas do homem achavam-se condicionados pelas complexas influências astrais. Crença extremamente antiga, esta da afirmação da existência de relações misteriosas, da *simpatia* existente entre os corpos celestes e todos os acontecimentos terrestres. Estas relações, incessantemente modificados à medida dos movimentos dos astros na abóbada celeste, determinariam, rigorosamente, os acontecimentos deste mundo — quer fossem colectivos ou individuais.

As imagens tradicionais, os próprios nomes dos astros, das constelações que ainda hoje figuram nas nossas cartas celestes, onde são (segundo as palavras de Bouché-Leclercq) como os «restos fósseis de uma luxuriante vegetação mitológica»: tudo isto nos vem em linha recta da astronomia e da astrologia gregas, intimamente misturadas, com efeito. Para além da esfera celeste que viria a tornar-se clássica, os astrólogos gregos usavam outra a que chamavam a «esfera bárbara» povoada de personagens e de animais bem mais fantásticos ainda, e que estava, sem dúvida, mais directamente ligada originalmente à filiação caldaica primária, e também a uma muito provável fonte egípcia; com efeito, nela se encontravam figuradas sob o aspecto de constelações as velhas divindades tribais semíticas ou as deidades tradicionais das províncias egípcias.

O mais famoso tratado de astrologia escrito por um Grego foi composto na época da dominação romana: é o *Tetrabiblos* (literalmente em grego: «os quatro livros») de Cláudio Ptolomeu, escrito no ano 140 d. C. Nesta obra clássica, encontravam-se codificados, nos menores detalhes, todos os princípios básicos da astrologia grega.

Ptolomeu viveu na Alexandria, onde morreu depois do ano 161. Foi também — não esqueçamos — um astrónomo famoso, cujo sistema cosmográfico (o geocentrismo e a teoria dos epiciclos) iria, praticamente, reinar na Europa até ao

século XVII. «Ptolomeu transmitiu ao Ocidente a tradição astronómica dos Gregos, e foi, aos olhos dos modernos, o criador da astronomia matemática. A sua arte admirável de exposição impôs, durante séculos, o prestígio do seu sistema do mundo (1).»

Ptolomeu, para voltarmos ao aspecto mais precisamente astrológico da sua obra, punha a si próprio um problema muito debatido, tanto no Ocidente como no Oriente: o do horóscopo verdadeiramente ideal, que deveria ser elaborado para o próprio momento da concepção; mas Ptolomeu calculava que, na prática (para além da impossibilidade, na maioria dos casos, de determinar este momento com real precisão), o horóscopo realizado após o nascimento era amplamente suficiente para alcançar previsões exactas.

Na astrologia grega, tal como a encontramos tão metodicamente codificada em Ptolomeu mas que se tinha já desenvolvido e organizado muito antes dele, é a astrologia verdadeiramente clássica, tal como chegou até aos nossos dias, que entra já em cena. Nela se encontram todos os desenvolvimentos habituais sobre a influência dos signos do Zodíaco, sobre a teoria das Casas, sobre o cálculo dos «aspectos» bons ou maus. Nela se encontram também as sábias combinações dos princípios astrológicos com a velha doutrina física grega dos quatro elementos (ar, água, fogo, terra), entre os quais há trocas perpétuas; como a classificação (aparentada) das quatro qualidades naturais fundamentais (o quente, o frio, o seco, o húmido). Nela se encontra já um estudo pormenorizado do tema de nascimento em referência à marcha dos planetas no céu no decurso da vida do indivíduo (cálculo dos «trânsitos» e «direcções» astrológicas).

O erro histórico que se não deve cometer seria o de considerar a astrologia grega como uma arte experimental estritamente positiva, prática. Verificar-se-ia, é certo, uma «laicização» da arte relativamente à adivinhação planetária

---

(1) A. Rivau, *Histoire de la Philosophie*, Presses Universitaires de France, t. 1, p. 510.

babilónica: na grande maioria, os astrólogos gregos já não são padres. No entanto, seria fácil acentuar a pertetuação, nesta arte astrológica grega que se apresentava, aparentemente, como uma disciplina tão «técnica» como a medicina, das velhas crenças saídas do primitivo culto dos astros. As leis astrológicas baseadas na observação paciente dos movimentos dos corpos celestes apoiar-se-ão sempre, de facto, como na Babilónia, num fundamento, substrato sagrado, «religioso», portanto.

Os Gregos tinham dado aos sete planetas os nomes das divindades principais do seu panteão, com características e atributos conhecidos de todos (tanto do povo, como dos letrados).

A expansão da crença no determinismo astrológico não deixará de favorecer no mundo mediterrânico o impulso da metafísica dos estóicos, que negavam a existência do livre-arbítrio do indivíduo. O curso dos astros é, portanto, concebido como o reflexo da Ordem cósmica rigorosa, e traduzindo o Plano divino e as suas subdivisões: cada parte deste corresponderia sempre a algum movimento observável dos corpos celestes, e marcaria uma espécie de «decreto» cósmico. Encontra-se, também, entre estes astrólogos gregos, uma outra crença (também muito velha): a do alcance possível de uma imortalidade celeste, por translação nos astros, para além das órbitas dos sete planetas; esta crença, já desenvolvida no pitagorismo, era objecto de muitas narrativas mitológicas e lendárias.

Nos próprios nomes dados pelos Gregos às constelações, reencontra-se toda uma base religiosa e sagrada. Por exemplo, os astrólogos punham a constelação da Serpente (que brilha perto do pólo boreal da esfera celeste) em correspondência analógica com as curas medicinais. Porquê? Porque a serpente era o animal sagrado de Asclépios (Esculápio), patrono da medicina, venerado no santuário de Epidauro.

Foi graças à dominação romana em toda a bacia do mediterrâneo que a astrologia grega devia adquirir toda a

sua expansão, que se manteve no Ocidente praticamente até aos nossos dias.

Com a primeira importação de escravos gregos em Roma, a astrologia (entre outras práticas) penetrou entre os Latinos. No século III a. C., o poeta Ennius apostrofava já com desdém os «*de circo astrologos*» que — tal como os nossos modernos negociantes de horóscopos que exercem a sua profissão nas festas de província — montavam as suas barracas perto das arenas, para tentar arranjar clientes entre a multidão que se dirigia aos jogos de circo. Além dos Gregos (escravos depois libertos), numerosos Orientais vinham a Roma em busca de fortuna; no Império, o astrólogo será chamado ora *mathematicus* (por causa dos cálculos necessários à elaboração dos horóscopos), ora *Chaldeus*, «Caldeu» (por causa da origem histórica muito conhecida da sua arte).

Em 139 a. C., um decreto de Cornelius Hispallus tentará proscrever os astrólogos — com um total insucesso. Com o declínio da República, a adivinhação pelos astros não deixa de fazer crescentes progressos; com o Império, será o mais total triunfo astrológico, tanto entre o povo mais crédulo, como na aristocracia letrada, entre os sábios e entre os filósofos. Com efeito, são raros os homens que atacam as crenças astrológicas: um Lucrécio, que, no seu *De Natura Rerum*, opõe o fatalismo astral ao livre-arbítrio do homem; Cícero que, no seu *De Divinatione*, denuncia a crença na verdade prática dos horóscopos. Quanto ao poeta Juvenal, não denuncia a própria astrologia mas antes a corrida dos clientes ingénuos (especialmente as mulheres) <sup>(1)</sup> às casas dos adivinhos. Juvenal, como patriota romano, enfurece-se contra os Gregos, tão hábeis a praticar todas as artes:

«São tudo o que quizerdes: gramáticos, reitores, géometras, pintores, banheiros, áugures, funâmbulos, médicos,

---

(1) *Sátira* VI.

mágicos: o grego esfomeado nada ignora: mandem-no ao Céu, que ele irá.» (1)

Denuncia também a invasão das superstições egípcias (*Sátira XV*). São, contudo, ataques isolados!

Júlio César, Crasso, Pompeu, acreditarão firmemente na total verdade das predições astrológicas.

É na época de César que surge um vasto poema didáctico, em cinco livros, os *Astronómicos*, obra do astrólogo Manilius. Extraímos dele um verso significativo: «o destino governa o mundo, o universo é regido por uma lei inflexível.» (2) Reconhece-se aqui um reflexo da metafísica estóica: a Lei que rege o Universo considerada como a própria emanção do Espírito Divino.

Com o Império, veremos os astrólogos não só instalarem-se, como também conquistarem cada vez mais o favor dos poderosos, desempenhar um papel político, tornarem-se conselheiros privados dos soberanos e seus próximos (3). Os próprios Romanos se dedicarão a fazer carreira nesta arte divinatória.

Augusto terá como astrólogo um grego, Teógenes; não só não hesitará em publicar o seu horóscopo elaborado por este adivinho, como mandará cunhar uma moeda de prata em que figura o Capricórnio, signo de nascimento do soberano.

Thrasyllus, um Romano, será o astrólogo de Tibério, enquanto o discípulo e herdeiro daquele, Babililius, exercerá a mesma arte junto dos imperadores Cláudio e Nero.

Segundo Tácito (4), astrólogos caldeus haviam predito à imperadora Agripina que o seu filho, Nero, viria a ser imperador, mas matá-la-ia. A corte dos Césares parece ter-se assemelhado muito (para pior), do ponto de vista de intri-

---

(1) *Ob. cit.*, v, 74.

(2) *Ob. cit.*, IV, verso 14.

(3) Ver a obra de Frédéric H. Cramer: *Astrology in Roman Law and Politics*, Filadélfia, The American Philosophical Society, 1954.

(4) *Anais*, XIV, 9.

gas políticas e rivalidades diversas com as práticas divinatórias, à dos Valois com Catarina de Médicis!

A astrologia romana deve ser considerada, sem qualquer hesitação, como a herdeira directa da astrologia grega; as divindades latinas, tendo dado os seus nomes clássicos (que ainda usamos: Mercúrio, Marte, etc.) aos planetas, eram a simples equivalência das suas designações gregas. A personalidade mais reputada da astrologia na época romana terá, de resto, lembremo-lo, um nome grego, o de Ptolomeu, autor dos dois grandes clássicos da astrologia que são o *Quadripartitum* (título latino usado com frequência, do *Tetrabiblos*) e o *Centiloquium* (1).

Cláudio Ptolomeu, originário de Pelúcio (no delta do Nilo) mas grego de origem, fora, simultaneamente, como vimos, astrólogo e astrónomo; ensinará em Alexandria, com grande êxito. É de notar que põe muito pertinentemente o problema — que não deixará de preocupar os astrólogos — de uma possível conciliação entre o determinismo astrológico e o livre-arbítrio: para Ptolomeu, a astrologia permitir-nos-ia mesmo, uma vez conhecidos os perigos inscritos no nosso tema de nascimento, orientar a nossa vida tendo em conta o nosso «destino» normal, e estando, portanto, muito mais bem armado para evitar os seus perigos.

União directa da astrologia com as crenças religiosas pagãs, sob as suas formas codificadas e estruturadas na época imperial: muitos documentos o atestam. Cite-se um altar romano conservado no Museu do Louvre, em que se encontram figurados os doze signos do Zodíaco.

No ano 218 da nossa era, ver-se-á um cidadão romano receber um privilégio reservado até aí exclusivamente aos jovens de linhagem imperial: tomar o nome de Alexandre. Porquê? Porque este Romano, nascido em Dezembro de 218, tinha um tema em que os signos de nascimento eram exactamente os mesmos do horóscopo do grande conquistador

---

(1) Esta última obra foi assim chamada porque compreende cem máximas astrológicas.

macedónio (1). Impossível saber se esta personagem teve ou não o destino fora de série para que esta particularidade o deveria ter predestinado!

Os astrólogos romanos não se contentarão em elaborar o horóscopo dos indivíduos, mas tentarão também predições à escala geral; alguns houve que se empenharam em elaborar o tema astrológico que corresponderia à data tradicionalmente assente para a fundação da Cidade Eterna (753 a. C.) por Romulus, «no décimo primeiro dia das calendas de Maio, entre a segunda e a terceira hora, quando Júpiter estava nos Peixes, o Sol no Touro, a Lua na Balança e os outros quatro planetas no Escorpião».

Sob o Império Romano, a astrologia desfrutará no mundo mediterrânico de uma autoridade quase soberana — maior ainda do que nos nossos dias na Europa, onde os cépticos são muito numerosos.

Contudo, observar-se-ia uma semelhança muito curiosa entre a situação deste período e a do Ocidente no fim do século XVIII, do mesmo modo que com a da época actual.

Voga imensa da astrologia, de alto a baixo da escala social: no alto, o astrólogo rodeado dos favores das mais altas personagens; em baixo, o afadigado pequeno «negociante de horóscopos».

Em todas as classes da sociedade romana na época imperial, a astrologia não deixará de ter uma voga realmente prodigiosa. No *Satyricon*, escrito sob o reinado de Nero, Petrónio descreve com verve um episódio significativo entre as peripécias do sumptuoso festim oferecido por Trimalcion, tipo do «novo-rico» da época, ingenuamente ávido de ser moderno, actual; na vasta mesa, encontram-se dispostas doze iguarias suculentas, apropriadas a cada um dos signos do Zodíaco e de que os convivas comerão segundo os seus horóscopos respectivos.

A astrologia não podia ter lugar na adivinhação oficial, institucionalizada, da antiga religião romana (colégios

---

(1) Jean-Gage, *L'horoscope de Doura et le culte d'Alexandre sous les Sévères*; (*Bulletin de la Faculté des Lettres de Strasbourg*, 1954.)

dos Áugures e dos Quindécemvirs); mas o mesmo não acontece no Império, quando crenças e ritos serão cada vez mais penetrados pelos cultos orientais. É no século III da nossa era, que marca em particular o apogeu dos mistérios solares (1), que se situa, sem dúvida, o seu apogeu histórico no Império Romano. Ao mesmo tempo que se desenvolvem os mistérios orientais, vê-se — por exemplo — erguerem-se em Roma e nas províncias esplêndidas *septizonia*, edifícios de sete andares (daí o seu nome) que evocavam a imagem das sete esferas planetárias, donas do destino do homem: mesmo simbolismo que nas antigas *Ziggourats* babilónicas.

A expansão das gnoses diversas (dá-se este nome a um conjunto de sistemas que aspiravam a proporcionar aos homens um «conhecimento» — grego *gnôsis* — salvador) acompanhará a da astrologia. Nos tratados herméticos (assim designados por causa da sua atribuição ao lendário Hermes Trismegisto, o «Três vezes Grande»), vêem-se assim os humanos divididos em sete tipos, os quais se encontram em correspondência com os sete planetas: vêem-se os doze signos do Zodíaco colocados em relação com as diferentes partes do corpo humano, que governam.

No gnosticismo, uma doutrina (de origem babilónica e iraniana) desempenhava um papel muito importante: a da descida e da subida das almas. As almas, obrigadas a vir encarnar cá em baixo, descem através das sete esferas planetárias; de cada um dos astros errantes, e segundo a sua posição (que revelará o horóscopo do indivíduo), herdam esta ou aquela qualidade; quando, inversamente, se desligam do corpo físico, escapam-se para voltar à sua pátria celeste: à medida que atravessam as «portas» das sete esferas planetárias sobrepostas, restituem-lhes as influências, os condicionamentos, as inclinações e as paixões de que se haviam impregnado na altura da descida. É quando se encon-

---

(1) Cf. Jean-Jacques Schaub, *La Théologie Solaire et sa Diffusion: les tentatives d'installation d'une religion solaire au III.<sup>e</sup> siècle après Jésus-Christ.* (*Bulletin de la Faculté des Lettres de Strasbourg*, Maio-Junho de 1951).

tram finalmente libertas de todas estas fatalidades que podem atingir, puras essências, a morada celeste.

A astrologia, tanto em Roma como nas províncias, gozará de um prestígio por assim dizer incontestado até ao triunfo do cristianismo. Prestígio de uma disciplina que se reputava rigorosa por natureza (considera-se que o astrólogo podia determinar os factos marcantes de uma vida humana com tanta segurança como no cálculo preciso da data de um eclipse solar ou lunar); prestígio religioso e mágico também. Do mesmo modo que hoje os adivinhos que exercem em Londres, Paris ou Nova Iorque reivindicam uma prestigiosa filiação oriental (real ou suposta), do mesmo modo a astrologia progride em Roma, ao mesmo tempo que as religiões orientais ocupam um lugar predominante. Roma torna-se, à medida que se avança para o fim do período imperial, numa cidade espantosamente cosmopolita (à imagem do Império): mágicos e adivinhos da Grécia, da Síria, do Egipto, da Babilónia e da Pérsia, todos ali vão em busca de fortuna, e encontram uma importante clientela.

No século IV assiste-se ao grande sucesso de uma curiosa compilação escrita por um padre egípcio, Hora-pollon: o erudito Solin (sob o reinado de Diocleciano) referir-se-á à «disciplina das estrelas».

Mas um problema se põe: quais foram as relações entre o cristianismo triunfante e a astrologia?

## Astrologia e Cristianismo

Segundo a tradição, uma *estrela* teria guiado os três «Reis Magos» até ao presépio de Belém. Mas quem eram estas três personagens que vinham adorar o Salvador? Não soberanos (1), mas, sem dúvida, *Magos* no sentido antigo e preciso, isto é, provavelmente padres — adivinhos do Irão

---

(1) Apesar das narrativas populares.

ou da Babilónia. Se a lenda (na totalidade ou em parte) se revelava historicamente verdadeira, seria normal tentar interpretar o facto. A «estrela dos Magos» não teria sido um simples cometa? Ou antes — hipótese que Kepler devia desenvolver — ter-se-ia tratado de uma conjunção excepcional dos planetas Marte, Júpiter e Saturno, que, sobrepondo-se no Céu, teriam apresentado, então o aspecto paradoxal de uma única estrela gigante, de uma claridade excepcional? De qualquer modo, os astrólogos cristãos não deixaram, ao longo das idades, de fazer notar este patrocínio celeste, estes «sinais de Céu» que estariam associados ao nascimento de Jesus. Cedamos a palavra ao historiador Bouché-Leclercq:

«Dizer que Deus se servira de um astro para avisar os magos, simplesmente porque eram astrólogos, não enfraquece a conclusão: haviam sido avisados, e, portanto, compreendiam os sinais celestes.»

No entanto, diversos Doutores da Igreja tomarão posição contra o próprio fundamento da astrologia: o determinismo planetário. Por uma dupla razão: severa desconfiança em relação aos inegáveis vínculos pagãos (culto caldeu e grego dos astros) desta arte divinatória; aparente oposição entre o inelutável destino (dependentes dos corpos celestes) imposto ao homem pelo determinismo astrológico e o livre-arbítrio sem o qual a intervenção misericordiosa do Deus dos cristãos não teria tido qualquer sentido. Ver-se-á mesmo o grande Santo Agostinho (354-430), bispo de Hippone, tentar — na linha de espírito de Cícero — mostrar o absurdo das crenças astrológicas.

Nas suas *Confissões*, confessa ter acreditado na astrologia durante a juventude, mas ter sido radicalmente curado da sua credulidade ao saber que um rico proprietário e um pobre escravo que trabalhava nas terras daquele naviam nascido no mesmo local, exactamente no mesmo instante, e tinham, portanto, o mesmo horóscopo. Evoca, assim, a já clássica objecção dos géneros de destinos divergentes. No entanto, a raiz profunda da sua oposição é de ordem teoló-

gica; e clama (*Confissões*, VIII, VI): «Assim, eles (os astrólogos) inocentam o homem de qualquer erro — homem de carne, de sangue, de orgulhosa corrupção — e atribuem-no ao Criador, que rege o Céu e os astros [...]» Mais responsabilidade da criatura, mesmo que esta se encontre inteiramente determinada pelos planetas e as estrelas, segundo um plano celeste rigoroso e intangível.

Nem todos os Doutores da Igreja e os outros autores cristãos serão, nem de longe, hostis à astrologia. Para Julius Firmicus Maternus (século IV), a astrologia apresenta-se mesmo como uma disciplina susceptível de conduzir às grandes verdades cristãs: o Espírito divino exerce cá em baixo a sua influência por meio dos astros: quanto à alma humana, que é uma chama daquele, pode — graças ao conhecimento das esferas celestes — alcançar a contemplação das realidades, das entidades do plano superior. Para o bispo Sinésio de Cirene (contemporâneo de Santo Agostinho), as partes do universo não são, todas elas, igualmente ligadas pela lei de simpatia, e não poderia, portanto, a astrologia servir de preparação à teologia?

Nunca chegará a haver, com efeito, condenação expressa da astrologia pela Igreja (1); e muitos eclesiásticos cultivarão esta disciplina, até à época moderna.

Mas, antes de prosseguirmos o nosso panorama histórico da astrologia no mundo ocidental, não há que encarar a existência antiga desta arte divinatória noutras regiões do Globo? Já abordámos a astrologia indiana, mas resta-nos debruçarmo-nos sobre a astrologia do Extremo Oriente — e da América pré-colombiana.

## A astrologia do Extremo-Oriente

Na China, a astrologia estava já florescente vários séculos antes da era cristã e a sua popularidade não deixará de aumentar até à Idade Média.

---

(1) As condenações que houver visarão apenas o charlatanismo, ou a crença verdadeiramente deliberada no fatalismo planetário total.

Na narrativa das suas *Viagens*, Marco Polo afirma que a cidade de Kambalu (capital do grande Khan mongol, Imperador da China) não contava menos de 5000 adivinhos e astrólogos.

Até ao fim do Império Chinês, marcado pelo da dinastia Manchu, a astrologia conservará o favor da aristocracia e dos letrados: quando a velha Imperatriz Tseu-hi morreu (29 de Novembro de 1909) a hora do funeral ainda foi determinada pelos astrólogos da corte, como fora para todos os soberanos do celeste Império.

Tem sido posto o problema das origens históricas longínquas da astrologia chinesa: e se certos autores a consideram como extremamente antiga, outros vêem nela um edifício divinatório, de facto, posterior à adivinhação planetária dos Caldeus, que seria — ela, sim — a forma mais antigamente conhecida das artes astrológicas.

Sejam quais forem as suas origens primárias, a astrologia chinesa forma um conjunto complexo, que se desenvolveu segundo a sua própria evolução <sup>(1)</sup>.

Não pareceria completamente absurdo ver entre a astrologia chinesa e a (ver o parágrafo seguinte) dos Maias e dos Astecas das Américas do Norte e Central estranhas semelhanças — muito especialmente no emprego de um simbolismo *animal* desconhecido pelos astrólogos europeus.

Tomemos o símbolo do Tigre, aplicado a um dos pontos cardeais. Para os Chineses, representa o Ocidente, quando, pelo contrário, era um símbolo do Oriente para os Maias e os Astecas. Alexandre Volguine dá a explicação mais provável desta oposição acerca da atribuição deste felino a um dos pontos cardeais <sup>(2)</sup>:

«Esta inversão do mesmo símbolo não é mais do que aparente, porque para os Chineses os equinócios e os solstí-

---

<sup>(1)</sup> Ver o tomo III (*Mathematics and the Sciences of the Heavens and the Earth*) da volumosa obra de Joseph Needham, *Science and Civilization in China*.

<sup>(2)</sup> *L'Astrologie chez les Mayas et les Aztèques*, pp. 18 e 19.

cios não são marcados pela presença do Sol (ou de um outro factor cósmico) no ponto cardeal, mas pela lua cheia num ponto oposto. Portanto, a imagem do *Tigre*, que designa na China a constelação de Oríon, emblema o *Ocidente* e o *Outono*, mas encontra-se na realidade no *Leste* e na *Primavera*, no *Oriente* onde os Índios a colocavam,

Talvez um dia as pesquisas arqueológicas no México ou no Yucatán provem que o *Tigre* designava, tanto na América como na China, a constelação de Oríon — o que será uma nova prova do parentesco do sistema uranográfico pré-colombiano e do sistema astrosófico dos Chineses.»

No entender de muitos astrólogos chineses, o horóscopo ideal seria o elaborado para o momento da concepção, coisa difícil de alcançar, porque este momento só muito raramente é conhecido com real exactidão.

Ainda hoje, a astrologia permanece vivaz em regiões de povoamento chinês (Hong-Kong, Formosa) ou de forte percentagem chinesa na população (a Malásia, por exemplo); esta prática encontra-se evidentemente classificada entre as velhas superstições (clandestinas) na China comunista.

A astrologia chinesa fez nascer as formas análogas desta arte desenvolvidas nos outros países do Extremo-Oriente: na Coreia (1), no Japão (2), na Ásia Central.

Vamos apresentar agora um quadro indispensável para compreender os princípios da astrologia chinesa, dando as correspondências que estabelece.

A importância tradicional do número *cinco* — particularmente importante no Tauismo chinês — é manifesta.

A astrologia do celeste Império distinguia, com efeito, *cinco* planetas (o Sol e a Lua eram considerados à parte),

---

(1) Cf. *Le guide por rendre propice l'étoile qui guide chaque homme et pour connaître les destinées de l'année*. Traduzido do coreano por Hong-tyong-ou e Henri Chevalier, Paris, Leroux, 1897.

(2) Cf. M. Kern, *Das Licht der Ostens: Die Weltanschauung in Indien, China und Japan*, Estugarda, 1928.

*cinco* elementos, *cinco* pontos cardeais (por junção do Meio às quatro direcções clássicas do espaço), *cinco* Senhores destes, *cinco* sentidos, *cinco* órgãos internos. O quadro completo das correspondências dava o seguinte:

Planetas	Júpiter	Marte	Saturno	Vénus	Mercúrio
Elementos...	Madeira	Fogo	Terra	Metal	Água
Pontos cardeais .....	Este	Sul	Meio	Oeste	Norte
Senhores dos pontos cardeais .....	Dragão Verde	Pássaro Vermelho	Imperador Amarelo	Tigre Branco	Guerreiro Negro
Sentidos ....	Odor	Vista	Tacto	Paladar	Ouvido
Órgãos internos .....	Baço	Pulmão	Coração	Fígado	Rim

De acordo com certos autores, os Chineses teriam conhecido, contudo, desde a mais alta Antiguidade, a existência de planetas gravitando para além do órbita de Saturno.

Os Chineses, do mesmo modo que a América pré-colombiana (<sup>1</sup>), tinham-se dedicado com a minúcia à elaboração de um calendário preciso, revelando um conhecimento extremamente desenvolvido dos ciclos solares e lunares.

O velho calendário chinês tinha início no ano 2637 antes da era cristã do Imperador lendário Houang-ti, ao qual era atribuída a descoberta do ciclo sextenário do planeta Júpiter, chave dos cálculos astrológicos chineses. Os anos, que seguem um ciclo de sessenta anos, são designados por um animal (há doze animais simbólicos) e por um elemento. Por exemplo, 1945 era o «ano do Pássaro de Madeira», 1946 o «ano do Cão de Fogo», 1947 o «ano do Porco de Fogo», etc.

(<sup>1</sup>) Ver o parágrafo seguinte.

No Extremo-Oriente e na Ásia Central desenvolveu-se uma medicina tradicional, que se esforçava por harmonizar os medicamentos ao tipo astrológico do doente.

Mas foi, sem dúvida, nos Estados do Himalaia, que ficaram à margem tanto da conquista militar chinesa como das rápidas transformações económicas e sociais da Índia de hoje, que a astrologia asiática sagrada conservou a sua fisionomia mais tradicional. Foi assim que o rei do Sikkim, que devia desposar uma jovem americana em Março de 1963, teve de adiar o casamento para o ano seguinte, em virtude da decisão dos astrólogos quanto à data mais favorável para celebrar a cerimónia.

### A astrologia na América pré-Colombiana

Os Maias e os Astecas tinham desenvolvido — entre outros conhecimentos tradicionais muito complexos — toda uma astrologia. É de lastimar a maneira como os conquistadores espanhóis destes povos aliaram a crueldade desencadeada ao mais metódico e encarniçado dos vandalismos religiosos: por desejo de eliminar, de uma vez para sempre, o «paganismo» dos povos conquistados, destruíram sistematicamente objectos e manuscritos preciosos. O padre Landa mandou queimar toda a magnífica biblioteca maia encontrada no Yucatán; o bispo Zumarraga mandou queimar em Texcoco a vasta biblioteca que continha os anais completos dos Toltecas (povo muito civilizado que ocupara uma grande parte do México antes dos Astecas). Coisa curiosa, um astrólogo predissera ao futuro *conquistador* Hernán Cortés, numa altura em que vegetava assaz lamentavelmente em Espanha, que viria um dia a dispor (como aconteceu) de um poderio «que ultrapassaria o dos reis». Alexandre Volguine, eminente astrólogo de hoje e autor de um importante estudo histórico: *L'Astrologie chez les Mayas et les Aztèques* (1), nota na Introdução desta: se os Espa-

---

(1) Nice, Éditions des Cahiers Astrologiques, 1946.

nhóis não tivessem procedido à destruição sistemática de toda a literatura manuscrita que lhes caiu nas mãos (muito pouca coisa escapou às chamas), «os nossos conhecimentos astrológicos seriam certamente mais ricos e mais desenvolvidos do que são». Podemos, apesar de tudo, verificar o carácter tão elaborado dos conhecimentos astronómicos e astrológicos (indissoluvelmente ligados) destas grandes civilizações.

Atribuiu-se a vitória tão fácil dos espanhóis (que pouco mais eram que um punhado) sobre os imensos exércitos índios à domesticação do cavalo e ao conhecimento das armas de fogo; mas as lutas entre tribos rivais, os confrontos entre facções políticas opostas (e Cortés soube bem ativar as dissensões), contribuíram para tal, é inegável, muito eficazmente.

Tal como se nos apresenta, pelos escassos documentos (conservados em Paris, Madrid, Londres, etc...) que escaparam ao vandalismo dos conquistadores e por alguns testemunhos contemporâneos, a ciência astrológica dos Maias e dos Astecas mostra ter sido tão minuciosamente desenvolvida como a dos Chineses. Eis o que nos diz Diego de Landa, a respeito das crianças que eram educadas especialmente para exercer o ofício de padres-astrólogos:

«Eles (os sacerdotes Maias) instruíam os filhos dos outros padres e os filhos mais novos dos nobres que lhes eram confiados na infância, se viam que tinham inclinação para este ofício. As ciências que lhes ensinavam eram o cálculo dos anos, dos meses e dos dias, as festas e as cerimónias, a administração dos sacramentos, os dias e os períodos nefastos, maneiras de adivinhar e profecias, os acontecimentos do futuro, os remédios para as doenças, as anti-guidades, assim como a maneira de ler e de escrever [...]»

Os Maias estudaram o curso dos astros para estabelecer um calendário de total precisão, indispensável (achavam eles) para a celebração das festas e cerimónias religiosas. Como na astrologia babilónica, havia, portanto, uma ligação estreita entre a astrologia e a religião: como entre os Caldeus, os astrólogos (e astrónomos, pois as duas actividades confundiam-se) eram sempre sacerdotes.

A própria estrutura da sociedade e dos Estados da América pré-colombiana visava (como era o caso na velha China imperial) reflectir a ordem celeste. É assim que um dos Estados da Península do Yucatán, o de Maiapan (1), se achava dividido em treze províncias concêntricas. Porquê? Para simbolizar os doze signos do Zodíaco rodeando o Sol.

Entre os antigos Mexicanos, o Zodíaco era simbolizado por uma serpente, representando a fita zodiacal que se «enrola» em torno da Terra. Foram encontradas diversas figuras mexicanas da serpente rodeando círculos em que se encontram simbolizadas as divisões do tempo, meses, fases lunares, etc.); os quatro pontos cardeais encontram-se figurados pelos quatro nós da serpente.

Os *chilone* («profetas»), padres adivinhos dos Maias, não se dedicavam só às suas actividades sacerdotais: no nascimento de cada criança, eram chamados em consulta para elaborar o horóscopo.

O deus mexicano Tetzcatlipoca era uma personificação do solstício de Verão; era representado a empunhar um espelho, em que contemplava o reflexo de todos os acontecimentos que se produzem no Mundo. Itzamna, um dos grandes deuses dos Maias, era esculpido com a cabeça apertada na boca dupla da serpente zodiacal, de corpo semeado de signos planetários.

A propósito do modelo cúbico por meio do qual a cosmologia dos Maias figurava o Mundo, A. Volguine faz interessantes observações comparativas (2):

«A representação cúbica do Mundo era, evidentemente, ditada por considerações de ordem simbólica, sendo o quadrado e o cubo o símbolo universal da matéria que se opõe ao círculo — imagem do espírito —, e é curioso notar que o problema da quadratura do círculo, isto é, da união harmónica dos dois e da espiritualização da terra, fazia visivelmente parte das preocupações dos matemáticos maias. Esta

---

(1) Fundado cerca do ano 1000 da nossa era pelo herói lendário Kukulkan, e desaparecido (devido a anarquia interna) em 1442.

(2) *Ob. cit.*, p. 26.

imagem do cubo terrestre dominado por uma árvore que simboliza o eixo do Mundo, como aliás por toda a parte, e acompanhado de quatro divindades nos pontos cardeais, lembra estranhamente o Zodíaco circular de Dendérah contendo igualmente quatro personagens nos cantos.»

Os Maias atribuíam aos quatro pontos cardeais Senhores divinos, os quatro *Bacab*, estabelecidos na origem do mundo nos quatro cantos da Terra para sustentarem o Céu, e não sujeitos às destruições cíclicas do nosso mundo. O maior era o Bacab do Este, marcando o próprio início do Zodíaco; era Muluc. Os outros Bacab eram: Kan, Bacab do Meio-Dia; Ix, Senhor do Norte; Cauac, dominador do Ocidente.

Entre as ruínas imponentes de Chichen-Itza, no Yucatán, essa cidade santa reconstruída no século VII da nossa era pelos Maias, um dos templos é especificamente astrológico. É uma pirâmide de sete graus: o mesmo simbolismo, portanto, dos graus planetários das *ziggourat* babilónicas. O edifício está orientado para os quatro pontos cardeais, comportando cada um dos quatro lados uma escadaria de 91 degraus. No cimo da pirâmide, um templo cúbico: acrescentando-o ao total (364) dos degraus das escadas, obtém-se o número 365.

Um outro monumento da cidade santa do Yucatán, chamado *Caracol* em virtude da sua forma espiralada, abre as suas quatro portas para os quatro pontos cardeais. Os arqueólogos concordam em ver nele um observatório.

Entre os Maias e os Astecas predominava, no entanto, a forma piramidal nos edificios sagrados.

Quanto ao simbolismo dos degraus do Tempo, citemos estas linhas pertinentes de Th. W. Danzel (1):

«Figuram o caminho que o Sol percorre durante um ano. Os documentos informam-nos também de que aquele que devia ser sacrificado no cimo da pirâmide subia os

---

(1) *Magie et science secrète*; traduzido do alemão. Paris, Payot, 1939, p. 72.

degraus, lenta e solenemente; e esta ascensão solene significava a subida lenta do Sol.»

Os Astecas faziam intervir no seu calendário os quatro senhores da Noite (Yohual-Teauhtin), que regem o destino humano e imprimem a sua marca em cada um dos dias.

O que impressiona nos Maias e nos Astecas é, seguramente, a extrema complexidade da sua ciclogia. Volguine observa (1):

«Era, antes de mais, uma ciência de ciclos que se encaixam uns nos outros; o que a torna muito mais difícil de compreender por nós, astrólogos modernos, é termos esquecido o emprego dos ciclos cósmicos, conhecidos, no entanto, das civilizações de que somos os herdeiros directos.»

Para além dos destinos individuais, havia o destino colectivo da Humanidade no seu conjunto, submetida a uma sequência implacável de períodos de expansão e de destruições.

Para o ano, havia um ciclo de 260 dias, chamado *Tonalamatl*, formado por vinte períodos de treze dias (tendo cada um deles um número e um signo). No 260.º dia, abria-se uma outra fase, dominada por um outro «Senhor da Noite».

Paralelamente ao período de treze dias, decorria um ciclo de 13 vezes 20 dias (dando igualmente 260 dias). O ano solar era formado por 18 períodos de 20 dias, mais cinco ou seis dias suplementares (considerados nefastos).

Acrescentando estes «dias sem nome» a 27 trezenas e a um 28.º período de nove dias, obtinha-se uma série que dava a rota do Sol através das 28 Casas do Zodíaco lunar.

Os Maias utilizavam também (e isso intrigou os autores dados às hipóteses da «science-fiction») o ano *venusiano*,

---

(1) *Ob. cit.*, p. 34.

de 584 dias. Cinco anos venusianos correspondem exactamente a um ciclo de oito anos solares. Diego de Landa observava já:

«Mesmo para saber as horas, durante a noite, os indígenas regulavam-se pelo planeta Vénus e pelas constelações das Pleiades e dos Gémeos.»

Cada ano era dedicado a um dos pontos cardeais e a um elemento. Nota-se aqui uma divergência entre os Maias e os Astecas: os primeiros usavam designações próprias da sua cultura, enquanto os Astecas utilizavam quatro animais simbólicos (o Coelho para o Sul, por exemplo) que se reencontram também entre os Chineses.

Desempenhavam também o seu papel, nesta ciclologia tão complexa: o ciclo de treze anos venusianos; o ciclo de vinte anos solares (7200 dias), chamado *Katune*. Ora, os planetas Júpiter e Saturno não se encontram em conjunção de vinte em vinte anos?

Foram encontrados diagramas circulares chamados *rodas katunicas*.

A propósito destas. Volguine observa (1):

«Basta um relance para verificarmos que os números ímpares (ou masculinos) se colocam nelas do lado direito e os números pares (ou femininos) se alinham à esquerda. Há, portanto, duas metades do ciclo de natureza totalmente diferente, e isto aplica-se tanto a um só período de 20 anos (que pela adoração sucessiva de dois ídolos planetários se divide numa metade jupiteriana ou activa e numa metade saturnina ou passiva) como a uma série de 13 conjunções sucessivas.»

Vê-se toda a extrema complexidade do calendário maia e asteca, com a interferência dos ciclos lunar, solar e venusiano.

---

(1) *Ob. cit.*, pp. 41 e 42.

Pôr-se-ia o problema de uma origem primária deste sistema.

Coisa curiosa, a rosa-dos-ventos encontra-se — nas suas representações tradicionais — sempre colorida de maneira semelhante entre os Maias e no Egipto antigo: o vermelho para o Setentrião, o amarelo para o Oriente, o branco para o Sul, o negro para o Ocidente. Teria havido qualquer possível influência do Egipto faraónico sobre a América setentrional e central? Diversos arqueólogos, entre os quais Thor Heyerdahl, inclinam-se para esta possibilidade, que certamente justificaria as semelhantes (a existência das pirâmides, por exemplo) que se verificam na evolução da civilização dos dois lados do Atlântico. Mencionemos também a ideia, muito sedutora, segundo a qual teria havido, na origem das civilizações egípcia e maia, uma prestigiosa fonte comum: o lendário continente submerso da Atlântida. É assim que se explicariam as semelhanças, contrastando, é certo, com as divergências — que seriam levadas à conta da evolução ulterior (paralela mas separada) das grandes culturas dos dois lados do oceano Atlântico.

Em sentido inverso, verificam-se inegáveis semelhanças entre a astrologia dos Maias e dos Astecas por um lado, e a dos Chineses por outro.

Os Incas do Peru, esses, colocavam a sua cosmologia sob o signo de uma complementaridade entre o princípio activo (*Inti*, o Sol) — que a águia simbolizava — e um elemento passivo e materno (*Quilla*, a Lua), simbolizado pelo gato ou pelo tigre. O papel central era atribuído ao Sol, fonte da luz e da vida no mundo.

Em Cuzco, cidade santa e capital dos Incas, o Sol nascente fazia resplandecer, no solstício de Verão, um disco de ouro puro (símbolo concreto de *Inti*), suspenso na muralha do templo de Coricancha.

Os Incas representavam o Sol no centro do Mundo, rodeado de dez corcéis zodiacais e de quatro condores (que se encontravam colocados no meio dos quatro pontos cardiais). Entre as divindades celestes secundárias do Peru, encontravam-se a constelação das Plêiades e o planeta Vénus.

O próprio culto solar dos Incas explicar-se-ia pelo saber astrológico tradicional.

Convém, no entanto, não esquecer que os conquistadores incas não foram os primeiros ocupantes do Peru e das regiões vizinhas; antes deles, houve civilizações prestigiosas que deixaram vestígios muito importantes, os mais célebres dos quais são os da cidade de Tiahuanaco, na Colômbia, nas margens do lago Titicaca. A respeito de Tiahuanaco, é de registar a oposição completa dos arqueólogos oficiais (atribuindo a estas ruínas uma datação não anterior ao início da Idade Média) em relação aos autores que se podem qualificar de «vanguarda»: Denis Saurat, Louis Pauwels e Jacques Bergier, Robert Charroux, bem como alguns autores soviéticos.

Chegou-se ao ponto de considerar a cidade de Tiahuanaco como tendo sido construída por gigantes (o que está longe de ser cientificamente certo), e até a interpretar o *calendário venusiano* que lá se descobriu como a prova eventual de uma hipotética origem «extraterrestre», atribuída à civilização do Tiahuanaco.

Em diversas culturas índias das Américas do Norte, Central e do Sul — independentemente, até, dos povos tão superiormente evoluídos que já considerámos —, facilmente se encontrariam vestígios de velhas e complexas especulações astrológicas. É assim que a cosmologia sete Índios Zuni (no Novo México) divide o Universo em sete domínios planetários; assim se descobre a razão tradicional pela qual as aldeias (*pueblos*) onde residem estes Peles-Vermelhas do Sudoeste dos Estados Unidos são divididas em sete bairros correspondentes às sete direcções do espaço: os quatro pontos cardeais (Norte, Sul, Este e Oeste), o Zénite, o Nadir, o Centro.

## Capítulo II

# A ASTROLOGIA NA IDADE MÉDIA

### A astrologia no Islão

Do mesmo modo que é, como se sabe, graças sobretudo aos Árabes que o Ocidente medieval poderá — através das traduções latinas de textos de autores muçulmanos — conhecer a alquimia, é principalmente ao Islão, também, que a Latinidade é devedora do seu contacto com a astrologia.

Seria necessário, apesar de tudo, esclarecer, de algum modo, a expressão, tão consagrada pelo uso, de astrologia «árabe».

Trata-se, é certo (como em relação à alquimia), de textos escritos em língua árabe, e por autores muçulmanos, mas que se dividem por muito diversas regiões — conquistados os diferentes países, de maneira transitória ou definitiva, pela religião islâmica. O desenvolvimento completo da astrologia árabe cobriria, portanto, não só uma vasta extensão temporal, do ano de 750 a cerca de 1550 d. C. (1), mas levar-nos-ia, por seu turno, a muitas regiões. Não só do Médio e do Próximo-Oriente, do Norte de África, mas a zonas tão afastadas umas das outras como a Índia Ocidental, por um lado, a Espanha, a Sicília e o Sul da França, por outro (no apogeu da conquista «sarracena») (2).

---

(1) Sem falar, até, da sua sobrevivência até à época actual.

(2) Wilhelm Knappich, *Geschichte der Astrologie*, Francfort, V. Klostermann, 1967, p. 132.

Seria também de notar que os primeiros astrólogos árabes (encaramos, aqui, a expansão da adivinhação astral em todos os países islamizados) diziam-se herdeiros, de facto, de fontes muito anteriores à predicação de Maomé. «Os neoplatónicos do Islão, que operam a síntese da especulação filosófica e da experiência espiritual, reivindicam expressamente — observa Henry Corbin, o eminente islamizante — uma cadeia de iniciação (*isnâd*) que remonta a Hermes.»<sup>(1)</sup> E diz ainda: «Existe uma ideia do tempo cíclico solidária de uma concepção astrológica hermetista.»<sup>(2)</sup>

É certo que o *Corão* proscreve explicitamente, entre as formas de idolatria, o culto prestado ao Sol e à Lua: «No número dos seus signos (do Demónio) estão a noite e o dia, o Sol e a Lua; não vos prosterneis, pois, nem diante do Sol nem diante da Lua, mas perante Deus, que os criou, se O quiserdes servir.»<sup>(3)</sup>

Notar-se-á, no entanto, a influência nos primeiros astrólogos muçulmanos das crenças astrais (herdeiros do culto planetário babilónico e grego) dos Sabeus de Harran.

Mas não se poderia negar, também, a maneira como a crença muçulmana na predestinação parecia tão perfeitamente conciliável com a velha doutrina dos astrólogos (babilónicos, egípcios, depois gregos e romanos) sobre o rigoroso determinismo planetário que regeria o destino dos homens. Do ponto de vista metodológico, os astrólogos árabes utilizaram com perícia os métodos horoscópicos já aperfeiçoados pelos Gregos; mas aperfeiçaram-nos ainda mais.

Não esqueçamos a reputação histórica — tão justificada — dos Árabes do início da Idade Média em matéria de cálculo; também em matéria de horóscopos eles souberam calcular!

---

(1) H. Corbin, *Histoire de la Philosophie Islamique*, tomo I, Paris, Gallimard, 1964, p. 181.

(2) *Ibid.*

(3) XLI, 37 (p. 392 da tradução francesa de Kasimirski, Fasquelle éditeur).

No apogeu da sua expansão, Bagdad (1), na esplêndida cidade dos califas, assistirá também ao florescimento da astrologia. O faustoso Harun al-Raschid (contemporâneo de Carlos Magno), entre outros «orientadores dos crentes», será dela intitulado protector. Bagdad assistirá mesmo à construção de um importante observatório, em que trabalharão astrólogos, o mais célebre dos quais é Albumasar (falecido no ano 886 da era cristã). O seu livro *As Flores da Astrologia*, traduzido em latim, devia beneficiar de uma longa glória póstuma na Europa, e viria a estar entre as primeiras obras impressas na Alemanha por Gutenberg.

A respeito de Albumasar, conta-se uma anedota edificante e maravilhosa a propósito do seu primeiro contacto com o ilustre filósofo muçulmano que viria a tornar-se seu mestre em astrologia: Al-Kindî (nascido em Koufa cerca do ano 796, falecido em Bagdad em 873 da era cristã). Albumasar, fervoroso aluno de um médico da corte persa, havia ficado de tal modo indignado ao ouvir Al-Kindî criticar publicamente as opiniões do seu professor que, por dedicação fanática a este, decidiu matar o adversário. Para tanto, armou-se de um punhal, com a intenção de assassinar o dito Al-Kindî na própria sala onde dava os seus cursos. Este, olhando fixamente o recém-chegado, ter-lhe-ia dito: «Não és Albumasar de Balkh? Serás o maior astrólogo do século, mas debes renunciar ao teu mau desígnio. Deita fora o punhal, senta-te e aceita a minha doutrina.» Albumasar, se esta bela história tradicional é objectivamente verdadeira, ter-se-ia então inclinado, para se tornar desde logo o mais fiel discípulo de Al-Kindî. De toda a maneira, Albumasar foi um dos alunos mais distintos deste eminente filósofo e sábio universal. Albumasar é o nome latinizado do célebre astrólogo muçulmano: o seu verdadeiro nome era Abû Mash'ar ar Balkhî. Principal tratado (em que o estudo das conjunções desempenha um papel importante): o *Kitab al Mudkhal*, ou Introdução à Astrologia.

---

(1) Construída num sítio bastante próximo da antiga Babilónia.

No apogeu da capital dos califas, e muito tempo depois, a astronomia e a astrologia estiveram ligadas no mundo árabe. Todos os astrónomos de Bagdad eram ao mesmo tempo astrólogos famosos. Nada podia, pelo contrário, impedir todos estes sábios árabes — o que fizeram à porfia — de tentarem aperfeiçoar, cada vez mais, a exactidão prática dos cálculos de Ptolomeu: não aconselhava o *Corão* que se alcançasse toda a precisão possível no conhecimento dos ciclos solares e lunares?

«Deus criou o Sol para que brilhe durante o dia e a Lua para que ilumine durante a noite. Determinou as suas posições de tal maneira que por eles se possa conhecer o número dos anos e calcular o tempo.»

De notar o papel privilegiado, como em relação aos outros ramos da filosofia e da ciência muçulmanas, das regiões seguintes (além da antiga Babilónia): a Pérsia, o Turquestão, o Egipto, a Espanha (no tempo da dominação muçulmana). Verifica-se também a associação, muito frequente (para além, por vezes, dos laços com o sabeísmo de Harran), da astrologia ao sofismo, isto é, à mística e à teosofia islâmicas.

Indicamos alguns nomes de astrólogos autores de tratados em língua árabe. Abû Sahl ibn Nawbakht, director da vasta biblioteca de Bagdad sob o reinado de Harun al-Raschid, traduziu em árabe diversos manuais escritos em iraniano-médio (pehlevi), mas eram já a tradução de autores atrológicos pagãos (as obras de Teukros, da Babilónia: as do astrólogo romano Vettius Valens, igualmente). Ibn Washsîya (cerca do ano 820 da era cristã), um dos mais eminentes representantes islâmicos da tradição hermetista, cultivou com fervor tanto a astrologia como a alquimia e a magia. Thâbit ibn Qarra (falecido em 901 a. C.), principal doutor da seita dos Sabeus de Harran, cultivou também a astrologia, não só no seu aspecto horoscópico, mas também nos seus laços com a magia (escreveu acerca da arte de realizar amuletos astrológicos).

Abû Ali Yacaoub ibn al Kayar (a quem os Latinos chamam *Albohalî*) (cerca do ano 850 da era cristã) escreveu um tratado de astrologia genética reputado, que viria a ter várias traduções latinas.

Rhazes (Al-Râzi) (nascido por volta de 864, falecido em 925 ou 932 da era cristã) foi um dos maiores médicos muçulmanos da Idade Média. Tanto nas suas obras astrológicas como nos seus tratados de alquimia, preocupava-se essencialmente com as consequências terapêuticas de um conhecimento profundo destas duas artes ocultas. Foi qualificado por antecipação de «Paracelso dos Árabes». Teve entre os seus discípulos Abû Abdallah Mohamed al-Bathânî (a quem os Latinos chamam *Albategnus*), originário de Harran (1), e que professava a religião dos Sabeus. Para além das suas obras pessoais, deixou um extenso comentário do *Tetrabiblos* de Ptolomeu.

Abû Alî Mohamed ibn al-Hasan ibn al-Haythan (o *Alhazen* das traduções latinas), originário de Baçorá, passou a maior parte da sua vida no Cairo, onde morreu em 1038 da era cristã, aos 76 anos. A vastidão e extensão dos seus conhecimentos astronómicos e astrológicos farão com que os Escolásticos cristãos o cognominem de *Ptolemoeus secundus*, o «segundo Ptolomeu».

Um misterioso Abû'l Kassim (2), falecido em 1007 (era cristã) na Espanha, seria o autor do tratado *Ghayat al Hakim* (Livro dos Sábios), que — traduzido em latim e atribuído a um misterioso *Picatrix* (como é designado) — viria a ter um imenso sucesso no Ocidente na Idade Média. Nele se encontra uma aliança bastante estranha entre a astrologia e as receitas mágicas, de supostas consequências extraordinárias. Eis uma das suas fantásticas fórmulas (3):

«Para destruir uma cidade, fazei uma imagem na hora de Saturno quando os infortúnios estão sob o ascendente

---

(1) Onde nascera em 858 da era cristã.

(2) Que não se deve confundir com um sábio persa do mesmo nome.

(3) Tradução francesa conservada na Biblioteca do Arsenal, em Paris.

da cidade e o Senhor do ascendente se encontra denventurado, fazei com que as fortunas sejam afastadas do ascendente e do seu Senhor; assim como a triplicidade do ascendente e das quarta, sétima e décima moradas. Enterrai depois estas imagens no meio da cidade e ver-se-ão maravilhas.»

Citemos também Abû Bekr al Hassan ben Ali Kharib al Farsi (*Alubater* na tradução latina) (cerca de 893 da era cristã), Ibn Yunus (autor, por volta de 990, de Tábuas planetárias), o matemático Al Imrani (por volta de 940 d. C.).

Omar Khayyam, o tão célebre poeta persa do século XI, também foi — convém não esquecer de o assinalar — um dos maiores astrónomos do seu tempo.

É dele uma das expressões mais densas e cursivas do fatalismo astrológico:

«Esta taça invertida a que se chama o céu, debaixo da qual rasteja e morre a raça dos homens [...]. Ele (o Destino) desloca à sua vontade as peças impotentes No tabuleiro de xadrez dos dias e das noites Põe-nas em cheque, toma-as e joga-as, Uma após outra, no seu alforge.»

A filosofia muçulmana teve, no entanto, dois adversários notáveis da astrologia: Bîrûnî e Avicena em pessoa. Bîrûnî (973-1030 da era cristã) teve uma polémica com o astrólogo Abu Maschar. Este grande filósofo e sábio tradicional havia adoptado, contudo, a velha doutrina dos ciclos cósmicos: «[...] atingir a concepção de períodos análogos àquilo que representam os *Yugas* na concepção indiana. Convicção de que, no curso de cada período, a humanidade se deixava arrastar a uma corrupção e a um materialismo que cada vez mais se agravava, até que um grande desastre destruía a civilização e Deus enviaria um novo profeta para inaugurar um novo período da História.» (1)

---

(1) Henry Corbin, *Histoire de la Philosophie Islamique*, t. I, p. 210.

Ibn Sînâ (chamado Avicena no Ocidente), o célebre médico, alquimista e filósofo, também hostilizou a crença tenaz no rígido determinismo das acções humanas.

Quanto a Ibn Röscht (Averroës para os Latinos) — nascido em Córdova em 1126, falecido em 1198 —, o mais célebre dos grandes filósofos médicos árabes da Espanha, atacaria, ele também, a astrologia dita judiciária (ou seja a arte de elaborar horóscopos), mas desenvolve todo o sistema cosmológico que parece dar um fundamento físico às próprias bases da astrologia <sup>(1)</sup>.

De entre os astrólogos muçulmanos da Idade Média espanhola, poderíamos citar: Al-Beruyi (*Alpetragius* para os Latinos), nascido cerca de 1200 d. C., que se esforçou por dar uma nova explicação do movimento dos planetas, e Al-Kabisi (*Alcabitius*), falecido em Saragoça 867.

É em Tunes, em compensação, no palácio do Sultão Al-Mamur (1016-1062), que se desenrola a carreira de Albohazen Haly, ou Abenragel Haly (nome dados pelos Latinos a Ibn Abu Ridschal). A sua reputação de astrólogo tornou-se considerável mercê da obra dos *Julgamentos dos Astros* (em oito livros), que lhe valeria os qualificativos tão elogiosos de *Ptolemoeus alter* (o outro Ptolomeu) e de *Summus astrologus* (o maior astrólogo).

A Espanha muçulmana desempenhou, sem qualquer dúvida, um papel capital na penetração crescente da astrologia na Cristandade medieval. É ao astrólogo árabe Al Zarkali (Arzachel) que se devem as tábuas planetárias conhecidas pelo nome de *Tábuas de Toledo*, utilizadas tão frequentemente no decurso dos séculos seguintes.

A astrologia não desapareceu no Islão depois da Idade Média, mas não parece ter suscitado obra maior. Se o último astrólogo muçulmano conhecido por haver escrito diversos tratados astrológicos famosos foi Mohammed ben Ahmed el Dachrian (cerca de 1550 da era cristã), esta arte conti-

---

(1) Terá admiradores (como Pietro d'Abano) entre os astrólogos cristãos da Idade Média.

nuou a ser exercida em terra islâmica, tanto ao nível popular (aliança com toda a espécie de práticas mágicas e de superstições, por exemplo no Norte de África), como ao nível de arte divinatória complexa praticada por homens instruídos. Mas parece que a astrologia muçulmana se fechou cada vez mais sobre si própria; e parece (pelo menos até agora) ter ficado fora das tentativas contemporâneas de renovação e de expansão da astrologia.

Entre os processos divinatórios associados à astrologia muçulmana, são de mencionar a arte de construir pentágonos estrelados e talismãs mágicos, e também a geomancia ou adivinhação pelas figuras formadas pela disposição dos pontos projectados segundo um método tradicional, quer seja por traçado no papel, ou por desenho automático na areia.

### **A astrologia entre os Judeus Medievais**

Ao contrário do que viria a acontecer depois (desenvolvimento de um anti-semitismo muçulmano), o apogeu da civilização medieval árabe parece ter sido marcado por relações muito amigáveis entre sábios muçulmanos e judeus. É assim que um judeu, Mash'allah, desempenhou — no domínio da astrologia — um papel muito importante na fundação de uma escola e de um observatório afamado na Bagdad dos Califas.

Parece ter havido no esoterismo muçulmano medieval uma influência directa das tão complexas especulações numerológicas dos rabinos nas letras e nos números sagrados, influência muito nítida em certos astrólogos <sup>(1)</sup>.

De entre os Cabalistas judeus medievais da Península Ibérica, são de citar Abraão ben Ezra, Salomão ben Gabirol (o *Avicbron* dos Latinos) e também Abraão Zacuto, astrólogo pessoal do Rei D. Manuel de Portugal. O mais

---

(1) É normal supor tal influência da Cabala na obra *Sir al Hakim* (o segredo dos sábios) de Mohyddîn Bûnî, consagrada aos noventa e nove nomes de Allah.

célebre, Abraão ben Reci ou Ibn Ezra (chamado pelos Latinos *Avenarius*, *Avenare* ou *Abraham Judaeus* («Abraão o Judeu»)) — seria o autor do misterioso *Livro de Abraão o Judeu* que Nicolas Flamel virá a descobrir? — (1089-1167), nascido em Toledo, fez longas viagens em países cristãos (visitou Roma, Salerno, Mântua, Narbonne e, até, Londres). Morreu em Roma. Foi um sábio universal, e não apenas um dos grandes astrólogos do primeiro período medieval. Sem dúvida, é, em parte, graças a ele que se explica a tão rápida expansão da astrologia (e das ciências ocultas, em geral) em toda a Cristandade ocidental do início da Idade Média (1).

## Os Bizantinos

Embora tenha sido principalmente por intermédio das traduções latinas de autores árabes que a astrologia penetrou no Ocidente, não é de omitir a durável conservação, no Império bizantino, dos conhecimentos gregos, tanto em matéria de adivinhação astral como nas outras disciplinas.

É verdade que muitos teólogos e pensadores bizantinos se colocaram, por motivos espirituais, já encontrados entre os primeiros cristãos, na posição de adversários da astrologia. Segundo Jean Philopon (século IV), a astrologia teria por efeito um afastamento de Deus: se o livre-arbítrio das acções humanas não existe, que seria então das indispensáveis noções de responsabilidade, de justiça, de recompensa e de castigo? Pela mesma razão, São João Damasceno (cerca de 674-749) repudiava esta arte divinatória.

Em compensação, Michael Psellos (1018-1096) — os Latinos chamam-lhe *Psellus* — não exclui, antes pelo contrário, a astrologia dos seus cursos magistrais: os fenómenos visíveis não são regidos por leis científicas? Dois ami-

---

(1) Cf. M. Steinschneider, *Abraham ibn Ezra (Zeitschrift für Mathematik und Physik)*, suplemento, v, 25, 1880).

gos pessoais deste admirador de Platão, Jean Xiphilin e Michel Cerulaire (que virão a ser, ambos, Patriarcas de Constantinopla), acreditarão firmemente, também, em todas as artes divinatórias, e, em particular, na astrologia. «Adivinhação, astrologia, magia, demonologia, teurgia, tudo aquilo a que Psellos chama o Caldeísmo (segundo os *Oráculos caldeus*, compilação mágica tardia que surge no fim do Império Romano), e toda a espécie de superstições parecem estar muito espalhadas na sociedade de Bizâncio [...] Em todas as esferas da sociedade, nas mais altas como nas mais baixas, seguiam-se, com um interesse crescente, as práticas dos astrólogos e dos feiticeiros, que já não eram, em geral, gregos, mas egípcios ou asiáticos.» (1)

Nisso, Bizâncio não fazia mais do que continuar a Roma imperial. No século VIII aparecera o famoso tratado *Da Arte Matemática*, no qual Estêvão de Alexandria fazia o elogio especial da astrologia, que achava capaz de predizer exactamente o futuro, proporcionando, assim, aos homens uma parte da ciência que Deus possui dos acontecimentos que se hão-de verificar. No século XII, autores como Teodoro Prodrome e João Camateros escreverão, no mesmo espírito, dois longos poemas astrológicos.

O último grande filósofo platónico de Bizâncio, Plethon (século XV) (2), também acredita na astrologia; é uma personalidade historicamente importante, que faz a junção entre o helenismo medieval bizantino e o primeiro Renascimento italiano: fas estadas na Itália, nomeadamente em Florença, onde se torna amigo de Petrarca e de Marsilo Ficino.

Scholarios (falecido em 1468, último grande erudito bizantino) (3) também acredita, firmemente, na astrolo-

---

(1) Basile Tatakis, *La Philosophie Byzantine*, Paris, Presses Universitaires de France, 1949, p. 170.

(2) Há desacordo, entre os historiadores, quanto à data do seu nascimento: 1352, 1353, 1355, 1360, 1370 e 1389; do mesmo modo que para a da sua morte: 1450, 1452, 1464, consoante os autores.

(3) Lembremos a data da tomada de Constantinopla pelos Turcos: 1453.

gia — inclusive nos cálculos dos adivinhos que situavam a catástrofe terrestre final no fim do VII milénio depois da Criação. Citemos João Kotrarios, Cotrarias ou Cotronis, autor de um diálogo (imitado de Platão) intitulado *Hermippos ou da astrologia*. Se esta obra beneficiou (em tradução latina) de um grande sucesso no Renascimento, nada se conhece a respeito da personagem que a escreveu.

## A astrologia no Ocidente Medieval

É seguramente por intermédio da Espanha arabizada que se efectuou a tão espectacular entrada em cena da astrologia tradicional no Ocidente cristão; o século XII, especialmente, será marcado por este regresso em força, que seguirá a oficialização desta arte nos diversos reinos cristãos.

Entre 1135 e 1153, funcionava em Toledo uma verdadeira oficina especializada nas traduções de textos árabes, realizadas por um judeu convertido ao catolicismo — Salomão ben David, dito João de Toledo (*Joannès Tole-tanus*) ou de Espanha (*Hispanensis*), ou ainda João «da Lua» (*de Luna*) — e por um espanhol, Domingos Gondisalvo (*Gondissalinus, Gonsalva*). O primeiro traduzia em espanhol os manuscritos originais, e o segundo punha em latim estas primeiras versões. Assim foram minuciosamente traduzidos numerosos tratados astrológicos árabes. A influência muçulmana fez-se sentir longamente após os lentos começos da reconquista cristã da Península Ibérica (1).

Mas esta grande voga das traduções ibéricas tinha lugar só depois da profunda penetração, já, da astrologia cristã: os inícios desta arte oculta na cristandade medieval eram anteriores em, pelo menos, um século. Restaria ainda saber se a astrologia antiga havia desaparecido completamente, no fim do Império Romano, do Ocidente, se — qualquer

---

(1) Ainda no século xv, a Espanha será uma terra de eleição para a magia, a alquimia e a astrologia.

que haja sido a importância do papel inegável dos Árabes no ressurgimento astrológico ocidental — restos dela não foram secretamente conservados, em França e noutros lados. Entre os povos romanizados, não foram os Galo-Romanos dos mais receptivos à astrologia?(<sup>1</sup>)

Mas qual será a atitude oficial da Igreja em relação à astrologia ao longo da Idade Média? Vimos (<sup>2</sup>) as razões pelas quais vários Doutores da Igreja desconfiavam tanto das tentativas astrológicas greco-romanas para justificar as acções humanas por meio de um rigoroso determinismo planetário e estelar: negação da liberdade (e, portanto, da responsabilidade) do homem no mundo: riscos de venerar, de adorar as divindades e potências sobrenaturais a que se atribui o domínio dos astros. O Concílio de Laodiceia havia até proibido aos clérigos o exercício da profissão de mágico ou de «matemático», isto é de astrólogo. Agravando ainda esta condenação, o Concílio de Toledo (reunido no século v para condenar os erros do heresiarca gnóstico Prisciliano) decretava: «Se alguém crê dever fazer fé na astrologia ou na adivinhação, que seja excomungado.» O Concílio de Braga foi ainda mais claro: «Quem quer que acredite que os corpos dos homens são submetidos ao curso dos astros, como ensinavam os pagãos e os priscilianistas que seja excomungado.»

Às suas próprias razões de desconfiança, a Igreja acrescentava também uma estimável preocupação de ordem profiláctica, diríamos nós: tentar proteger a massa dos fiéis contra os charlatães que, sempre numerosos nas épocas conturbadas, tentavam explorar a credulidade o a alarme das massas.

Na realidade, praticamente, os astrólogos medievais não foram inquietados pela Igreja, salvo quando entravam aber-

---

(<sup>1</sup>) Cf. M. de la Ville de Mirmont, *L'Astrologie en Gaule au v<sup>e</sup> siècle* (*Revue des Études Anciennes*, 1902, pp. 115 e seguintes, 1903, pp. 255 e seguintes).

(<sup>2</sup>) Ver o parágrafo do capítulo anterior consagrado às relações da astrologia e do cristianismo nascente.

tamente nas práticas mágicas e na heresia. Vêm-se até os maiores doutores escolásticos tratarem francamente da influência dos astros sobre as acções humanas: coisa diferente, na verdade, era acreditar neste determinismo e cair no fatalismo completo. *Astra inclinant, non necessitant*: «Os astros orientam, não determinam» — pertinente adágio medieval que não cessará de ser lembrado até aos nossos dias.

Já bem instalada nas crenças e nos costumes no decorrer do século XII, a astrologia não deixará de se expandir à medida que a Idade Média avança. Todos os meios sociais serão atingidos, dos mais humildes aos mais elevados. Na verdade, os cépticos serão extremamente raros, mesmo entre os homens mais sábios. No século XIII, corria na escola de Medicina de Bolonha (uma das mais afamadas da Europa) o seguinte adágio: «Um doutorado sem astrologia é como um olho que não pode ver.»

Com tanta força como na Antiguidade, mas sob uma forma cristianizada, reinava, na Idade Média, como mestra incontestada, a velha doutrina do homem como *microcosmo*, «pequeno mundo» réplica do *macrocosmo* («o grande mundo»), imagem do Universo. «O homem tem em si o céu e a terra», clamava Santa Hildegarde de Birgen (1). Mas acreditar na existência de correlações significativas, de relações analógicas, de correspondências precisas entre o homem e o Universo, não era supor por este facto a existência de uma relação casual entre o ser humano e os astros? O determinismo astrológico não podia, pois — muito pelo contrário —, entrar em conflito com a própria estrutura das crenças medievais acerca da estrutura do homem e do Cosmos (2).

Os astrólogos medievais são levados cada vez mais a imiscuir-se na política: os grandes, os próprios soberanos, faziam cada vez mais apelo aos seus serviços, e os adivinhos podiam ser tentados a intervir nos negócios públicos.

---

(1) Célebre mística renana (1098-1173).

(2) Marie-Madeleine Davy, *L'astrologie au XI<sup>e</sup> siècle (La Tour Saint-Jacques)*, n.º 4, Maio-Junho de 1956, pp. 28 e 35).

É assim que vários astrólogos famosos nos séculos XIII e XIV intervirão nas intrigas tão complexas dos Gibelinos, partidários do Imperador, contra os Guelfos, que defendiam o poder temporal dos papas, na famosa «luta do Sacerdócio e do Império». Michel Scot (nascido no fim do século XII), um escocês (como o seu nome indica), acabou por se tornar, depois de estadas em Toledo (1217), Bolonha (1220), Roma e Paris, astrólogo (e, sem dúvida, a eminência parda) do Imperador da Alemanha, Frederico II de Hohenstaufen, na sua corte de Palermo, na Sicília (1). Foi talvez por intermédio dele que Santo Alberto, o Grande, obteve os seus conhecimentos astrológicos. Pietro d'Abano ou apono (conhecido também sob o nome latinizado de *Patavinus*) (1257-1315), que será queimado em effigie após a sua morte, residiria muito tempo (de 1270 a 1298) em Constantinopla (2); voltamos a encontrá-lo em Paris, onde permanece até 1307, estabelecendo ali contactos com Guillaume de Nogaret e outros «legistas» de Filipe, o Belo, antes de ensinar na Universidade de Pádua. Pietro d'Abano, grande adversário do poder pontifical, foi também um dos teóricos que levaram o determinismo astrológico até à negação expressa do livre-arbítrio do homem (de onde, ao mesmo tempo, negação dos milagres e da Providência): todos os acontecimentos que se desenrolam cá por baixo não são, acaso, provocados pela revolução das esferas celestes? Pietro d'Abano esforçou-se por desenvolver toda uma visão cíclica da História, partindo das bases astronómicas da sua arte divinatória. Cada uma das sete esferas planetárias regeira — segundo ele — 354 anos, mais quatro meses lunares. Quanto à oitava esfera celeste (a das estrelas fixas), que se move um grau em cada setenta anos, teria o poder de «transformar a terra em mar» (é o que permitiria explicar o desaparecimento do lendário continente dos Atlantas).

---

(1) Que era, então, uma das possessões imperiais.

(2) Onde, certamente, teve contactos com adivinhos e iniciados bizantinos.

Cecco d'Ascoli, astrólogo na corte de Florença, terá muito menos sorte que o seu compatriota Pietro d'Abano: acusado de heresia e de magia, será queimado vivo em 1327.

Jean de Janduz (falecido em 1328), astrólogo «gibelino» também, será obrigado a refugiar-se na corte do imperador da Alemanha, Luís da Baviera.

Outro servidor dedicado do partido Gibelino, o monge franciscano Marsilo de Pádua, que, depois de uma estada na capital francesa (aonde chegara em 1311) — o que lhe permitiu manter relações com os juristas do «clã Nogaret» e, por certo, com Pietro d'Abano —, alcançou, também a corte imperial de Nuremberga.

Entre os astrólogos que se puseram ao serviço da causa gibelina deve citar-se por último Guido Bonatti (falecido cerca de 1300), cognominado pelos seus contemporâneos *doctor siderabilissimus*. Colocara a sua arte ao serviço do chefe militar gibelino Guido de Montefeltro: quando as configurações celestes lhe pareciam favoráveis à vitória, subia ao alto de um campanário; e na altura em que, graças aos seus livros e ao seu astrolábio, conseguia determinar, com precisão, o momento mais favorável para a batalha, transmitia o sinal ao *condottiere*, que dava ordem de iniciar a campanha!

Entre os soberanos protectores da astrologia, o rei Afonso X de Castela (falecido em 1285) foi, com certeza, um dos mais famosos: no seu reinado foram estabelecidas, pelo seu dedicado astrólogo judeu Isaac ben Saïd as tábuas planetárias chamadas *Tábuas afonsinas*.

Quase todas as grandes personagens da França dos séculos XIV e XV, da Inglaterra, etc., acreditaram na astrologia e fizeram-se protectores dela. Entre os astrólogos que, deste modo, conseguiram fazer invejável carreira, houve um eclesiástico flamengo: Lutber Hautschild (1347-1417), monge agostinho que viria a ser, em Bruges (1), abade de Saint-Barthélemy de l'Eeckhout. Conselheiro muito escutado,

---

(1) A segunda faustosa capital (a primeira era Dijon) dos duques de Borgonha.

sucessivamente, do duque Jean de Berry (a quem são dedicadas as célebres *Très riches heures* com iluminuras, que também comportam símbolos astrológicos) e do duque de Borgonha, não só foi perito na elaboração de horóscopos, como construiu um modelo animado do Zodíaco com os planetas, círculo adaptado a uma esfera, conjunto que era movido por um mecanismo de relojoaria (1).

Carlos V teve o seu dedicado médico e astrólogo, Thomas de Pisan, que mandara vir especialmente de Veneza. A filha deste, Christine de Pisan (1363-1431), também praticava ocasionalmente a astrologia.

Jacques Coeur, o célebre «grande tesoureiro» do rei Carlos VII, e alquimista notório, era um apaixonado da astrologia: no seu paço particular de Bourges, pode ainda ser admirada a «torre do astrólogo», com cúpula para a observação dos astros.

É certo que nem todos os astrólogos tinham a envergadura dos grandes adivinhos que punham os seus serviços à disposição dos poderosos. Encontrar-se-ia na Idade Média toda a série habitual dos adivinhos, desde os grandes letrados até aos charlatães da mais baixa espécie. Nos *Contos de Cantuária* do poeta inglês Chaucer (falecido em 1400), encontra-se (2) a pitoresca descrição do hábito charlatão que um jovem apaixonado, cheio de esperança, vai consultar. Mas Chaucer, embora exercitando a sua verve contra os charlatães, acredita visivelmente — como todos os seus contemporâneos — na verdade dos princípios da astrologia, de que manifesta, até, um conhecimento muito preciso.

Como todas as épocas conturbadas (mas qual o não foi? — poderíamos observar ...), a Idade Média assistiu à influência deprimente ou exaltante (consoante os casos) de diversas predições. Se é bem conhecido o célebre «pânico

---

(1) Léopold Delisle, *Notice sur un livre d'astrologie de Jean, duc de Berry*, Paris, Librairie Techener, 1896. Trata-se de um manuscrito astrológico, que comporta 76 iluminuras.

(2) *Conto de Franklin*.

do ano 1000», poderia, ainda, citar-se — entre os malogros aparentes das predições astrológicas — o da previsão que fez João de Toledo em 1179. Anunciou, efectivamente, uma conjunção de todos os planetas no signo da Balança para o ano 1186, que deveria desencadear um terrível cataclismo natural. Ora, nada de notável se passou (1).

Na Idade Média, nenhum conflito (convém insistir nisto) se podia produzir entre as ciências da Natureza — tal como se apresentavam — e as ciências qualificadas hoje de «ocultas» (entre as quais a astrologia e a alquimia).

Para um doutor escolástico do século XIII, os tratados — tomemos este exemplo entre mil outros possíveis — de astrologia e de geomancia atribuídos a Robert o Inglês ou ao «Mestre de Aniane» não eram mais (nem menos: a recíproca também é verdadeira) «fantásticos» do que um tratado de matemáticas ou de geografia. É assim que uma compilação falsamente atribuída a Aristóteles, *O segredo dos segredos*, desfrutava, ao longo de toda a Idade Média, de um crédito incontestado; era a reunião heteróclita de conhecimentos astrológicos, relacionados com as virtudes «ocultas» dos minerais e das plantas.

É também de assinalar a aliança muito frequente da astrologia com as outras ciências ocultas: o célebre médico alquimista Arnould de Villeneuve (1235-1312), que viria a ser Reitor da Universidade de Montpellier, cultivou paralelamente a astrologia (2). Muitas técnicas divinatórias utilizadas na Idade Média foram praticadas fazendo entrar nelas processos astrológicos.

É assim que a «ciência dos espelhos» (que não era a óptica positiva tal como a concebemos, mas um modo de

---

(1) Damos, no entanto, a título indicativo, a observação de Louis Mac Neice (*L'Astrologie*, Paris, Tallandier, 1966, p. 138) a respeito dos furacões formidáveis preditos pelas *Tábus de Toledo*: «Produziram-se, talvez, numa parte do Mundo desconhecida, então, dos Europeus como a Florida.»

(2) Escreveu um tratado acerca dos *Julgamentos das Enfermidades pelos movimentos dos planetas*.

adivinhação pelas imagens que se formavam em superfícies polidas e reflectoras) se praticava, tendo em conta a concordância com as horas astrológicas.

O século XII, idade de ouro da escolástica medieval, de modo algum foi sistematicamente hostil — pelo contrário — à astrologia, na pessoa dos seus teólogos, pensadores e sábios.

No *Speculum majus* <sup>(1)</sup> de Vincent de Beauvais (nascido em fins do século XII) — essa colossal enciclopédia (que necessitou do auxílio de numerosos colaboradores especializados) que era, de certo modo, o «Larousse» (manuscrito, evidentemente) do período —, a astrologia encontrou o seu lugar.

O sistema de Ptolomeu continuará durante muito tempo a dominar os espíritos, com a sua imagem astrológica do sistema do mundo. Eis, por exemplo, a visão do mundo desenvolvida por Guillaume d'Auvergne (assim chamado por ser nativo de Aurillac) (falecido em 1249), bispo de Paris em 1228, no seu tratado *De Universo* (resumido por Albert Rivaud, *Histoire de la Philosophie*, t. II, Paris, Presses Universitaires de France, 1950, pp. 71 e 72:

«O Universo forma uma esfera gigante no centro da qual está o Inferno. Em torno do fogo central a terra, depois as camadas sobrepostas dos quatro elementos. Logo a seguir, as sete esferas celestes (Lua, Mercúrio, Vénus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno). No limite exterior o oitavo céu, o das fixas, o novo céu ou cristalino (*Aflanum*); finalmente o sexto céu ou o Empíreo, sede da Glória.» É a grandiosa visão do mundo que Dante desenvolverá n'*A Divina Comédia*.

A mesma justificação cosmológica da astrologia (enquanto, pelo menos, ela não nega a liberdade do homem) se encontra em Robert Grottesteste (1175-1253), bispo de Lincoln. No seu *Tratado acerca da Luz*, descreve o Mundo como

---

(1) *Grande Espelho*.

sendo formado por treze esferas côncavas, concêntricas e transparentes (1). A luz, uma vez chegada ao limite da sua dispersão, retorcede, iluminando, assim, o Universo Colocada no centro do sistema, a nossa Terra recebe portanto as emanções das esferas que a rodeiam: não se encontra a astrologia justificada?

São Boaventura (1221?-1274) dá tacitamente lugar à astrologia no seu sistema em que toda a Natureza é símbolo, figuração de Deus, canta um hino constante à glória do Divino.

Thomas de Brabant ou de Cantimpré (falecido depois de 1271), no seu *Lider de Natura*, não desdenha tratar, como astrólogo, dos sete planetas e da esfera.

Para Santo Alberto de Bollstädt, dito o Grande (1206 ou 1207-1280) tão justamente cognominado em latim *Doctor universalis* (o «doutor universal») em virtude da vastidão dos seus conhecimentos, mestre de São Tomás de Aquino, a astrologia figura (como a alquimia) no número dos conhecimentos práticos tradicionais. É assim que nos explica como as esferas celestes moldam o carácter da criança que está para nascer: em cada mês a gestação encontra-se sob o controlo de um planeta: os nascimentos monstruosos são provocados pelas constelações. Alberto, *O Grande*, estabelece também uma correspondência estreita entre as influências zodiacais ou planetárias e as propriedades medicinais ou mágicas tradicionalmente atribuídas às plantas.

Em São Tomás de Aquino (1226-1274), encontramos codificada a posição católica medieval clássica, a que admitia a realidade das influências astrológicas, recusando considerá-las como fatais, absolutamente inevitáveis para o homem. É preferível, de resto, ceder a palavra ao próprio

---

(1) As dos quatro elementos, as dos sete planetas, o céu das estrelas fixas; e o Empíreo (a última das treze esferas) formando a membrana limite do Universo.

«doutor angélico», na sua *Soma teológica* <sup>(1)</sup> (I. P., pergunta 115, artigo 4):

«Os corpos celestes são a causa dos actos humanos? — Respondo que se deve dizer que os corpos celestes exercem sobre os corpos humanos numa acção directamente e por si próprios, [...]; mas só agem indirectamente e por acidente sobre as forças da alma que os órgãos corporais animam; porque os actos dessas potências sofrem necessariamente o efeito daquilo que perturba os seus órgãos; por exemplo, não vemos bem se a nossa vista está materialmente perturbada.»

Dêmos também o texto de uma observação adicional importante (ad. 2):

«Acontece frequentemente que os astrólogos anunciam coisas exactas. Isso pode ser devido a duas causas: primeira, porque a maioria dos homens segue as suas paixões corporais; os seus actos sofrerão, portanto, a influência dos corpos celestes. Poucos há, e são os únicos avisados, que moderam pela razão estas influências. É a razão pela qual os astrólogos para muitos casos anunciam coisas verdadeiras, sobretudo para os acontecimentos que dependem de agrupamentos humanos. Uma outra causa é a intervenção dos demónios.»

A influência de São Tomás de Aquino é muito importante n'*A Divina Comédia*, de Dante Alighieri. Dêmos uma passagem do *Purgatório* (canto XVI):

«Embora livres, estais submetidos a uma força superior e a uma natureza mais elevada, e esta outra potência cria em vós o espírito que os céus não podem dominar.»

---

(1) Cf. Paul Choissard, *Saint Thomas d'Aquin et l'influence des astres*, Paris, Alcan, 1926; Reginald Omez O. P., *Saint Thomas d'Aquin et l'astrologie*. (*La Tour Saint-Jacques*, n.º 4, Maio-Junho de 1956, pp. 36 e 39).

O homem é duplo: se a sua natureza física está submetida às estrelas, a sua natureza mais elevada, essa, possui o livre-arbítrio. Numa passagem de *O Inferno*, Virgílio é-nos até mostrado conduzindo o poeta diante dos adivinhos, cuja cabeça foi torcida de maneira a obrigá-los a nunca mais poderem olhar senão para trás: assim são castigados por terem querido tentar com tanta insolência olhar para o futuro (privilégio que é apanágio exclusivo de Deus)!

Em contrapartida, Raymond Lulle (1232-1314 ou 1315) não só não condenava a astrologia, como até acreditava firmemente nela.

De entre os grandes tratados de astrologia do fim do século XIII, citemos o *Tractatus optimus super totam astrologiam*, de Bernard de Verdun.

Um outro doutor escolástico, Siger de Brabant (falecido em 1278), inspirando-se em Aristóteles e mais especialmente no grande admirador árabe deste: Averroës, desenvolvia a eternidade da matéria primária do Universo (donde, por isso mesmo, eternidade do movimento e do tempo); quanto à liberdade dos homens, torna-se impossível, visto que as revoluções planetárias determinam todos os acontecimentos cá em baixo. O *Averroísmo* (nome dado à doutrina desenvolvida por Siger) terá entre os seus partidários os grandes astrólogos Pietro d'Abano e Marsilo de Pádua de que já falámos a propósito do seu papel tão activo na facção gibelina.

Quanto a Roger Bacon (1214-1292), cognominado *Doctor mirabilis* (o «doutor maravilhoso»), cultivou não só a alquimia, mas também a astrologia.

É a esta última que são consagradas diversas passagens da sua obra *Opus Minus*, intituladas *De notitia coelestium*. Roger Bacon distinguia, com efeito, duas espécies de astrologias: uma legítima (a que se limita a estudar a acção dos astros), a outra ilícita (a que tenta pôr em acção, por diversas operações mágicas, as influências demoníacas). Acredita nas *eleições*, isto é, na utilização da astrologia para tentar escolher a hora mais favorável a uma empresa.

Preocupou-se não só com a astrologia individual, mas também com a astrologia mundial.

Colocava em correspondência a órbita do planeta Mercúrio (que só é dominante na Virgem) com o Cristianismo.

Anunciava o próximo advento do Anticristo, cujos signos prenunciadores, a seu ver, se multiplicavam: imoralidade crescente dos seus contemporâneos, nova invasão, avanço dos Tártaros.

A Idade Média cristã surgiria naturalmente como uma idade de ouro para os astrólogos, e, a partir do fim do século X, visto que Geberto (coroadado Papa sob o nome de Silvestre II) a cultivava já (juntamente com a alquimia). Encontrava-se, efectivamente, em sua casa uma representação astrológica-tipo (extraída do sistema do mundo descrito por Ptolomeu), e que viria a ser dominante durante muito tempo no Ocidente: no centro do Universo a terra, rodeada por nove esferas concêntricas (as dos sete planetas, as das estrelas fixas, a do «Primeiro Móbil»).

No século XI, será (e não estávamos ainda no apogeu da cristandade medieval) um florescimento de manuscritos astrológicos, alguns dos quais eram, é certo, compilações populares: *Esferas de Vida e de Morte*, *Livros da Lua*, etc.

No entanto, atrevemo-nos a sugerir, não foi a idade Média a «idade de prata» da astrologia — surgindo o Renascimento como a verdadeira «idade de ouro» desta arte oculta, a época do seu maior prestígio, da sua maior extensão?

## Capítulo III

### O RENASCIMENTO

#### **Imenso prestígio dos astrólogos na Sociedade Europeia do Renascimento**

Seria um erro total considerar o que se chama vulgarmente o Renascimento <sup>(1)</sup> como uma época que teria marcado um descrédito progressivo da antiga astrologia (mais geralmente falando: das ciências e artes «ocultas») à medida que avançavam as grandes descobertas científicas e técnicas. Comete-se um anacronismo gigantesco acreditando na existência efectiva, nos séculos XV e XVI, de um racionalismo plenamente comparável àquilo que estamos tão acostumados a designar por este vocábulo: mesmo entre os pensadores mais anticlericais do período (estes são facilmente invocados entre os grandes antepassados do livre-pensamento contemporâneo), encontrar-se-ia a crença mais firme nos fenómenos mais fantásticos, mais extraordinários aos olhos do sábio positivo moderno.

Longe, portanto, de diminuir no Renascimento, o número dos astrólogos aumentará cada vez mais: nos séculos XV e XVI, são legiões e o seu prestígio era muito mais importante do que na parte final da Idade Média. Das mais altas personagens às massas iletradas, os homens preocupa-

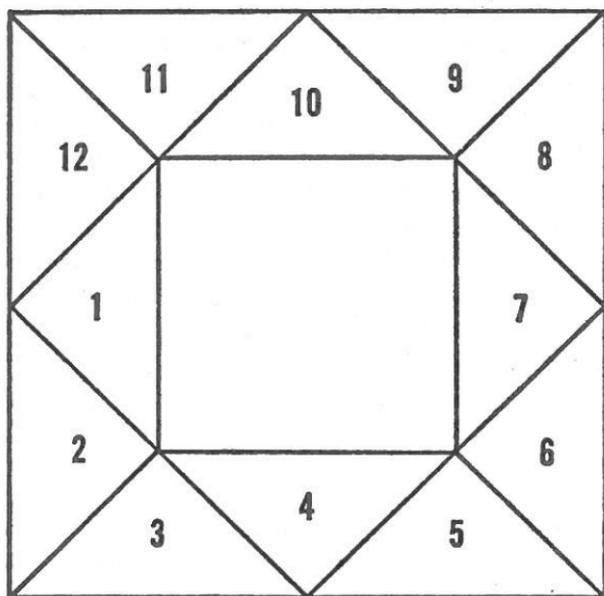
---

(1) É claro que não convém considerar as «grandes épocas» sucessivas como separadas por fronteiras herméticas, sem a menor transição.

dos com o futuro têm plena confiança na adivinhação astral (entre toda a gama de *mancias* diversas).

Do ponto de vista dos métodos praticados pelos astrólogos do período (em bloco: séculos XV e XVI) pode verificar-se que são muito pouco diferentes dos usados pelos antecessores medievais e até dos praticados pelos astrólogos árabes, gregos ou romanos. A própria disposição dos horóscopos de nascimento permanecerá a mesma na Europa até ao fim do século XIX.

A este propósito, não seria inútil assinalar ainda que a disposição circular dos horóscopos, a que tão habituados estamos hoje (pelos livros, revistas e jornais), é efectivamente moderna (remonta ao astrólogo «científico» Choisnard, de fins do século passado). Antes, a disposição mais corrente era *em quadrado*; os horóscopos do Renascimento como os da Idade Média são quase sempre apresentados com esta disposição tradicional, formada pela inserção de um quadrado no centro de outro, e pela determinação linear subsequente de doze regiões, rodeando um terceiro quadrado, como se mostra na figura seguinte. No centro do pequeno



quadrado central, o astrólogo inscrevia a data e a hora do nascimento do indivíduo. Cada um dos sectores (1) — correspondente às doze «casas» solares que se presume regerem os diversos domínios em que se exerce a actividade humana — devia ser preenchido em conformidade com os planetas e constelações descobertos no estado do céu estudado no momento do nascimento (2).

No momento em que a astrologia parecia tão profundamente, tão intimamente, ligada ao sistema geocêntrico de Ptolomeu (a Terra reinando no centro do Universo), o advento de uma astronomia moderna (que fará com que daí em diante a Terra e os outros planetas girem à volta do Sol) não será acompanhado, entre os seus promotores, de um desmoronar súbito das crenças no velho determinismo astrológico. O próprio Copérnico nunca renegou a sua crença nas influências planetárias. Foi ao seu amigo austríaco, o famoso astrólogo *Rheticus* (3), que confiou o cuidado de publicar a obra em que expunha o seu novo sistema heliocêntrico: o *De Revolutionibus Orbis Coelestium* («Das Revoluções das Orbes Celestes») (1543). Rheticus tentará, até, anexar o novo sistema astronómico em benefício das suas próprias predições: é assim que, na sua *Narratio prima*, introduziu uma digressão destinada a provar que a data da Segunda Vinda de Cristo dependia das variações de excentricidade na órbita terrestre.

Quanto ao grande astrónomo dinamarquês Tycho-Brahé (1546-1601), o mestre de Kepler, não foi somente um observador infatigável dos espaços celestes, mas um astrólogo

---

(1) Na figura, o sector 1 é a *casa da vida*, o 2 a *das riquezas*, o 3 a *das heranças*, o 4 a *dos bens de património*, o 5 a *dos legados e doações*, o 6 a *dos desgostos e doenças*, o 7 a *do casamento*, o 8 a *do medo e da morte*, o 9 a *da religião e das viagens*, o 10 a *dos cargos e dignidades*, o 11 a *dos amigos*, o 12 a *das prisões e da morte violenta*.

(2) Assinale-se uma variante da antiga disposição dos horóscopos: aquela em que o astrólogo colocava doze triângulos entre dois círculos, um dentro do outro.

(3) Originário de Voralberg, a antiga província romana de *Rética*: de onde este patronímio latino. O seu verdadeiro nome era Georg Joachim.

convicto, passando, mesmo, longos anos a elaborar minuciosamente horóscopos. Do mesmo modo que, para Kepler, é demasiado fácil evocar, em relação a ele, necessidades «alimentares»: os astrónomos contemporâneos que anexam (tomando, assim, os seus desejos retrospectivos por realidades) Copérnico, Tycho-Brahé e Kepler entre os primeiros grandes adversários científicos da astrologia cometem um anacronismo patente.

Mesmo entre os precursores directos daquilo a que se chama o livre-pensamento contemporâneo, encontrar-se-ia ... uma defesa sistemática da astrologia! É o caso com Pomponazzi ou Pompanácio (1462-1525). No seu *De Fato* («Do Destino») (1), invoca as leis astrológicas para justificar o completo determinismo das acções humanas — tanto individuais como colectivas. É assim que, segundo ele, todas as religiões aparecem em estreita conformidade com as leis cíclicas do Cosmos (surgem no momento fixado, desenvolvem-se, depois degeneram e morrem), seria até possível — aos olhos deste filósofo — elaborar o horóscopo das religiões actualmente existentes (incluindo o Cristianismo).

Quanto ao médico espanhol Miguel Servet (1509-1553), que Calvino mandou queimar vivo (por heresia) em Genebra, ele justifica o próprio princípio da astrologia: pela ligação universal dos fenómenos.

Giordano Bruno (1548-1600) também dá ao determinismo astrológico o lugar que lhe compete nas suas grandiosas perspectivas filosóficas de um universo infinito no tempo e no espaço (2).

Para o homem do Renascimento, incluindo o mais liberto em relação aos dogmas religiosos, nada de mais normal ainda do que a astrologia tradicional: uma relação simbólica (mas, contudo, tão concreta) não une o homem e a abóbada estrelada?

---

(1) Bolonha, 1520.

(2) Cf. E. A. Yates, *Giordano Bruno and the hermetic tradition*, Chicago University Press, 1964.

Mesmo folheando um manual histórico muito rudimentar, o Renascimento revelar-se-nos-ia como um período extremamente perturbado. Não só pelas crises espirituais, mas por conflitos armados de uma violência extrema, e por perturbações sociais e económicas também, não menos violentas. Quando a época é tumultuosa, os homens têm sempre, mais do que nunca, tendência para escutar ansiosamente o céu na expectativa dos «signos dos tempos», tentando conhecer o que os espera. O fatalismo tende então a implantar-se irresistivelmente nos espíritos, não só nas massas não evoluídas como até entre as «élites». Nada espanta, portanto, ler este prefácio escrito pelo reformador Lutero para um livro astrológico de Johannès Lichtenberger:

«Os sinais do céu e na terra, não faltam; foi esse o trabalho de Deus e dos anjos; advertem e ameaçam os países e regiões ímpias e têm todos uma justificação.»

N'A *Duquesa de Malfi*, drama sombrio do autor elisabetano inglês John Webster, encontra-se esta réplica terrível, uma das formulações literárias mais fortes e concisas jamais dadas ao fatalismo astrológico total: «Somos simplesmente joguetes das estrelas, manipulados por elas como lhes apetece.»

Em contrapartida, Shakespeare — embora partilhando, ao que parece, a crença geral da astrologia — limita notavelmente a extensão do determinismo celeste das acções humanas. Citemos, em *Júlio César*, as palavras de Cássiús:

«Os homens raramente são senhores dos seus destinos. O erro, caro Brutus, não está nas nossas estrelas. Mas em nós próprios, porque somos subordinados.»

Várias configurações astrológicas suscitarão entre os contemporâneos vagas de terror, de expectativa resignada de acontecimentos catastróficos. Será este o caso para a con-

junção dos planetas Júpiter e Saturno no signo do Escorpião, em 1488:

«A esta dupla conjunção foi atribuída a casa do Escorpião.»

Tycho-Brahé verá numa outra conjunção dos dois mesmos planetas, colocando-se desta vez na primeira parte da constelação do Leão (perto das nebulosas estrelas do Caranguejo) — a de 1593 —, o anúncio de acontecimentos terríveis. E, efectivamente, nesse ano haverá uma violenta epidemia de peste.

Ao longo do Renascimento e da Reforma muitos homens viverão na expectativa ansiosa (ou cheia de esperança) de acontecimentos apocalípticos destinados a produzirem-se antes do Juízo Final, e não deixarão de recorrer aos cálculos astrológicos para os determinarem. Certos cabalistas cristãos (Guillaume Postel e outros) distinguir-se-ão neste domínio do minucioso cálculo dos acontecimentos ao fim dos tempos (1).

Num grau menos grave, é de notar a grande voga dos primeiros almanaques impressos, que se dirigiam principalmente às populações rurais. O mais célebre, em França, será:

*Le grand Kalendrier et compost des Bergiers avec leur Astrologie et plusieurs aultres choses.*

Entre 1493 e 1510, dez edições se sucederão, número enorme para uma época em que — não esqueçamos — o número dos iletrados era ainda imenso na população.

Em contraste com a atitude nitidamente favorável à astrologia de Lutero e do seu amigo Melanchthon, encontrar-se-ão no século XVI diversas condenações desta arte pelas autoridades romanas, e por Calvino também.

---

(1) François Secret, *L'astrologie et les kabbalistes chrétiens à la Renaissance*. (*La Tour Saint-Jacques*, n.º 4, Maio-Junho de 1956, pp. 45 e 56.)

Em 4 de Dezembro de 1563, a comissão do Índice proibiu — em bloco — todos os livros de magia, de feitiçaria, das diversas artes divinatórias. No entanto, isto não impedirá a publicação ulterior de obras de astrologia *com o imprimatur* das autoridades eclesiásticas, nem sequer os padres e religiosos de cultivar esta arte! Do mesmo modo, a Bula *Constitutio Coeli et Terra* (1586), em que o Papa Sixto V condenava os astrólogos, depois *Constitutio inscrutabilis* (1586) de Urbano VIII — idêntica no seu conteúdo — não serão seguidas de nenhuma medida efectiva de coacção católica contra os astrólogos como tal.

O famoso Cosme Ruggieri, um dos astrólogos de Catarina de Médicis, será levado, é certo, ao tribunal romano da Inquisição mas será solto depois de ter explicado brilhantemente aos seus juizes que a astrologia — pelo menos como ele a praticava — assentava em leis perfeitamente naturais e nada tinha a ver com a evocação mágica dos espíritos.

Efectivamente, as autoridades eclesiásticas do período — tal como as seguintes — adoptavam uma posição prática semelhante à que fora sustentada outrora por São Tomás de Aquino: admitir a legitimidade da adivinhação astrológica desde que esta não negue o livre-arbítrio humano, e não seja acompanhada de práticas mágicas tais como a evocação de anjos ou demónios. É também de levar em conta uma preocupação legítima de combater as superstições populares susceptíveis de transtornar as massas: é, de resto, por motivos semelhantes que se explica a proibição dos calendários astrológicos votada no reino de França pelos Estados provinciais de Orléans (1560), de Blois (1579), de Bordeaux (1583).

No Renascimento, raros são os pensadores que condenam a astrologia por motivos já verdadeiramente científicos (em vez de religiosos).

Poderia, é certo, citar-se o caso bastante isolado de um Pico de la Mirandola, que, embora simpatizante do esoterismo, se esforçará por fazer uma distinção radical entre a astronomia e a astrologia; é verdade que invocava tam-

bém, para a sua atitude, razões pessoais: o facto de ter verificado à sua volta, na sua própria família, o fiasco lamentável de predições feitas por astrólogos famosos. Invoque-se, do mesmo modo, idêntica atitude, mas mais matizada, de Petrarca (1).

Praticamente, é só com o advento do século xvii que se operará a distinção bem acentuada — e que será definitiva — entre a astronomia (no sentido moderno do nome) e a astrologia. Para a maioria dos homens do século xvi, a confusão continuava a espalhar-se.

A astrologia não era somente — para eles — apanágio de personagens suspeitas que praticavam tenebrosas evocações mágicas (2).

Na corte de França (e o mesmo se passava nos outros reinos), o título de *médico-astrólogo d'el-rey* não era, de modo algum, uma dignidade de alta fantasia, mas designava um sério «casamento» profissional, muito vulgar na época; Catarina de Médicis terá ao seu serviço dois médicos que foram, ao mesmo tempo, astrólogos muito ilustres: o famoso Nostradamus, de quem evocaremos a pessoa e as profecias, e Augier Ferrier.

Todos os grandes escritores da época, Rabelais, Ronsard, Maurice Scève, etc., acreditavam com fervor na astrologia. O mesmo fenómeno se dá no mundo artístico do Renascimento: seria longo citar aqui as pinturas, gravuras, desenhos, que revelam nos seus criadores um conhecimento muito desenvolvido da astrologia.

Citemos somente dois exemplos significativos: os frescos do palácio Schifonia, em Ferrara; a tão célebre gravura *Melencolia!* de Dürer, cujo simbolismo (se o não

---

(1) Erasmo é citado com frequência entre os adversários da astrologia; mas, efectivamente, no seu *Elogio da Loucura*, só atacava a astrologia mais inferior, a que explorava a credulidade das massas supersticiosas.

(2) O famoso *Doutor Fausto* existiu, na verdade: houve, na Alemanha (morreu antes de 1544), um médico, astrólogo e mágico deste nome; mas, a partir do fim do século xvi, tornou-se uma personagem lendária.

é totalmente) se baseia em grande parte no esoterismo astrológico.

Para resumir: seria rigorosamente impossível eliminar a astrologia da história das ideias durante os séculos XV e XVI. (1)

### Catarina de Médicis e a astrologia

Desde longa data que os Valois se haviam mostrado mais do que simpatizantes em relação à astrologia: os reis Carlos V, Carlos VI e Carlos VII, como o duque de Berry, irmão do primeiro, haviam tido, todos, os seus astrólogos, cujos conselhos eram muito escutados.

Francisco I recrutou em Milão, como médico vulgar, Francesco Vicomercato, astrólogo notório. Segundo este nada mais natural, mais razoável do que a crença na influência das estrelas, dos planetas, do Sol sobre as acções humanas.

O humanista Erasmo — algo céptico, este — atacara a astrologia nas suas formas charlatanescas no *Elogio da Loucura*; e foi a este ataque que Vicomercato tentou responder, justificando os princípios desta arte divinatória.

Mas é seguramente a ativa e supersticiosa Catarina de Médicis, mulher de Henrique II, que, à morte deste virá a ser rainha e regente de França, que representa o apogeu da astrologia na corte dos Valois. Acreditava cegamente não só na verdade total da astrologia, mas também nas outras ciências ocultas: nunca se separava de uma medalha mágica, que não era mais, ao que parece, do que um talismã pro-

---

(1) Ver: Jean Delumeau, *La Civilisation de la Renaissance*, Paris, Arthaud, 1967; C. G. Nauert, *Agrippa and the crisis of Renaissance thought*, Urbana University Press (Illinois), 1965; A. J. Pannekoek, *A History of Astronomy*, New York, 1961; — René Taton e colaboradores, *Histoire Générale des Sciences: La Renaissance*, Paris. P. U. F., 1958; P. P. Walker, *Spiritual and demonic Magic from Ficino to Campanella*, Londres, 1958; W. P. Wightman, *Science and the Renaissance*, Aberdeen, 1962; E. Wind, *Pagan mysteries in the Renaissance*, Londres, 1958.

veniente — é pelo menos o que pensaria o historiador especializado — de uma seita gnóstica dos inícios do Cristianismo; a rainha ignorava, sem dúvida, esta origem. Rodeava-se de astrólogos e de mágicos, e, não contente por tentar conhecer o futuro — o seu próprio e o dos filhos (que aspirava fossem todos prometidos ao mais belo destino) —, teria desejado dominá-lo, não ter qualquer obstáculo à sua vontade. Entre os astrólogos protegidos por Catarina de Médicis, houve três particularmente ilustres: o médico Michel de Nostredame (dito Nostradamus), Luc Gauric e Cosme Ruggieri, compatriota da rainha florentina.

Em Paris, mostra-se ainda encerrada no edifício da actual Bolsa das sementes (perto dos Halles) a coluna encimada por uma pequena plataforma que outrora serviu de observatório (1).

Segundo a tradição, Catarina teria aí subido várias vezes com Nostradamus; depois, à morte deste, com Ruggieri, para observar os astros.

Os filhos de Catarina de Médicis foram, como ela, ardentes defensores da adivinhação astrológica. Henrique III protegeu o alquimista e astrólogo Blaise de Vigenère. Quanto a Francisco de Valois, o irmão mais novo de Henrique III, tomara como capelão um dos mais ilustres astrólogos do tempo, Junctin de Florença (em latim *Junctinus*), também compatriota da Rainha-mãe, e já protegido por ela. Junctin, infatigável comentador de Ptolomeu, é conhecido pelo seu muito volumoso tratado: o *Speculum astrologiae* («Espelho de Astrologia»), publicado em Lyon, em 1581.

Mas, falar de Catarina de Médicis e dos seus filhos, não é evocar imediatamente o nome prestigioso de Nostradamus?

### **Astrologia e magia: Nostradamus; John Dee**

Michel de Nostredame (1503-1566), mais conhecido pelo nome latinizado, *Nostradamus*, foi — como já o fora seu

---

(1) É o único vestígio de um paço que, no século XVI, ocupava o local.

pai — um dos médicos mais ilustres da época; mas tornar-se-ia ainda mais célebre como astrólogo, adivinho e profeta. Até à época presente (1), a sua obra mais célebre — as *Centúrias* — não cessa de ser reeditada, excitando os audaciosos e pacientes esforços de gerações de exegetas e de intérpretes.

Mas se Nostradamus foi astrólogo (e ninguém duvida, possuem-se horóscopos e almanaques dele), o seu conhecimento profético do futuro, real ou suposto, ter-se-ia apoiado em pontos de partida verdadeiramente astrológicos? É forçoso responder pela negativa. As *Centúrias* revelam-se uma obra escrita para transcrever as revelações directas obtidas em consequência de evocações mágicas — destinadas a suscitar o transe profético — praticadas durante vigílias nocturnas do mago no andar superior (que lhe servia de laboratório e de oratório ao mesmo tempo que de observatório) da sua casa de Salon-de-Provence, para onde fora nos últimos anos da sua vida (2). De resto, abram-se as *Centúrias* e leiam-se as duas primeiras estrofes:

*Estant assis de nuit secret estude  
Seul reposé sur la selle d'aerain  
Flambe exigue sortant de sollitude,  
Fait proférer qui n'est à croire vain  
La verge en main mise au milieu de branches  
De l'onde il mouille et le limbe et le pied,  
Un peur et voix frémissent par les manches.  
Splendeur divine. Le divin près s'assied. (3)*

Estes versos são muito claros: mostram-nos o adivinho sentado (tal como a pítia de Delfos) numa trípode de bronze,

---

(1) Cf. *Les Prophéties, de Nostradamus*, apresentadas e comentadas por Serge Hutin, Paris, Pierre Belfond, 1966.

(2) A cidade natal do profeta era Saint-Rémy, outra velha cidade provençal.

(3) As óbvias dificuldades de tradução destes versos (francês arcaico) aconselham a simples reprodução do texto; o autor do livro explica, no comentário que se lhes segue, o seu significado. (N. do T.)

no acto de proceder — de varinha mágica na mão — à evocação taumatúrgica de uma entidade sobrenatural, «materializando-se» à sua vista sob a forma de uma pequena chama e de ondas ardentes.

No entanto, as *Centúrias* aparecem-nos também como uma obra cuja desordem não é mais do que aparente: tudo se passa, pelo contrário, como se Nostradamus tivesse inserido todas as suas visões (obtidas por meios mágicos) num quadro cronológico e ciclológico rigoroso, num plano de conjunto respondendo a chaves numerológicas complexas — e em que a astrologia desempenhava, sem qualquer dúvida, o seu papel. Na Epístola a Henrique II colocada à cabeça das *Centúrias*, Nostradamus observa:

«Mas a um prudente e sábio Príncipe consagrei as minhas nocturnas e proféticas suputações, compostas de um natural instinto, acompanhado de um furor poético, que, por regra de poesia, e a maior parte composta e concedida à calculação astronómica correspondente aos anos, meses e semanas das regiões, terras, e da maior parte das vilas e cidades de toda a Europa compreendendo a África e uma parte da Ásia pela mudança das regiões, cuja maioria se aproxima de todos estes climas, e de uma forma natural: que responda alguém que tenha necessidade disso, a rima é tanto mais fácil quanto a inteligência do sentido é difícil.» (*Les Prophéties de Nostradamus*, edição citada, pp. 77 e seguintes.)

Portanto: origem profética das visões, por vidência mágica directa; mas inserção de todas estas vidências particulares num quadro astrológico muito rigoroso.

Nostradamus morreu, observe-se, nas condições e hora exactas que ele próprio predissera: saudemos este facto, excepcional entre os videntes, profetas e adivinhos, que, de modo geral, perdem as faculdades quando se trata de olhar para si próprios!

Parece inegável que as profecias de Nostradamus (sem provocarem, é claro, uma adesão comparável às provas científicas) são de natureza que despertam questões perturbantes.

Seria, sem dúvida, demasiado fácil reduzir a obra profética de Nostradamus a uma espécie de tumultuoso delírio verbal ou — ao contrário — explicá-la por uma montagem muito hábil de palavras, de factos, de imagens susceptíveis de se aplicar à vontade aos casos bizarros, grandiosos ou terríveis anunciados pelos numerosos profetas e «magos» de todos os tempos.

De facto, existe toda uma série de comparações possíveis que dariam que reflectir. Inegavelmente, verifica-se que uma série de estrofes das *Centúrias* «aderem» perfeitamente aos factos da Revolução Francesa e do Império (1).

Nostradamus não é o único mago do Renascimento que ligou a astrologia a práticas mágicas. Há o caso célebre de John Dee (falecido em 1604), que, no reinado de Isabel da Inglaterra, aliava a prática da magia cerimonial à da alquimia e da astrologia. Teve uma vida muito aventureira, que o levou da Inglaterra a Praga, onde, com o seu amigo Edward Kelley (que lhe servia de assistente e de médium) se esforçou por obter os favores do imperador Rudolfo II, de Habsburgo, grande protector dos alquimistas (2).

John Dee dizia ter alcançado, por meio de um espelho mágico, contactos com entidades angélicas, que lhe teriam ditado toda uma série de revelações numa escrita hieroglífica, chamada «enoquiana» (3).

Encontrar-se-ia toda a espécie de alfabetos «celestes» ou «angélicos» entre outros mágicos e alquimistas da época. Durante todo o Renascimento, houve uma grande expansão das especulações numerológicas e alfabéticas, que se inspirou na cabala cristã.

---

(1) Ver a nossa introdução às *Prophéties de Nostradamus*, Pierre Belfond, éditeur.

(2) A personagem de John Dee foi utilizada por Gustav Meyrink no seu romance fantástico *L'Ange à la fenêtre d'Occident*, traduzido em francês nas Éditions de la Colombe.

(3) O *Diário* do Dr. Dee foi publicado (por Meric Casaubon) muito tempo depois da morte do mago. Encontra-se nele a narrativa pormenorizada destas evocações. Ver, acerca da Magia (1957), o artigo de Gerard Heym no número especial da revista *La Tour Saint-Jacques*.

Para todos estes autores, o tema principal pertence à astrologia (1). É assim que Reuchlin, no seu livro *De Arte Cabalista* (1517), coloca em correspondência as letras hebraicas e os planetas. É assim que, numa *Epístola de Astronomiae Auctoribus* (1513), uma personagem misteriosa, Augustinus Ricius, judeu convertido que se colocara ao serviço do marquês de Montferrat (2), depois de ter sido o discípulo do rabino cabalista Abraão Zacuto, atribui à astrologia a mais prestigiosa das origens:

«Lede Josefo (3), o mais sábio de todos os escritores da Antiguidade judaica; ele afirma que Seth, filho de Adão, e, depois dele, os seus descendentes foram os inventores das ciências dos astros que transmitiram em duas colunas; uma de tijolo, outra de pedra. O que é confirmado por Hermes, que, no exórdio do livro que escreveu acerca das imagens, declara que tudo o que diz o encontrou inscrito nas colunas.»

Todas as espécies de «alfabetos celestes» se encontram na *Voarchadumia* de Agostinho *Pantheus* (pseudónimo latino), padre veneziano que desempenhou papel importante numa sociedade secreta.

Blaise de Vigenère (4) observava, no seu *tratado dos números*, consagrado às escritas secretas:

«Que a escrita dos Anjos está colocada no côncavo e na abóbada do céu, que é o que nós, mortais, podemos ver cá de baixo, e a do soberano Deus sobre o dorso e convexidade, o dito mundo fora do mundo sensível na parte exte-

---

(1) Ver a obra de François Secret: *Les kabbalistes chrétiens de la Renaissance*, Paris, Dunod, 1962.

(2) A título de curiosidade, assinalemos que o título de marquês de Montferrat foi um dos títulos exibidos, no século XVIII, pelo misterioso Conde de Saint-Germain.

(3) Flávio Josefo (37-95 d. C.), célebre historiador judeu.

(4) Alquimista e astrólogo protegido por Henrique III (ver p. 161).

rior, se assim se lhe deve chamar, onde a divindade reside, no trono do seu Ensoph (1) ou Eternidade.»

Para Guillaume Postel, as estrelas ordenar-se-iam no céu sob a forma de figuras quadradas, reproduzindo o contorno das letras hebraicas.

### Na Itália e na Alemanha

Para um Pico de la Mirandola elevando-se contra a adivinhação astrológica, encontrar-se-ia na Itália do Renascimento um número muito maior de partidários convictos da astrologia.

Marsilo Ficino (1433-1494), fundador da academia platónica de Florença e primeiro tradutor europeu de Platão, começara por condenar a astrologia: «o astrónomo mede (*metitur*), o astrólogo mente (*mentitur*)», dizia ele fazendo um jogo de palavras em latim. Mas, em 1482, retirou todos os seus ataques contra a astrologia e esforçou-se por basear filosoficamente a acção que os astros exercem sobre as diversas partes do corpo humano. Na *Teologia platónica* (a sua obra principal), estabeleceu assim a existência — acima da alma formadora da Terra — das doze almas celestes, donas dos signos do Zodíaco: cada uma delas governa, portanto, do alto da sua «casa», uma parte das coisas cá em baixo. O Sol, «coração do céu», envia a sua luz, que aquece e unifica, sobre todas as criaturas terrestres; mas só no homem o raio vive, brilha, recebe a luz.

Entre os mais famosos astrólogos italianos profissionais da época, citemos Cristoforo Landino (1434-1505), professor na Universidade de Florença. Guelfo convicto (isto é partidário do Papa, em quem via o futuro regenerador da Itália), anunciou que a conjunção de Saturno e de Júpi-

---

(1) Nome dado pelos rabinos cabalistas à Divindade anterior a qualquer manifestação.

ter no signo do Escorpião (25 de Novembro de 1484), longe de ser maléfica, anunciara a renovação nacional italiana.

Mas o mais célebre dos astrólogos transalpinos do período é o ilustre Jerónimo Cardan (1501-1576).

Cardan era filho de um jurista e matemático italiano há muito instalado em Paris, e daí o seu nascimento e formação na capital francesa. Fez estudos muito desenvolvidos na Universidade de Paris, nos diversos ramos do saber. Não se deve minimizar os conhecimentos científicos de Cardan, um dos maiores matemáticos do seu tempo e que se ilustrou também na mecânica aplicada <sup>(1)</sup>.

Depois de ter ensinado matemática em Paris até 1523, dirige-se à Itália, onde a sua reputação de médico, de matemático e também (não o esqueçamos) de astrólogo não cessará de crescer.

Em 1543, faz uma estada na Ingraterra e na Escócia. Com excepção de uma passagem em França (1552), a sua carreira desenrola-se, a partir de então, na Itália: depois de ter sido professor em Bolonha (1562-1570), fixa-se em Roma, onde morre. Scaliger e De Thou afirmam que Cardan, que determinara o dia da sua morte pelos seus sábios cálculos astrológicos, ter-se-ia deixado morrer de fome para não fazer mentir os astros; esta anedota suspeita tem todo o aspecto de piada destinada a ridicularizar um grande homem!

Efectivamente, não deve fazer-se de Cardan uma personagem ridícula, uma espécie de «professor Nimbus» alucinado, perpetuamente nas nuvens.

Cardan escreveu muito, num estado de total receptividade, de curiosidade aberta. Definia, assim, o mundo visível: «eterno objecto de estudo para os espíritos curiosos». Inesgotável riqueza do «Grande Livro da Natureza» ... Homem muito piedoso, Cardan preocupava-se com os meios de invocar a Virgem e os Santos nas horas favoráveis.

---

(1) Deve-se a Cardan a descoberta de um modo de suspensão (que ainda tem o seu nome) que permitiria subtrair as bússolas dos navios ao movimento da vaga.

Segundo ele, influências astrais determinantes presidem às diversas religiões que cá em baixo se sucederam.

Ele próprio ligado, sem dúvida (como Paracelso), a uma das sociedades secretas desse tempo, Jerónimo Cardan é um dos primeiros autores a desenvolver abertamente a ideia de um poder político oculto: construir uma aristocracia do saber que, mesmo sem governar, aconselharia a dirigiria, efectivamente, os soberanos pela ciência, pelo conhecimento das técnicas e (trunfo importante) pela astrologia.

Entre os grandes pensadores italianos do Renascimento, encontrar-se-iam, senão sempre astrólogos praticantes como Cardan, pelo menos defensores convictos da plena legitimidade desta arte divinatória.

É o caso de Telesio, de Francisco Patrizzi, de Bruno e de Campanella também — formando, estes dois filósofos (falecidos, um em 1600, o outro em 1639), a transição entre o Renascimento e o grande século.

Giordano Bruno exalta a unidade do céu único e infinito onde o movimento dos astros «*canta* (citemos uma das suas mais belas fórmulas) *a excelência e a glória de Deus*.

Em Giordano Bruno, os laços com a tradição dos Rosa-Cruz parecem mais do que certos: o Renascimento, e não só na Itália, marca a expansão, o desenvolvimento, a manifestação crescente das sociedades secretas ocidentais que aderem à corrente hermética. O fenómeno parece ter sido particularmente aparente na Alemanha, onde muitas provas atestariam esta actividade das sociedades secretas tradicionais, que os imperadores Maximiliano I, Maximiliano II e Rodolfo II parecem ter protegido — como, antes deles, aconteceu com os duques de Borgonha.

Uma das obras de arte mais significativas é a famosa gravura *Melancolia*, de Albert Dürer, protegido pelo imperador Maximiliano I, de Habsburgo. Nesta gravura, que, sem qualquer dúvida, atesta a iniciação do artista, encontra-se reunida toda uma série de símbolos tradicionais (maçónicos e alquímicos), cuja elucidação completa exigiria muitas pági-

nas (1). Um dos seus significados de conjunto seria relativo à astrologia mundial: simbolização concreta da necessidade de uma passagem da humanidade de uma era para outra, da dos Peixes para a do Aquário.

Dois homens em especial encarnariam, na Alemanha, a figura do mago hermetista do Renascimento: Henri-Corneille Agrippa de Nettesheim (1486-1535) e, muito melhor ainda, o ilustre Paracelso (1493-1541). Do primeiro, a célebre *Filosofia Oculta* havia circulado em manuscrito antes da sua publicação em Colónia, em 1510. É um tratado completo de magia ou de filosofia secreta, visando a colocar ao serviço do homem todas as potências escondidas em acção no Universo. Existem três mundos separados e sobrepostos: o dos Anjos, o dos Astros, o dos Elementos. Cada um dos dois últimos sofre as influências daquele que o precede: assim se encontraria, portanto, justificada a astrologia.

No sistema de Paracelso, a astrologia tradicional encontraria perfeitamente o seu lugar, inclusive no domínio médico: para estabelecer a justa dosagem dos medicamentos a prescrever, seria necessário — pensava ele — conhecer o horóscopo do doente de maneira a ter em conta a repartição das influências astrais.

Paracelso é um dos representantes ocidentais da tradição hermética que mais se consagraram a desenvolver a doutrina do Homem como imagem, como representação do Cosmos; todas as aplicações práticas do sistema médico paracelsiano assentam neste princípio. Dêmos um excerto dos *XIV livros dos Parágrafos* (traduzido do latim em francês por C. de Sarcilly, Paris, 1631):

«Nota bem isto: que vale o remédio que dás para a matriz das mulheres, se não és guiado por Vénus? Que pode o teu remédio para o cérebro, ser orientado pela Lua?

---

(1) Cf. Panofsky e Saxl, *Dürers Melencolia I* (Studien des Bibliothek Warburg), Leipzig, 1934.

E do mesmo modo para os outros; ficariam todos no estômago e sairiam pelo intestino, resultariam sem efeito. Se o céu não te for favorável e não consentir em dirigir o teu remédio, não chegarás a nada.»

Importância capital, portanto, das correspondências astrológicas.

Mas, para além deste determinismo astral, a visão astrológica do mundo não seria susceptível de levar o adepto à consciência total iluminadora da unidade fundamental do Cosmos? Na Introdução do seu *Prognóstico*, Paracelso escreveu:

«Talvez se duvide de que seja possível descrever os efeitos dos astros no céu, quando já na terra não vemos bem o que está debaixo dos pés e muitas vezes tropeçamos e caímos. A resposta mais breve é que para uma tal descrição não utilizamos os olhos e menos ainda os pés [...] Que alegria e que ventura viver na unidade! Os corpos celestes, a terra e todas as coisas têm também o seu curso neste mundo.»

E daremos, finalmente, da *Philosophia ad Athenienses*, esta outra esplêndida passagem de Paracelso:

«A Natureza compreendendo o Universo é una, e a sua origem não pode ser senão a eterna Unidade. É um vasto organismo no qual as coisas naturais se harmonizam e simpatizam reciprocamente. Tal é o Macrocosmo, tudo é o produto de um esforço de criação universal único. O macrocosmo e o microcosmo fundem-se num. Não formam mais do que uma constelação, uma influência, um sopro, uma harmonia, um tempo, um metal, um facto.»

## Em direcção ao século XVII

Do mesmo modo que é arbitrário estabelecer limites bem definidos entre «Idade Média» e «Renascimento», igualmente

seria absurdo acreditar num súbito levantar de cortina que, em 1600, teria feito passar os Europeus do Renascimento para o século XVII. No início deste, durante muito tempo, as perspectivas astrológicas permanecerão as mesmas, praticamente, como no século anterior.

Na Inglaterra, por exemplo, um Simon Forman (falecido em 1611), um *sir* Christopher Heydon <sup>(1)</sup> são, ainda, homens do Renascimento.

Quanto à atitude dos sábios e dos filósofos em relação à astrologia, será, durante muito tempo, isenta de hostilidade: um Francis Bacon, um Kepler, acreditarão, ainda, na sua verdade.

---

<sup>(1)</sup> Autor de uma importante *Defesa da Astrologia Judiciária* (1603).



Será este o mais antigo horóscopo do mundo?



Calendário asteca: «Em torno do céu corre a roda que jamais se gasta, o ano»



Um mago no seu círculo de símbolos astrológicos, controlando um demónio



Astrólogos árabes



Os doze signos do Zodíaco, inventados pelos Caldeus

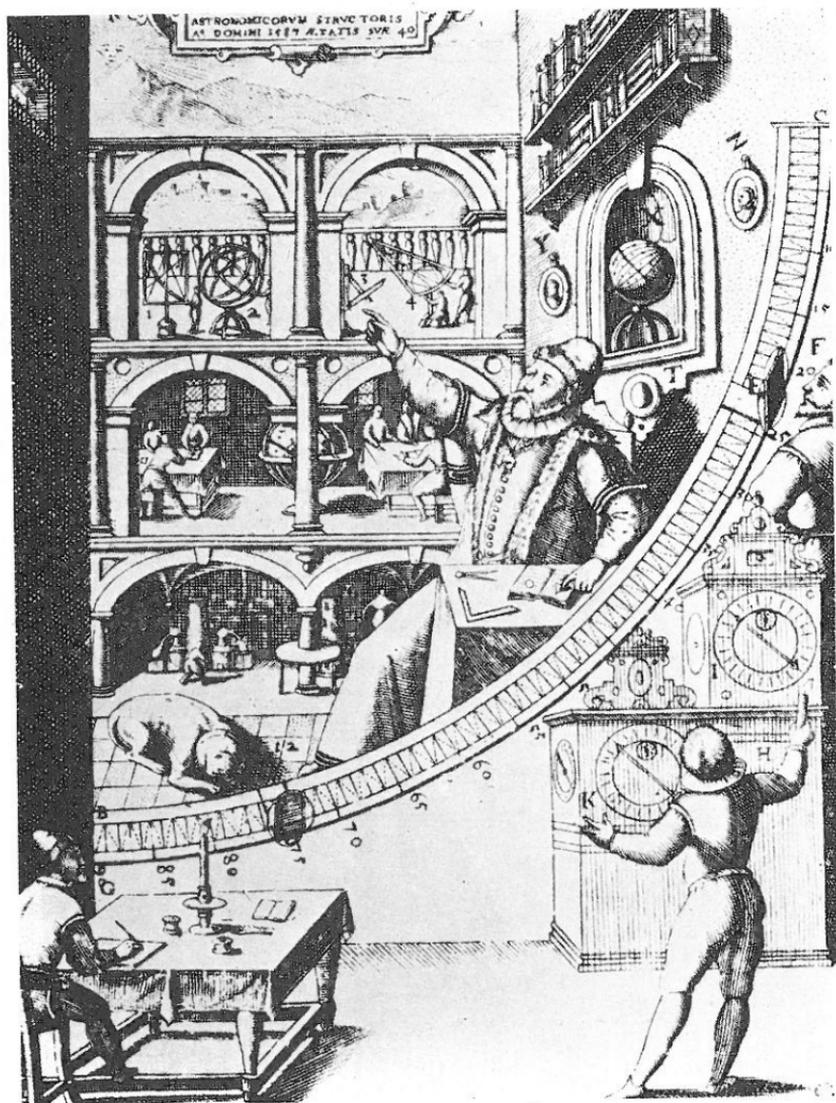


Ilustração do «Pequeno Alberto», representando os talismãs astrológicos para os sete dias da semana





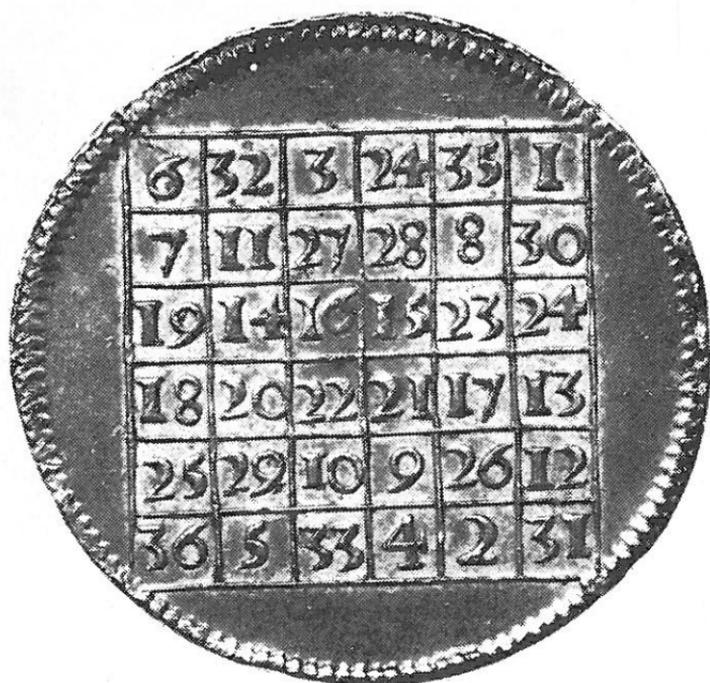
«Não procures no céu o teu futuro! No teu coração estão as estrelas do teu destino.» *Vaidade da astrologia*, Basileia, 1497



Tycho-Brahé no seu observatório. Gravura extraída da sua *Astronomiae Instaurae Mechanica*



Nostradamus



O talismã de Luís XIV

## Capítulo IV

### O SÉCULO XVII

#### Kepler e a astrologia

Afirma-se vulgarmente, ainda, que Kepler (1571-1630), o grande astrónomo — discípulo de Tycho-Brahé — a quem é devida a elaboração das três leis que regem as órbitas dos planetas em torno do Sol, durante toda a sua vida praticou a astrologia só por motivos mesquinhos: fazia horóscopos para angariar o sustento para si e para os seus. Não será esta imagem um tanto arbitrária? Devemos sempre evitar projectar no passado os nossos próprios imperativos científicos e racionalistas de homens do século XX. A realidade foi muito mais matizada (1).

Kepler não só nunca pôs em dúvida a possibilidade de elaborar temas de nascimento exactos, como também quis renovar a astrologia, desenvolvendo todo um sistema tradicional baseado na velha doutrina pitagórica da harmonia das esferas: cada planeta emite na sua órbita a sua música própria. Os aspectos planetários — para voltarmos ao problema do determinismo — agiriam não só sobre a Terra no seu conjunto (nomeadamente sobre a sua atmosfera), mas sobre todos os seres que nela se encontram reunidas, inclusive os homens.

---

(1) C. G. Jung e W. Pauli, *Natureerklärung und Psyche*, Zurique, Roscher Verlag, 1952. Ver, também, os três estudos acerca de *Kepler e a astrologia* (*La Tour Saint-Jacques*, n.º 4, Maio-Junho de 1956, pp. 62 e seguintes).

A maior obra de Kepler, as *Harmonices Mundi* (1), terminava com esta esplêndida prece:

«Do mesmo modo que há na Natureza sublunar um certo instinto visual ou análogo para perceber os aspectos, igualmente deve haver nela qualquer coisa de análogo para perceber as harmonias das esferas celestes, porque uma harmonia só deve existir para ser percebida. A luz não sai somente do Sol, mas uma harmonia do conjunto é-lhe devida.»

### **Astrólogos rosacrucianos**

Foi em 1604 que teria tido lugar, segundo os três manifestos rosacrucianos publicados na Alemanha por Jean-Valentin Andreae (1614-1615), a descoberta fatídica do túmulo de Christian Rosencreutz, o fundador lendário da fraternidade rosacruciana. Parece tratar-se aqui de um episódio *simbólico*, que caracteriza, efectivamente, o despertar exterior das actividades da sociedade secreta dos Rosa-Cruz, a instauração, na Europa, de um período de desenvolvimento, de extensão, de propaganda.

O Rosacrucianismo poderia ser caracterizado do modo seguinte: um conjunto de doutrinas, de práticas, de ritos simbólicos inspirados no símbolo tradicional da *Rosa-Cruz* (a Rosa sobre a Cruz) e formando um sistema iniciático que se propunha como objectivo a reintegração, a regeneração da humanidade — individual e colectivamente.

Entre os membros da fraternidade rosacruciana nos começos do século XVII, a astrologia gozava de grande reputação, constituía para eles uma das componentes indispensáveis das ciências herméticas tradicionais.

---

(1) Ver a tradução francesa por Francis Warrain, Paris, Hermann, 1942, 2 volumes.

Eis, extraído do «Terceiro Dia» das *Bodas químicas de Christian Rosencreutz*, de Andreae (1616), um episódio ritual bem revelador (1):

«Em seguida, fizeram-nos visitar o interior do Globo, onde entrámos da maneira seguinte: no espaço representando o mar e que ocupava, naturalmente, muito lugar, encontrava-se uma placa com três dedicatórias e o nome do autor. Esta placa erguia-se com facilidade e descobria a entrada pela qual se podia penetrar até ao centro baixando uma prancha móvel; havia lugar para quatro pessoas. No centro, não havia mais do que uma prancha redonda; mas, quando lá se chegava, podiam contemplar-se as estrelas em pleno dia — todavia, nesse instante, era já escuro —, creio que eram puros rubis que realizavam em ordem o seu curso natural e essas estrelas resplandeciam com uma tal beleza que eu não podia desligar-me desse espectáculo.»

O Rosacruzianismo europeu contará um astrólogo de grande renome na pessoa do médico alquimista inglês Robert Fludd (1574-1637) (2). Definia, assim, a astrologia: «a ciência da adivinhação pelo aspecto da harmonia celeste e o jogo dos elementos sublunares.»

Dividir-se-ia em duas grandes partes: a astrologia «natural» e a astrologia metódica dos talismãs e pentágonos estrelados protectores.

Mas, aos olhos de Fludd, a astrologia forma uma das ciências tradicionais cujo conjunto constitui o edifício mais coerente que se possa conceber. Robert Fludd escreveu uma extraordinária enciclopédia rosacruziana em latim, *Utriusque Cosmi Historia* («História de um e do outro Mundo» — isto é, do Macrocosmo e do Microcosmo, do Universo e do Homem), abundantemente ilustrada de muito belas estampas simbólicas. Um dos frontispícios, por exemplo,

---

(1) Citamo-lo segundo a edição francesa de Auriger e Paul Chacornac, Paris, Chacornac, 1928.

(2) Suzanne Nelli, *Robert Fludd, astrólogo* (Cahiers Astrologiques, n.º 112, nova série, Setembro-Outubro de 1964, pp. 227-236).

representa o Homem, de braços e pernas abertos, inscrito num círculo e rodeado das esferas (planetárias e elementares) que influem sobre o corpo físico e o ser humano invisível. Tanto aos olhos de Fludd como aos de Paracelso e de toda a tradição hermética, reina uma correspondência analógica perfeita entre o conhecimento tradicional do Universo e o do homem: conhecer um destes dois livros (que deveriam estar em perfeita harmonia), é ficar em condições de conhecer *ipso facto* o outro. De onde a possibilidade de ver no homem todas as partes do mundo (materiais e psíquicas), como num espelho. Cada uma das partes do corpo humano encontra-se submetida às influências planetárias, de que Fludd elabora (depois de Paracelso) o quadro muito minucioso. A acção celeste sobre o mundo inferior, físico, opera-se pela junção das influências do planeta e do signo.

Fludd tem uma ideia muito elevada da astrologia, que considera como uma parte do edifício sagrado. «É pela revelação, diz ele, que os homens conheceram os astros e é pela cabala que conservaram esse conhecimento.»

Passagem que se poderia aproximar desta, extraída do prefácio dos *Três Princípios*, de Jakob Böhme:

«Benévolo leitor, comparo toda a filosofia, a astrologia, a teologia, acrescentando-lhes a fonte de que derivam, a uma bela árvore que cresce num jardim de delícias.»

Böhme, cujo sistema teosófico seria de aproximar do Rosacruzianismo, punha em correspondência as sete formas da Natureza divina com os sete planetas clássicos da astrologia.

## O talismã de Luís XIV

Quando o Rei Sol nasceu, a astrologia reinava ainda soberanamente nos espíritos.

É a Josèph Jacquot, conservadora do Departamento das Medalhas e Antiguidades da Biblioteca Nacional (Paris),

que se deve a revelação recente (1968) de um documento histórico bastante insólito: o talismã de Luís XIV. É certo que se sabia que o futuro Rei Sol, como todos os seus antecessores, tivera o seu horóscopo meticulosamente elaborado na altura do nascimento. Mas ignorava-se a dádiva feita à criança real de um tal talismã. No anverso deste encontram-se gravados os signos planetários do horóscopo real e, no reverso, um quadrado mágico perfeito (isto é, um conjunto de números dispostos em forma de quadrado e de maneira a obter o resultado numérico seguinte: a soma dos números é idêntica para cada linha horizontal, vertical ou diagonal). Este talismã fora elaborado especialmente para o jovem monarca; e Joseph Jacquot demonstrou a existência de uma chave de concordância entre as letras do alfabeto e os algarismos do quadro mágico.

No entanto, à medida que o século XVII avança, assiste-se ao descrédito crescente da astrologia nos meios científicos.

### **Descrédito científico crescente da astrologia**

Todos conhecem a fábula, de La Fontaine, *O astrólogo que se deixa cair num poço*, de que citamos os versos célebres:

*Um astrólogo, certo dia, deixou-se cair  
No fundo de um poço. E disseram-lhe: Grande tolo,  
Se mal podes ver onde pões os pés,  
Como te atreves a decifrar o que não enxergas?*

O fabulista considerava a astrologia como o protótipo das «falsas ciências» (para falar a linguagem racionalista moderna), verdadeira mina de ouro para os charlatães de baixo estofa: «Charlatães, fazedores de horóscopos, abandonem as cortes dos príncípios da Europa.»<sup>(1)</sup> La Fontaine

---

<sup>(1)</sup> *Fábulas*, livro II, fábula 13.

exprimiam muito bem a evolução, nos meios cultos franceses, da atitude geral a respeito da astrologia: sem qualquer dúvida, o meio do grande século marca a época, em França e nos outros países europeus, em que a astrologia e a astronomia deixarão definitivamente de estar ligadas.

Galileu ainda acreditava na adivinhação astral, a ponto de elaborar numerosos temas: em 1609, elaborou o horóscopo do seu protector, o grão-duque da Toscana, a quem predisse uma vida longa — garantia temerária, pois a alta personagem morreu semanas depois! Em 1650, a situação mudou por completo: daí por diante, nenhum astrónomo — com excepção de Flamsteed, criador do Observatório de Greenwich — acreditará mais na astrologia (1).

Em 1666, aquando da criação da Academia das Ciências, Colbert excluirá a astrologia das disciplinas oficialmente reconhecidas.

Um decreto de 31 de Julho de 1682, assinado por Luís XIV, proscreeve em todo o reino a impressão e a difusão dos almanaques astrológicos, aliás sem grande sucesso prático. Além-Mancha, os adversários da astrologia encarnam-se contra ela: é assim que Jonhatan Swift (1667-1745), o autor das *Viagens de Gulliver*, excitará o riso popular contra o seu compatriota o astrólogo John Partridge, descrito sob o pseudónimo de «Isaac Bickerstaff».

Também nos meios eclesiásticos se desenvolve, no século XVII, cada vez mais, uma atitude de completa desconfiança, e até de nítida condenação, a respeito da astrologia.

Jeremy Taylor, bispo anglicano, sistematizará, assim, a sua atitude:

«Proibir qualquer homem de deixar as suas esperanças vogar para o futuro, para os acontecimentos longínquos e para as contingências acidentais.»

---

(1) Podemos perguntar-nos se, mesmo hoje, um questionário verdadeiramente *secreto* e *confidencial* enviado aos astrónomos não revelaria surpresas. Enquanto uma resposta afirmativa *pública* à pergunta: «Acredita na astrologia?» exporia o seu autor não só a troça, mas, também, a graves aborrecimentos profissionais.

E encontrar-se-ia uma atitude análoga no clero católico da época.

E, contudo ...

Naturalmente, esta evolução gradual nas reacções dos meios europeus cultos não é o dobre a finados da velha crença nas predições astrológicas. Verificar-se-ia isso a nível popular: os calendários astrológicos continuarão a vender-se; ver-se-á, até, o almanaque *Vox Stellarum* («A Voz das Estrelas»), criado pelo astrólogo inglês Francis Moore (1657-1715), continuar a ser publicado até 1896. O mesmo se verificaria ao nível das *élites* cultas: no grande século, são numerosas as altas personagens que acreditam na adivinhação planetária, a ponto de terem ainda o seu astrólogo pessoal. Verificar-se-ia isso, ainda, ao nível de alguns autênticos sábios. Não se vê, acaso, o astrónomo real Flamstead (1646-1719) fundar o Observatório de Greenwich (nos arredores de Londres), elaborando minuciosamente o horóscopo do momento mais favorável? Um amigo de Flamstead, o ilustre Isaac Newton em pessoa, autor da *Principia Mathematica* (1687), não hesitará em declarar, falando da astrologia ao astrónomo Halley (céptico, este), que descobriu o cometa que tem o seu nome: «Eu estudei o assunto, Mr. Halley, e o senhor não.» (1)

Aos olhos de Newton (que descobriu as leis astronómicas da gravitação universal), qualquer fenómeno físico (incluindo os planetas e as estrelas) encontra-se submetido a leis universais. Daí, para ele, o carácter perfeitamente razoável da astrologia.

Na segunda metade do século XVII, encontram-se ainda astrólogos profissionais muito célebres. Na Grã-Bretanha, por exemplo, poderiam citar-se diversos nomes ilustres. Os de John Gadbury (1627-1692), de George Wharton

---

(1) «I have studied the subject, Mr. Halley, you have not.»

(1617-1681), de John Partridge (1644-1715), de John Casey — autor do *Guia Angélico* (1), de John Heydon, filho de *sir* Christopher Heydon (2). Mas o astrólogo britânico mais célebre do século XVII foi, sem contestação, William Lilly (1602-1682), autor de uma muito volumosa *Astrologia cristã*, com mais de 800 páginas.

Em 1651, Lilly anunciara grandes desastres para a Inglaterra, que simbolizava pelos Gémeos (segundo ele) o signo zodiacal atribuído à cidade de Londres. Tais desastres deveriam produzir-se em 1666: ora; foi justamente nesse ano que se deu o grande incêndio que destruiu a maior parte da velha capital inglesa.

Outro astrólogo inglês célebre do grande século: o médico Nicolas Culpeper, que, como bom discípulo de Paracelso, atribuía as propriedades terapêuticas das plantas à influência dos planetas.

Em França, a astrologia teve um nome ilustre na pessoa de Jean-Baptiste Morin (1583-1656), nascido em Villefranche, e daí o nome pelo qual é, sobretudo, conhecido: Morin de Villefranche professor de matemáticas no Colégio de França. Deixou um volumoso tratado póstumo em latim, *Astrologia Gallica* (Haia, 1661), cujo prestígio entre os astrólogos profissionais não foi desmentido até aos nossos dias. Aos olhos de Morin, as influências celestes são causas universais; a sua acção sobre um determinado indivíduo depende dos *aspectos* que se apresentam, ao nascimento, entre as casas astrológicas e os astros. Para estabelecer predições astrológicas exactas, é necessário conhecer a natureza e o estado celeste de cada um dos planetas, o signo zodiacal em que se desloca, a sua posição em tal ou tal casa astrológica, enfim, as suas relações com os outros planetas. Contemporâneo de Morin, o padre capuchinho François Yves

---

(2) *The Angelical Guide* (1697).

(3) John Heydon predissera que Oliver Cromwell seria enforcado: quando o Lorde Protector morreu ... na cama, toda a gente riu. Ora, na Restauração (1660), o Parlamento ordenou que fosse desenterrado e enforcado (o que foi feito) o cadáver do regicida!

(1593-1687), escrevendo sob o pseudónimo de *Franciscus Allaeus*, publicara, em 1654, uma obra intitulada *Fatum Universi* («O Destino do Universo»), em que se esforçava por prever os grandes acontecimentos destinados a produzirem-se na França e na Inglaterra. Este livro foi julgado inoportuno e perigoso, a ponto de o Parlamento de Rennes o ter mandado queimar, e de a Sorbonne ter ordenado a apreensão de todos os exemplares.

Na segunda metade do século XVII, o conde de Bou-lainvilliers, antigo militar, grande admirador da filosofia de Espinoza, não hesitará em apresentar-se como astrólogo convicto. Cedamos-lhe a palavra:

«Pode-se, pela ciência das estrelas, conhecer o temperamento dos que nascem, e assim considero que os astros são dignos e não causas de diversos temperamentos.»

Encontra-se sempre, em suma, o famoso adágio: *astra inclinant, non necessitant* («os astros orientam, não determinam»).

No século XVII, a Itália conhecerá toda uma escola de astrólogos entre religiosos. Citemos o padre Placidus de Titis (1603-1668), o padre jesuíta Giambattista Riccioli (1598-1671), que se consagrou a calcular com precisão todas as conjunções planetárias do ano 3980 antes da era cristã ao ano 2358 depois de Cristo (1).

Citemos, igualmente, entre os astrólogos italianos desse período, Bonatti, professor na Universidade de Pádua (2), e Tattoni, médico municipal de Terni e ardente defensor da astrologia médica (3).

---

(1) Se, nas obras de história das ciências, se presta, muito justamente, homenagem aos trabalhos do padre Riccioli acerca da queda dos corpos e outros domínios científicos, é deixada pudicamente em silêncio a sua crença tão segura na astrologia!

(2) Autor, em 1687, de uma *Universa astrosophia naturalis*.

(3) Autor da importante obra: *Il medico astrologo o vera apologia medicofisica astrologo contra il volgo* (1685).

O SÉCULO XVIII

**Um século céptico?**

Pareceria à primeira vista inútil consagrar um capítulo, mesmo muito curto, à astrologia no «século das luzes». Não só Voltaire, com o maior desdém, recusará conceder o menor lugar à astrologia no seu *Dicionário filosófico* (1), como também a atitude geral exterior da época pareceria — de alto a baixo da escala social — completamente céptica a respeito da possibilidade de uma adivinhação pelos astros. Na sua *Ciência celeste da astrologia* (1790), Ebenezer Sibly deplora (citamos os seus próprios termos): «os preconceitos estúpidos da época contra a venerável ciência da astrologia».

É muito sintomática a observação de Luís XV, ao saber (2) que Madame de Pompadour mandara fazer o seu horóscopo para uma «feiticeira»:

«Seria necessário, para avaliar da verdade ou da falsidade de semelhantes predições, reunir uma cinquentena delas; ver-se-ia que são quase sempre as mesmas frases, que ora falham a sua aplicação, ora se refere ao objecto: mas que das primeiras não se falava e se falava muito das outras.»

---

(1) O pai do jovem Arouet havia mandado elaborar o horóscopo do bebé por Boulainvilliers. Voltaire não deixará de insistir nos erros do tema.

(2) O episódio é citado por Madame du Hausset, criada de quarto da favorita.

É do século XVIII que data a imagem clássica, tão popularizada — e totalmente falsa: nunca os astrólogos se vestiram dessa maneira —, do adivinho vestido de longo fato constelado de estrelas, e de chapéu pontiagudo na cabeça, igualmente constelado!

### Sobrevivência da astrologia

Seria, no entanto, um erro completo contentarmo-nos com a imagem estereotipada do século XVIII como «aurora do racionalismo científico». À medida que o século XVIII avança, não se verifica, pelo contrário, a existência particularmente persistente daquilo a que muito justamente se chamou «o inverso do século das luzes»? Em vésperas da Revolução Francesa e durante esta, são imensos os progressos do iluminismo — extremamente activo nas sociedades secretas rosacrucíanas e maçónicas desse período <sup>(1)</sup>. Limitemo-nos a citar a publicação, na Alemanha (1783), das *Figuras secretas dos Rosa-Cruz*, em que, na série destas estranhas estampas simbólicas, a correspondência entre os planetas da astrologia e as forças espirituais desempenha um papel capital.

Na sua *Origem de todos os cultos* (1794), Charles Dupuis reabilita o simbolismo astrológico.

Também com Louis-Claude de Saint-Martin se opera uma reabilitação completa da astrologia tradicional. Citemos, do «Filósofo desconhecido», uma passagem significativa — em que ele encarava a eventualidade (que as descobertas contemporâneas deviam confirmar plenamente) da localização de uma série de planetas <sup>(2)</sup> desconhecidos dos antigos. (A passagem seguinte é extraída de uma das últi-

---

<sup>(1)</sup> Assinale-se, por exemplo, a obra recente de Antoine Faivre sobre *Eckartshausen et la théosophie chrétienne*, Paris, Klincksieck, 1969.

<sup>(2)</sup> Além de urano, descoberto no fim do século XVIII.

mas obras de Saint-Martin, publicada em Paris em 1802, o *Quadro natural*.) Ei-la:

«Mesmo que actualmente o catálogo dos planetas ultrapassasse o número sete, a predominância de uma ou de outra destas sete formas da Natureza <sup>(1)</sup> não cessaria, por isso, de ter lugar em cada um destes corpos celestes; somente vários destes planetas poderiam ser constituídos de maneira a oferecer aos nossos olhos o cunho e a predominância das mesmas forma e propriedade. O número das funções não variaria. Só o número dos funcionários aumentaria, e isso, sem dúvida, em proporções que poderiam sempre ajudar a distinguir o grau dos diferentes funcionários empregados na mesma função, porque nem todos estariam, provavelmente, nos graus de uma igualdade absoluta, visto que a Natureza nada nos apresenta de semelhante.»

No fim do século XVIII um médico inglês, Ebenezer Sibly (1752-1799), não receará tentar uma reabilitação, em regra, da astrologia, numa obra — já atrás citada — publicada em 1790. Nela se encontram numerosos horóscopos pormenorizados incluindo os do rei Jorge III, da Inglaterra, e de Jesus Cristo, bem como os de acontecimentos colectivos, como a Independência americana.

---

(1) Não esquecer a influência de Jakob Böhme sobre Saint-Martin.

## Capítulo VI

### O SÉCULO XIX

#### Sobrevivência da astrologia

Há tendência para ver o século XIX como a época antiastrológica por excelência, com a definitiva libertação dos astrónomos em relação a qualquer pensamento reservado de possível utilização do seu estudo dos astros para fins divinatórios. Uma vez mais, sentimo-nos inclinados a projectar sobre os nossos antepassados as rigorosas exigências racionalistas que se tornaram as dos sábios do século XX. O simples exame das obras publicadas na primeira metade do século XIX bastaria, no entanto, para nos mostrar a coexistência, em paralelo com os tratados científicos mais rigorosos, de muitas especulações cosmológicas ambiciosas, concebidas de maneira muito atrevida (é o menos que se poderá dizer) a partir de dados adquiridos positivamente (1).

Evidentemente, tal como para as épocas anteriores, é preciso evitar a crença numa «cortina» interposta abruptamente entre uma e outras épocas, entre geração e a que se lhe segue: no começo do século XIX, existem, ainda, diversos homens activos nascidos durante a segunda metade do

---

(1) É o caso de uma curiosa e muito interessante obra de Isaac Ardan: *Essais de Philosophie Physique et Astronomique sur quelques phénomènes de la Nature et du globe*, Paris, Sautelet et Cie, 1826.

século precedente. Basta pensar em Goethe, ardente defensor da astrologia tradicional:

«Vim ao mundo em Francfort, diz-nos ele, a 28 de Agosto de 1749, à décima-segunda badalada do meio-dia. A constelação era propícia [...].» E continua oferecendo-nos todos os pormenores necessários do seu horóscopo.

Os maiores progressos do racionalismo científico, naturalmente, nunca poderão, segundo parece, eliminar a esperança ingénua e patética dos humanos de conhecer o futuro e, mais ainda, esperar poder condicioná-lo através de práticas «infalíveis» de magia. Eis o texto de um anúncio, bem significativo, publicado num jornal provinciano inglês, o *Cheltenham Free Press*, de 31 de Outubro de 1835:

«Objectos celestes tais como talismãs, símbolos astrológicos e amuletos, preparados segundo os verdadeiros princípios da magia divina e celeste, para a desapareição ou diminuição das influências malignas dos corpos celestes.»

Anúncios deste tipo terão sempre clientela ávida, e que está longe de se extinguir.

Não é menos exacto afirmar que, ao menos nos meios cultos, a primeira metade do século XIX coincidiu com um descrédito geral da astrologia: citámos, na Introdução desta obra, o divertido artigo *Astrologie* do pequeno *Dictionnaire des idées reçues*, de Gustave Flaubert, em que este se divertiu, maliciosamente, a reunir todos os lugares comuns e afirmações veementes dos franceses médios e pequenos burgueses nos salões provincianos dos anos 1840.

Facto significativo, Walter Scott — cujas obras se contavam (é preciso não o esquecermos) entre os grandes sucessos de livraria da época — havia projectado escrever um romance histórico cujo tema principal fazia alusão à astrologia; mas, rapidamente renunciou a esse projecto, pensando no descrédito geral da adivinhação astral entre os seus con-

temporâneos. Referindo, em 1829, esse projecto abandonado, escrevia:

«[...] parecia que a astrologia [...] já não mantinha, então, bastante influência sobre os espíritos na sua generalidade, nem que fosse para constituir a mola-real de um romance.»

Alarmando-se com os perigos do charlatanismo, o Parlamento britânico havia colocado os astrólogos fora da lei, cinco anos antes. Curiosamente (sem dúvida por causa de os adivinhos actuarem, de preferência, nas festas campestres e nas feiras), esta disposição encontrava-se englobada no *Acto sobre a vagabundagem!*

No entanto, a astrologia, embora desacreditada em relação ao público culto, continuava a subsistir, e não apenas entre os charlatães exploradores da credulidade pública. O inglês John Varley publicava, em 1828, o seu importante *Tratado de fisiognomia zodiacal*.

Em França, a astrologia tradicional manteve a sua importância para os grandes esoteristas da primeira metade do século XIX: Paul Christian <sup>(1)</sup>, Fabre d'Olivet, Balanche, Eliphas Levi (aliás, abade Constant) — entre outros — serão seus partidários convictos. Citemos estas linhas, muito significativas, de Ballanche:

«A astrologia é uma síntese, a árvore da vida, uma só árvore e os seus ramos, estendidos nos céus e segurando as flores de estrelas, correspondem às raízes que estão escondidas na terra.»

Bastava pouca coisa, de facto, para tornar possível o renovar europeu da crença na astrologia.

---

(1) Autor do livro *L'Homme rouge des Tuileries* (alusão à pequena personagem sobrenatural que Maria Antonieta e, depois, Bonaparte teriam visto), em que ele se esforçava por introduzir na astrologia a ciência cabalística dos números.

## O despertar da astrologia

Era de Inglaterra que devia vir esse renovar astrológico, graças aos esforços incansáveis de dois homens, tornados ilustres sob os pseudónimos bíblicos, respectivos, de *Zadkiel* e *Raphaël*; ainda hoje, almanaques astrológicos continuam a ser publicados na Grã-Bretanha sob estes pseudónimos.

Richard James Morrison, que devia tornar-se conhecido sob o pseudónimo de *Zadkiel*, nasceu em 1795; começando por ser oficial da Marinha Real, renunciou, em 1829, à sua carreira para se consagrar completamente à astrologia. Quanto ao seu contemporâneo *Raphaël*, era, efectivamente, o astrólogo William C. Wright. Pode-se dizer que é pela difusão crescente dos almanaques destes dois ingleses que a astrologia obtém a sua reabilitação na opinião pública, e tanto mais que ela visava, deliberadamente, apresentar-se, a partir de então, liberta do carácter «oculto» ligado outrora a esta arte. Esta tendência para a constituição de uma astrologia «científica» acentuar-se-á na segunda metade do século XIX. Sempre em Inglaterra, Alan Leo (1860-1917) — W. F. Allen, de seu nome verdadeiro — fundou, em 1896, a primeira grande revista «científica» de astrologia: *Modern Astrology*; o seu livro «1001 nativities» («1001 horóscopos») teve imenso sucesso e permaneceu, até hoje, um manual prático muito considerado. Alan Leo terá émulos muito numerosos entre os seus compatriotas; citemos Walter Richard Old, mais conhecido pelo seu pseudónimo, *Sepharial*.

A segunda metade do século XIX verá a astrologia «científica» espalhar-se não somente no mundo anglo-saxónico, mas também nos outros Estados ocidentais.

Em França, é o comandante Paul Choissnard (1867-1930), antigo politécnico, quem, primeiro sob o pseudónimo *Paul Flambarde*, depois com o seu verdadeiro nome, ilustrará esta tendência. Na sua obra principal, *Le langage astral*, publicada em 1902, mas que reunia os resultados obtidos ao fim de numerosos anos de pacientes pesquisas esta-

tísticas, tentava provar cientificamente, através do cálculo das probabilidades, a realidade das predições astrológicas (1).

Entre os outros astrólogos franceses da «Belle Époque», citemos o abade Charles Nicoullaud (1854-1925), vigário de uma importante paróquia parisiense; é sob o pseudónimo *Fomolhaut* que se publicam os seus trabalhos astrológicos, especialmente o seu grande *Traité d'Astrologie sphérique et judiciaire* (1897), onde se encontrava, pura e simplesmente (pág. 316), a incontestável prefiguração de uma descoberta astronómica moderna:

«Para além da órbita de Neptuno, há um planeta, cujo nome é Plutão.»

Ter pressentido o próprio nome que seria dado ao planeta transneptuniano é, pelo menos, tão extraordinário como a previsão dessa mesma descoberta! O abade Charles Nicoullaud, aliás «Fommalhaut», era uma personalidade muito curiosa, tendo consagrado esforços incansáveis à decifração metódica das *Centúrias* de Nostradamus, nas quais ele (realista convencido) via inscrito o anúncio da chegada do futuro *Grande Monarca*, chamado a salvar a França (2).

Todos os astrólogos do século XIX e do seu prolongamento estiveram longe de se preocuparem, apenas, com a forma científica da sua arte. Numerosos, entre eles, tentaram, pelo contrário, situar o renovo astrológico nas perspectivas tradicionais. Fora já o caso de Paul Christian (Jean-Baptiste Pitois, de seu nome verdadeiro) (1811-1877), autor de *L'Homme rouge des Tuileries*; será, também, o caso de toda uma série de glórias ocultistas da «Belle Époque»: o «doutor Ely Star», aliás Eugène Jacob (1847-1942); F. Ch.

---

(1) Lembremos que, se, cronologicamente, o século XIX terminou em 1900, 1914 devia, humanamente falando, marcar para o historiador um verdadeiro limite abrupto entre dois períodos históricos.

(2) O abade Nicoullaud tinha, também, a ideia fixa de um maquiavélico «complot» maçónico universal: juntamente com monsenhor Jouin, fundou a *Revue Internationale des Sociétés Secrètes*.

Barlet, aliás Albert Faucheux (1838-1921); Abel Haatan, aliás Abel Thomas (que possuía uma farmácia na Rua de Abaukir, em Paris); Papus, aliás o Dr. Gérard Encausse (1865-1916), reorganizador da Ordem Martinista.

Muitos astrólogos deste período pertenciam, é preciso insistir, a uma das organizações espiritualistas que se desenvolveram no decurso da «Belle Époque»: a Sociedade Teosófica, fundada em 1875 por madame Blavatsky; a Ordem Martinista de «Papus»; diversas organizações rosacruicinas, etc.

Na Alemanha, seria necessário citar o nome de Karl Kiesewetter (1854-1895), reputado ocultista, falecido prematuramente.

## Capítulo VII

### O SÉCULO XX

#### **Imenso impulso popular da astrologia**

No começo do último século, o astrónomo e matemático Laplace podia proclamar de boa-fé:

«A astrologia aguentou-se até ao fim do penúltimo século (referia-se, evidentemente, ao século XVII), época na qual o conhecimento geralmente divulgado, do verdadeiro sistema do mundo, a destruiu para sempre.»

No entanto, e apesar da generalização da imagem copérnica do mundo (o Sol, e não a Terra, tomado como centro do nosso sistema planetário), a astrologia não estava, de maneira nenhuma, votada à desapareição. Bem pelo contrário, longe de ser algo de efémero, o espectacular renascimento da astrologia durante a «Belle Époque» não devia cessar de se acentuar à medida que corriam os anos do século XX. Primeiramente circunscrita a um público culto, numeroso mas ainda restrito, a astrologia não devia tardar a captar a atenção das massas. Porquê uma tal predilecção colectiva aumentando progressivamente?

Eis as justas observações feitas por um dos actuais mestres franceses da astrologia, André Barbault, num pertinente estudo publicado em 1956 (1):

---

(1) *Bilan de l'Astrologie (La Tour Saint-Jacques, n.º 4, Maio-Junho de 1955, pp. 8 e 9).*

«Este renovo contemporâneo pode ser explicado, em grande parte, pelo retorno generalizado ao irracional, que se faz acompanhar de um desprender das superstições. Este incontestável recuo do espírito é inerente à insegurança em que vive o mundo moderno, sujeito a revoluções, guerras mundiais, agitações: a previsão do futuro é uma necessidade profunda da alma angustiada.»

Não é necessário ser-se grande perito em matéria de psicologia normal e patológica para dar-se conta de que o lancinante desejo humano de conhecer o futuro (com a secreta esperança de ver nele despontar coisas mais agradáveis do que as da triste realidade vivida no momento) é mais acentuado nas épocas de grandes confusões colectivas do que nas épocas mais calmas.

O começo do século XX havia visto o sucesso crescente dos livros e revistas astrológicos especializados, dos cursos e escolas especialmente votados ao estudo desta arte (1).

Alguns anos antes da Segunda Guerra Mundial, o «fakir Birman» (que era, na realidade, um francês) (2) havia tido a ideia genial de publicar os seus horóscopos quotidianos, preparados para os nativos de cada um dos signos do Zodíaco, num jornal parisiense de grande tiragem; o sucesso foi imediato e estrondoso, pelo que o mesmo processo passou a ser utilizado, em grande escala, em todo o mundo, por inúmeros praticantes. Mas a astrologia comercial não podia deter-se num caminho tão bom: não contente com colocar ao seu serviço a grande imprensa diária ou semanal, utilizará as técnicas mais modernas (3). Após a imprensa, viram-na, então, utilizar a rádio e depois a televisão.

---

(1) Não citaremos mais do que um exemplo: *A École des Sciences Astrologiques (historiques, rationnelles, expérimentales et appliquées)*, fundada por Henri Candiani, em 1935, no n.º 15 da Rue du Sommerad, Paris.

(2) Ver as suas Memórias: *Fakir Birman, Mes souvenirs et mes secrets*, com prólogo de Marice Garçon, Paris (Armand Fleury), 1946.

(3) São raros, no mundo ocidental, os órgãos de informação de grande tiragem que não possuem rubrica astrológica.

Último aperfeiçoamento: o horóscopo estabelecido, em tempo «record», pelo ordenador electrónico. Eis o texto da circular que nós recebemos, tal como outras pessoas, datada de 13 de Junho de 1968:

«Caro senhor:

De sábado 15 a domingo 23 de Junho de 1968, uma demonstração de astrologia electrónica ASTROFLASH será efectuada num ordenador I. B. M. 360-30, instalado, a título excepcional, no salão de exposições Simca, Avenida dos Campos Elísios, 136, Paris, 8.º Esta experiência sem precedentes prosseguirá, todos os dias, sem interrupção, das 12 e 30 à meia-noite.

Partindo de uma data de nascimento (dia, hora e lugar), o aparelho calculará os dados astronómicos da carta do Céu e, em função da posição dos planetas no céu natal, traçará, diante de si, um retrato psicológico individualizado não ocupando menos de sete grandes folhas (texto em francês, conforme o pedido).

Talvez o senhor seja céptico acerca da veracidade das análises astrológicas. Desta maneira, oferecemos-lhe a possibilidade de verificar o seu fundamento, em relação a si próprio, aos seus parentes ou, eventualmente, a outras personalidades [...]

ANEXOS: Caderneta de vales para cinco horóscopos.

Folha de pedido de certidão de nascimento à secretaria da Administração Municipal.»

A leitura da rubrica «astrologia» nas páginas de anúncios de «ciências ocultas» publicadas em numerosos semanários franceses de grande tiragem já permitiria ao especialista obter um quadro de conjunto, muito concreto, das diversas tendências entre as quais se repartem os astrólogos profissionais contemporâneos: os que se pretendem científicos a todo o custo e os que permanecem fiéis às tradições; os que fazem «trabalho em cadeia» (horóscopos realizados em série) e os que se sujeitam, pelo contrário, a traçar minu-

ciosamente o tema de nascimento individual dos clientes, tendo em conta as indicações mais precisas — trabalho nada fácil e que se revela fastidioso.

### **Astrologia comercial, científica e tradicional**

Existe uma astrologia puramente comercial, trabalhando apenas em série e utilizando facilmente, para assegurar uma publicidade eficaz, os ardis mais desavergonhados a fim de captar a atenção dos espíritos incrédulos: apelo à persistente fascinação imaginativa do grande público pelo Oriente misterioso (faquires hindus ou tibetanos, mais ou menos «autênticos», etc.), ou, pelo contrário, sábio apelo ao prestígio das ciências e das técnicas actualizadas. Embora constitua, afinal, uma realidade psicológica e social inegável, vamos deixá-la de lado para encarar, apenas, as formas superiores da profissão astrológica, tal como é hoje exercida.

Em linhas gerais, os verdadeiros astrólogos actuais podiam dividir-se em duas grandes tendências: os que reclamam, sobretudo, critérios estritamente científicos, a exemplo de Choisnard e das suas pesquisas estatísticas; os que, pelo contrário, reclamam uma concepção tradicional da astrologia — de onde deriva a sua desconfiança em relação às iniciativas muitas vezes ousadas, aos seus olhos, da primeira escola <sup>(1)</sup>. Os astrólogos tradicionais (confrontar as afirmações de Alexandre Volguine, no n.º 137, Novembro-Dezembro de 1968, pp. 601-605, da nova série da revista *Les Cahiers Astrologiques*) crêem — é uma das suas maiores objecções — que a preocupação dos «científicos» de acumular o maior número possível de temas de nascimento no tempo mais curto conduziu (com a intenção, muito legítima, de provar estatisticamente a realidade das influências

---

(1) Sendo a mais recente os horóscopos electrónicos, criados, pela primeira vez, a 16 de Novembro de 1967, sob a égide do magazine feminino alemão «*Constanze*», de Dusseldorf.

astrais) à máxima redução dos cálculos minuciosos, enquanto o astrólogo devia, pelo contrário, segundo eles pensam, tirar de um horóscopo o máximo possível de indicações muito precisas.

No século XX ainda existem astrólogos tradicionais e, de entre eles, alguns chegam a intitular-se condutores de organizações iniciáticas. Dois dos animadores contemporâneos de movimentos colocados sob o simbolismo da Rosa-Cruz, H. Spencer Lewis (1) e Max Heindel, foram, aliás, eminentes astrólogos.

Ainda hoje, o esoterismo fez apelo a um conhecimento preciso do simbolismo astrológico. A propósito, citamos uma bela passagem do livro, excelente, de J. C. Salémi, *Tabernacle et Chandelier* (2):

«Os sete pontos de cada braço do candelabro (3) correspondem aos sete planetas: Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vénus, Saturno e, por conseguinte, aos sete dias da semana: domingo, segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira e sábado. O semicírculo de cada braço, combinado no invisível, dá 12 pontos do Zodíaco: Carneiro, Touro, Gémeos, Caranguejo, Leão Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário, Peixes. E Moisés dá-nos as pedras preciosas correspondentes: Sardónica, Topázio, Esmeralda, Rubi, Safira, Diamante, Opala, Ágata, Ametista, Crisólito, Ónix, Jaspe [...]. Elas correspondem às doze tribos de Israel e também aos doze apóstolos de Cristo. São, igualmente, os doze meses do ano. Os principais dados astrológicos e astronómicos encontram-se, portanto, ali.» Perenidade da antiga fascinação pela Numeralogia.

---

(1) Primeiro «Imperator» da Ordem rosacruziana Amorc no seu presente ciclo de actividade. Consagrou-se, especialmente, ao estudo dos ritmos e ciclos da existência humana (ver o seu livro *La Maîtrise de soi et du Destin avec les cycles de la vie*) (Villeneuve Saint-Georges, Éditions Rosicruciennes, 1960).

(2) Éditions «Ondes Vives», Saint-Leu-la-Forêt, 1968, § 116, p. 118.

(3) Trata-se do grande candelabro de sete braços (*Menora*, símbolo oficial do Estado de Israel) que se encontrava no Templo de Jerusalém.

Difícilmente se conceberiam, em pleno século XX, os terrores colectivos que se produziam, outrora, à aproximação das conjunções planetárias consideradas particularmente maléficas. Houve, no entanto, um esboço (e não apenas na Índia) aquando da conjunção excepcional de vários planetas (comparável à que teria marcado o nascimento de Jesus) em 5 de Fevereiro de 1962. Mas tratar-se-ia de um sinal anunciador do verdadeiro «fim do mundo» — ou, antes, da passagem de uma era zodiacal (a dos Peixes) à seguinte (a do Aquário), em que teríamos entrado nessa altura? O problema merecia ser abordado, parecendo-nos a segunda possibilidade bem mais válida, dentro das perspectivas esotéricas tradicionais.

### **A astrologia na Segunda Guerra Mundial**

O capítulo mais curioso na história da astrologia contemporânea é, sem qualquer dúvida, o que trata do seu papel nas propagandas dos dois campos adversos, durante a Segunda Guerra Mundial.

Conhece-se a famosa passagem de *Mein Kampf* em que Adolfo Hitler dá à propaganda o cínico conselho: «colocar o seu nível espiritual no limite das faculdades de assimilação do mais acanhado entre aqueles a quem ela se deve dirigir». O seu ministro Goebbels saberá tirar maravilhosas conclusões práticas deste conselho e jogar, muito habilmente, no que diz respeito às multidões e aos indivíduos, com as correntes susceptíveis de tocar a sensibilidade popular. Eis o que escrevia Goebbels, no seu «Diário», a propósito de um possível recrutamento dos astrólogos no campo do Terceiro Reich:

«Nos Estados Unidos, os astrólogos põem mãos à obra e predizem um fim prematuro do Führer. Nós conhecemos bem esse género de propaganda, por nos termos servido dela muitas vezes [...]. Vamos, então, enquadrar nos nossos serviços todos os especialistas de profecia de todos os géneros. Nostradamus deve autorizar-nos a citá-lo uma vez mais.»

O cínico ministro hitleriano da propaganda parecia revelar-se totalmente incrédulo em matéria de profecias e de adivinhação, não hesitando em jogar sabiamente essa carta «oculta». Em compensação, a maioria dos outros dirigentes nazis, o próprio Hitler, Himmler, Rosenberg, Rudolf Hess, tinham fé total nas artes divinatórias; mais ainda, foi possível trazer à luz do dia os estranhos laços do nazismo com toda uma série de sociedades secretas reclamando-se prestigiosos segredos iniciáticos da raça ariana. W. Hagen conta, no entanto, que Heydrich teria aproveitado a fuga de Hess para Inglaterra para fazer internar todos os adivinhos e astrólogos do Reich em campos de concentração, de onde Himmler os faria sair, mais tarde, para que eles revelassem o lugar, tido como secreto, em que se encontrava preso Mussolini.

Louis Pauwels e Jacques Bergier <sup>(1)</sup>, mais recentemente André Brissaud <sup>(2)</sup>, fizeram — segundo documentos autênticos apreendidos nos arquivos secretos nazis, em 1945 — fantásticas revelações acerca das raízes tão resolutamente irracionalistas, mágicas e «proféticas» da ideologia nazi.

A estranha fuga de Rudolf Hess para Inglaterra, a 10 de Maio de 1941, explicar-se-ia, também, facilmente, num certo contexto: este dirigente nazi, particularmente interessado em esoterismo e astrologia, pode muito bem ter tido a ideia «messiânica» de querer realizar uma paz separada com a Inglaterra, operando contactos com as sociedades secretas rosacruccianas (ligadas com a «Golden Dawn») de que havia ele próprio feito parte <sup>(3)</sup>. Numerosos historiadores contam que Hess só teria partido para Inglaterra depois de receber informação favorável do seu astrólogo ou vidente particular.

---

(1) *Le Matin des Magiciens*, 3.<sup>a</sup> parte, Gallimard, éditeur.

(2) *L'Ordre Noir*, Paris, Librairie Académique Perrin, 1968.

(3) Talvez quisesse estabelecer contacto com Aleister Crowley (de quem Churchill — dizia-se — havia obtido o famoso sinal de vitória, os dois dedos em V).

De qualquer modo, e por estranho que isso possa parecer ao historiador, a astrologia foi, pura e simplesmente, arrolada pelos serviços secretos alemães, como pelos das potências anglo-saxónicas. Ellic Howe, na sua importante obra *O Mundo Estranho dos Astrólogos* (1), revela todos os pormenores desta inacreditável guerra secreta de adivinhos, em que se conjugaram a crença sincera na astrologia e a exploração cínica da credulidade das massas.

Ellic Howe fez, enfim, luz acerca do homem que foi chamado, muito abusivamente, «o astrólogo de Adolfo Hitler» Karl Ernst Krafft. Nascido em Bâle, em 1900, Krafft fez bons estudos na Suíça (1919-1923) e, rapidamente apaixonado pela astrologia, teve a ideia (continuando, assim, os trabalhos franceses de Choisnard e da sua escola) de utilizar a estatística para fundar cientificamente a validade prática das predições pelos astros (2). Ao mesmo tempo, apaixonava-se pela psicanálise, pela caracterologia e pela fisiognomonia — disciplinas que se esforçará por introduzir na astrologia, desenvolvendo uma nova ciência sintética: a tipocosmia, de que codificará os princípios no seu importante *Tratado de Astrobiologia*, publicado no começo da Segunda Guerra Mundial (3).

Embora fosse suíço, Krafft sentira-se muito cedo fascinado pela ideologia nacional-socialista: fez estadas cada vez mais frequentes na Alemanha, onde acabou por se estabelecer definitivamente (na altura da declaração de guerra, instalou-se na Floresta Negra). Havia conhecido uma das «eminências pardas» ocultas do nazismo, o barão Rudolf von Sebottendorf. Foi no final de 1939 que Krafft conheceu bruscamente a celebridade na Alemanha nazi. Com efeito, havia escrito a um dos seus amigos nazis, o Dr. Fiesel, que o estudo do tema de Adolfo Hitler lhe mostrava

---

(1) Tradução francesa para Robert Laffont, Paris, 1968.

(2) Os seus trabalhos receberam a aprovação do Dr. Liebmann Hirsch, professor na Universidade de Genebra.

(3) Também se apaixonou pelo estudo das profecias de Nostradamus.

risco certo de atentado contra este nos dez primeiros dias de Novembro de 1939. E, precisamente, na Bürgerbrau de Munique (1), uma bomba explodirá a *9 de Novembro de 1939*, alguns minutos após a precipitada partida do Führer (que, normalmente, devia encontrar-se aí, tendo sido salvo mesmo à justa). Inicialmente, acusou-se Krafft de cumplicidade no atentado, mas a sua inocência surgiu bem depressa e foi o começo de um favor crescente da astrologia junto dos dirigentes hitlerianos. No fim do mês de Dezembro de 1939, Krafft é mesmo chamado a Berlim, oficialmente, e encarregado de estudar as profecias de Nostradamus, a fim de nelas descobrir o anúncio final do triunfo da «Nova Ordem». O seu livro acerca do mago provençal será publicado com o subsídio do Gabinete de Himmler, chefe supremo das S. S. e apaixonado por todas as pesquisas «ocultas» ou «mágicas».

Infelizmente, a rocha Tarpeia estava, como muitas vezes acontece, bem próxima do Capitólio para Krafft! A fuga imprevista de Rudolf Hess, esse grande protector dos astrólogos alemães, tornou estes «a priori» suspeitos da Gestapo. Krafft havia tido, também, a louca imprudência de continuar laços epistolares, através do subterfúgio (bem depressa descoberto) de correspondentes estabelecidos em países neutrais, com amigos astrólogos do campo contrário: a 12 de Junho de 1941, acusado de espionagem, será aprisionado e condenado à deportação. Transferido, no Natal de 1944, para o sinistro campo de Oranienburg, morre a 8 de Janeiro de 1945, durante a transferência para o campo de Buchenwald. Assim terminava a carreira estranha deste grande astrólogo contemporâneo, que havia (entre outras profecias, rigorosamente exactas) afirmado que Hitler conheceria, em 1940, *o ponto mais alto da sua carreira*.

Do lado dos Aliados, os serviços secretos haviam feito apelo a um astrólogo húngaro, antinazi, estabelecido em Lon-

---

(1) Cervejaria onde, em cada ano, se celebrava o aniversário do juramento de Nuremberga.

dres e naturalizado britânico: Louis de Whol, nomeado capitão do Intelligence Service, para baixar o moral dos Alemães, teve a ideia maquiavélica de fazer circular interpretações derrotistas de certas quadras das *Centúrias* de Nostradamus — contrariando, assim, a ideia (oposta) dos serviços de Himmler.

TERCEIRA PARTE

*Balanço humano  
da astrologia*

## Mecanismos de previsão astrológica

Antes mesmo de nos interrogarmos sobre a possibilidade de fazer reais previsões astrológicas, poderia tornar-se interessante interrogar, primeiramente, os praticantes desta arte.

Com efeito, a previsão astrológica reduzir-se-ia completamente a pôr em evidência, mecanicamente, os factores objectivos — neste caso, a influência exercida pelos movimentos dos corpos celestes no nascimento de todo o ser humano? O facto significativo seria, sem dúvida, este: diante exactamente do *mesmo* horóscopo, diferentes astrólogos chegarem — ainda que em caso de acordo essencial sobre as linhas principais de destino do indivíduo — a interpretações, a «leituras» diferentes deste tema; isso deixaria supor a intervenção nas previsões de um factor subjectivo, variável segundo os praticantes em questão. Encontrar-se-ia, portanto, a propósito da astrologia, o mesmo problema que se vê na prática da radiestesia (supondo, naturalmente, que os resultados sejam válidos num e noutro caso): a adivinhação é explicada, então, por factores externos (influências físicas, «ondas», etc.) ou por factores internos ao sujeito? Os casos concretos fariam, sem dúvida, intervir (se se adopta uma hipótese sintética, tendo em conta dois factores) os dois elementos em proporções variáveis, segundo as situações, segundo os adivinhos.

Mas o postular de um determinismo astrológico, de uma possibilidade, portanto, de obter previsões exactas por este meio divinatório, terá um sentido positivamente concebível? Deixaremos, evidentemente, de lado a astrologia de feira ou puramente comercial, a dos horóscopos prefabricados em série, que se enquadra, certamente, entre as tentativas hábeis (e tão frutuosas) de explorar a credulidade pública.

### Existe um determinismo astrológico?

Para numerosos sábios — por exemplo, o astrónomo francês Paul Couderc (1) — a astrologia séria (quer seja tradicional ou com pretensões «científicas») repousaria, finalmente, sobre um conjunto de velhas superstições não verificáveis; tributária de uma visão do mundo que, apesar das tentativas de adaptação modernas, fazia repousar todo o Cosmos sobre o lugar central dado ao nosso pequeno planeta Terra (que é apenas um dos inúmeros mundos planetários que o nosso Universo conta), não teria qualquer fundamento científico. Enquanto o adágio metodológico rigoroso, sempre válido, proclama: «apenas existe ciência do geral», a astrologia repousa, também, sobre uma pretensão presunçosa dos indivíduos e dos grupos de se julgarem objecto privilegiado de influências, de forças prestigiosas, que regeriam os mais pequenos pormenores do seu destino. E, de resto, desenvolvendo nos seres humanos o fatalismo (ou, pelo contrário, a esperança tão ingénua de conseguir «mudar o destino» magicamente), a astrologia não contribuirá para encerrar, ainda hoje, as consciências num universo de superstições, de medos, de esperanças decididamente afastadas da realidade, e fazendo barreira aos desejáveis progressos da cultura científica nas massas? Os adversários da astrologia mostram-se, então, impiedosos em

---

(1) Ver a sua pequena obra *L'astrologie*, P. U. F., col. «Que sais-je?».

relação a essa «falsa ciência», na qual vêm apenas uma lamentável sobrevivência das épocas obscuras de superstição, em que os homens receavam a queda do céu sobre as suas cabeças, e em que os charlatães de todas as espécies estavam no galarim. Quanto às poucas previsões reconhecidas como exactas, de que se orgulham os astrólogos (1), seria fácil explicá-las, retirando-lhes todo o carácter «maravilhoso» ou «fatal»: poderia tratar-se de puras coincidências, assimiláveis aos súbitos sucessos do jogo de «cara ou coroa»; poderia, também, tratar-se de um hábil e astuto exercício de intuição psicológica do adivinho que, conhecendo as tendências marcantes de uma certa pessoa, saberia pressentir com segurança as suas reacções mais prováveis em tal ou tal circunstância (2). A astrologia não seria, portanto, repetimos, mais do que uma muito lamentável sobrevivência de velhas atitudes supersticiosas. Os sábios racionalistas chegam não só a preconizar vastas campanhas de informação do público, tanto à escala nacional como no plano internacional, mas, até, a pedir a adopção, pelos diversos governos, de medidas coercitivas que impediriam o livre exercício das actividades, tão frutuosas, de adivinho ou de astrólogo.

Mas, para toda uma série de pensadores modernos o determinismo astrológico não seria, antes, algo que não só existe (se bem que fora do domínio das pesquisas verdadeiramente científicas (3)), mas que se inseriria numa perspectiva filosófica muito coerente? É uma tal resposta afirmativa que Carl-Gustav Jung (1876-1961), o eminente psicólogo

---

(1) Independentemente do facto que o seu carácter *único*, não podendo ser reproduzido à vontade, os coloca, por conseguinte, fora dos critérios «científicos» de verificação.

(2) Seria necessário encarar, também, o papel da auto-sugestão: caso do indivíduo ao qual se predisse uma doença muito grave e que, ruminando sem cessar estas ideias negras, pouco a pouco vai minando todo o equilíbrio pessoal — e, portanto, a sua resistência aos ataques patológicos.

(3) Estaríamos, então, no domínio do que se chama «margens» ou «fronteiras» do saber científico.

e filósofo suíço, não hesita em dar. Respondendo, em 1954, a uma entrevista acerca da astrologia, declarava:

«Tem havido muitos casos de espantosas analogias entre o horóscopo e a disposição caracterológica. Há mesmo a possibilidade de uma certa predição [...]. O horóscopo parece corresponder a um certo momento do conluio mútuo dos 'deuses', quer dizer, dos arquétipos psíquicos.»

Jung esforçou-se por introduzir a possibilidade do determinismo astrológico na sua filosofia geral das relações entre a *psique* do homem e o seu universo. Cada um de nós terá podido verificar casos em que, misteriosamente, os factos materiais parecem correr ao encontro de uma constelação psíquica profundamente orientada em nós próprios. Por exemplo, um pesquisador científico, movido pelo desejo particularmente intenso de obter resultado, será facilmente conduzido a reunir — de maneira «instintiva», exactamente como se as coisas viessem «por magia» na sua direcção — materiais objectivos de natureza, justamente, a confirmar as suas hipóteses iniciais. Foi partindo dessas observações que Jung havia tentado pôr em evidência a estranha «convivência» assim susceptível de se manifestar entre o espírito humano e a natureza que o rodeia.

Assim se explicaria a exactidão de certas predições astrológicas através (dizia Jung) de «uma convivência» escondida e recíproca <sup>(1)</sup> entre o material e o estado psíquico do astrólogo». Jung desenvolvia, desta maneira, o conceito de «sincronia» (é a sua própria expressão), explicando os curiosos «encontros» significativos e susceptíveis de se produzirem, no tempo e no espaço, entre dois acontecimentos que não se encontravam ligados um ao outro por uma necessi-

---

(1) Em alemão: «heimliche gegenseitige Konnivenz».

dade material. De onde a possibilidade das chamadas «coincidências» astrológicas:

«Em situações animando um arquétipo (e a astrologia está incluída nelas), os algarismos podem corresponder a uma espera emocional, sob a influência de um factor de conciliação.»

Vejamos o pertinente comentário de Michel Gauquelin:

«Segundo Jung, o espírito pode, então, subtrair-se às evidências racionais, sobretudo nos estados de viva emoção, e penetrar num mundo em que existem outras categorias diferentes das do espaço e do tempo. Assim, acontece, por vezes, que um astrólogo dá a conhecer um carácter ou parece prever um acontecimento do futuro.»

Paul Couderc, co-director do Observatório de Paris, não hesita em declarar: «o balanço da astrologia científica é igual a zero; é talvez pena, mas é um facto.»

O historiador independente ousará mostrar-se tão afirmativo? Muitos mal-entendidos provêm, sem dúvida, da maneira fatalista e facilmente simplista pela qual se concebe ainda o determinismo astrológico. Enquanto a complexa realidade humana, posta assim em causa, encontrar-se-ia bem mais matizada. Citemos as linhas de um astrólogo actual, «Hadès», no seu artigo «Jours et Nuits d'un Astrologue» (*Cahiers Astrologiques*, n.º 135, nova série, Julho-Agosto de 1968, p. 536):

«A nossa vida poderia comparar-se a uma viagem por mar (a astrologia representaria a bússola ou simplesmente o conhecimento dos astros). Pois bem, e é essa a minha proposta, o estado do mar seria indicado pelos aspectos do tema natal. Aspectos maléficos: mar agitado. Aspectos benéficos: mar calmo. Tudo depende, então da vontade que fará empunhar os remos, ou seja, do Sol.»

O livre-arbítrio pessoal encontrar-se-ia, assim, salvaguardado, conforme o velho adágio «astra inclinant, non necessitant» (os astros orientam, não determinam).

Não se poderia fazer entrar o determinismo planetário entre as forças que, no meio exterior em que se insere toda a personalidade humana, sobre ela exercem o seu papel subtil? Sabe-se como — fenómeno bem conhecido — as manchas solares perturbam o magnetismo, enlouquecem as bússolas, e parecem ter acção (ainda mal conhecida) sobre o comportamento humano, individual e colectivo. Porque não conceber, então, que as forças «vindas do céu» possam desempenhar um papel nas predisposições próprias ao indivíduo que nasceu sob as suas influências conjugadas? Eis o que nos diz Michel Gauquelin (1):

«Pode formular-se uma hipótese: o efeito planetário não se exerceria directamente sobre nós, mas através do campo solar. Se fosse assim, o efeito devia encontrar-se influenciado pela actividade, maior ou menor, do Sol, ou, se se prefere, pela agitação, mais ou menos marcada, do magnetismo terrestre. É o que se observa retomando os dados de nascimento (2). O efeito de hereditariedade planetária é duas vezes mais acentuado nos dias em que o magnetismo é perturbado, do que nos dias em que está calmo.»

O sábio italiano Giorgio Piccardi aperfeiçoou testes químicos destinados a mostrar que as influências planetárias podem afectar a água das células humanas.

De qualquer maneira, todos os seres vivos terrestres regulam o seu ritmo de vida pelos movimentos do Sol e da Lua; em que é que seria, então, fantástico, anticientífico, juntar-lhes a acção eventual (certamente mais subtil) dos movimentos planetários e estelares?

---

(1) *Songes et mensonges* ..., p. 239.

(2) Cauquelin entregou-se a um minucioso inquérito estatístico.

## A astrologia e as grandes tradições espirituais

Com a condição de não conduzir a humanidade ao fatalismo passivo as perspectivas astrológicas são perfeitamente conciliáveis com as religiões reveladas. Bem pelo contrário, a astrologia mundial é ainda hoje utilizada pelos tradicionalistas cristãos para tentar justificar a sua visão cíclica sagrada de toda a História do Mundo. Aos leitores desejosos de conhecer estas perspectivas, recomendamos as curiosas, mas muito eruditas, conclusões do nosso amigo Jean Phaure, na série de tão notáveis números especiais consagrados aos ciclos (a partir do n.º 241, Maio-Junho de 1967) pela revista francesa *Atlantis*.

Hoje ainda, paralelamente aos astrólogos que tentam propor uma síntese entre a sua arte e as descobertas da psicologia moderna (1), há aqueles — não estando as suas pesquisas, aliás, em contradição com as primeiras — que situam sempre, antes de tudo, os seus trabalhos numa perspectiva tradicional (2).

Não é, de maneira nenhuma, por acaso que tantas cerimónias e ritos tradicionais estão em conformidade com os ciclos solares, lunares ou planetários.

É bem conhecido o papel dos ciclos do Sol e da Lua na liturgia cristã. O mesmo se pode verificar no ritualismo tradicional da Franco-Maçonaria (3).

Citemos estas observações, que nos fazem reflectir, de Alexandre Volguine:

«Vivemos no meio de um universo e, se a Iniciação é a passagem individual de um estado inferior a um outro estado, superior, o ambiente cósmico pode facilitá-lo ou,

---

(1) Cf. Adolphe Ferrière, *L'influence des astres*, 1946; *Le Mystère Cosmique*, 1949.

(2) Ver, por exemplo, a obra *Le Zodiaque*, de M. Senard, Paris, Éditions de la Colonne Vendôme, 1948, que considera os doze signos, na sua sucessão, como uma chave simbólica universal.

(3) Confrontar o prefácio de Alexandre Volguine à reedição (Nice, *Cahiers Astrologiques*, 1947) do livro de Jean-Marie Ragon: *De la Maçonnerie occulte et de l'initiation hermétique*.

pelo contrário, torná-lo mais difícil. É por esse motivo que todas as Iniciações antigas impunham como um dos seus fins imediatos adaptar o ritmo da vida humana às grandes actividades do céu. Os astros não são ditadores cegos, são os centros dinâmicos de forças mal conhecidas que se podem utilizar, ou não, para facilitar a sua própria evolução. Como é sempre mais fácil descer um rio do que subir a corrente. A utilização das forças cósmicas formavam uma parte importante de todos os rituais iniciáticos.»

Uma sociedade secreta rosacruziana moderna, muito activa na Alemanha e na Grã-Bretanha durante a «Belle Époque», a *Ordem Hermética da «Golden Dawn»*, nunca admitia novos membros sem ter procedido, previamente, ao estudo dos seus temas astrológicos.

### **Prestígio literário e artístico da astrologia**

Durante séculos, o astrólogo foi uma figura nobre, aureolada de prestígio aos olhos de muitos escritores. E, em pleno século XX, ainda essa nomeada se mantém em certos meios literários. André Breton e os surrealistas foram ardentes admiradores não, evidentemente, da astrologia de feira (a dos mercadores de horóscopos), mas de todas as belezas do simbolismo astrológico. Em colaboração com Claude Valence, Max Jacob (que não desdenhava de traçar, ele próprio, alguns horóscopos) escreveu um livro que foi publicado em 1949 (cinco anos depois da sua morte): um belo *Miroir d'Astrologie*. Outro poeta francês contemporâneo, Léon-Paul Fargue, revelava — na sua compilação *Les Quat'Saisons* (Paris, éditions de l'Astrolabe, 1948) — uma sensibilidade atenta aos símbolos zodiacais.

No que diz respeito às obras de arte europeias directamente inspiradas pela astrologia <sup>(1)</sup>, o fim da Idade Média

---

<sup>(1)</sup> Ver o excelente estudo, de G. F. Harthlaub, *Le reflet de l'astrologie dans l'art* (*La Tour Saint-Jacques*, n.º 4, Maio-Junho de 1956, pp. 76 e 84).

e o Renascimento viram o seu apogeu — e não deixaram de inspirar obras-primas da pintura: basta-nos citar as *Très riches heures du Duc de Berry*, e, no século XVI, as pinturas da escola de Pinturicchio, realizadas, no Vaticano, para os aposentos dos Borgia.

### Uma última palavra ...

Podia-se, facilmente, considerar a conquista astronómica da Lua como o toque de finados da astrologia, mas esta atitude seria fácil em demasia. Na realidade, é completamente inútil opor a astronomia e a astrologia, duas disciplinas, cujos fins e investigações são radicalmente *diferentes* uns dos outros. Mesmo quando o nosso Universo houver sido completamente explorado, os homens interrogar-se-ão ainda acerca dos casos que «podem», que «devem» acontecer-lhes nas suas vidas concretas. A astronomia (e tanto melhor que assim seja!) verá o seu domínio alargar-se, aprofundar-se mais e mais, mas haverá sempre, sem dúvida, astrólogos: tal é a «profecia» que não hesitamos em, fazer nossa, como conclusão desta obra.

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO — Pró ou contra? .....	13
-----------------------------------	----

## PRIMEIRA PARTE Apresentação da Astrologia

### Capítulo I Objectivos da astrologia

Que é a astrologia .....	19
Zodíaco e casas .....	21
Métodos e divisões da astrologia .....	30

### Capítulo II Estruturas astrológicas

Características da atitude astrológica .....	33
Símbolos astrológicos e tipologia .....	40
Ciclos cósmicos .....	42

### Capítulo III Hipóteses acerca da aparição da astrologia

Fonte primária do Zodíaco .....	47
Origens proto-histórica da astrologia .....	47
Hipóteses fantásticas .....	48
A astrologia e as outras «ciências ocultas» .....	49

**SEGUNDA PARTE**  
**Astrologia e Astrólogos através**  
**dos Tempos**

**Capítulo I**

**A astrologia antiga e oriental**

Os Mesopotâmios .....	55
O Egipto .....	59
Os Hebreus .....	66
A Índia .....	67
A astrologia entre os Gregos e os Romanos .....	69
Astrologia e Cristianismo .....	81
A astrologia do Extremo-Oriente .....	83
A astrologia na América pré-Colombiana .....	87

**Capítulo II**

**A astrologia na Idade Média**

A astrologia no Islão .....	95
A astrologia entre os Judeus Medievais .....	102
Os Bizantinos .....	103
A astrologia no Ocidente Medieval .....	105

**Capítulo III**

**O Renascimento**

Imenso prestígio dos astrólogos na Sociedade Europeia do Renascimento .....	117
Catarina de Médicis e a astrologia .....	125
Astrologia e magia: Nostradamus; John Dee .....	126
Na Itália e na Alemanha .....	131
Em direcção ao século XVII .....	135

**Capítulo IV**

**O século XVII**

Kepler e a astrologia .....	137
Astrólogos rosacruceanos .....	138

O talismã de Luís XIV.....	140
Descrédito científico crescente da astrologia .....	141
E, contudo... ..	143

Capítulo V  
O século XVIII

Um século céptico?.....	147
Sobrevivência da astrologia .....	148

Capítulo VI  
O século XIX

Sobrevivência da astrologia .....	151
O despertar da astrologia.....	154

Capítulo VII  
O século XX

Imenso impulso popular da astrologia.....	157
Astrologia comercial científica e tradicional .....	160
A astrologia na Segunda Guerra Mundial.....	162

**TERCEIRA PARTE**  
**Balanço Humano da Astrologia**

Mecanismos de previsão astrológica.....	169
Existe um determinismo astrológico?.....	170
A astrologia e as grandes tradições espirituais... ..	175
Prestígio literário e artístico da astrologia.....	176
Uma última palavra... ..	177